

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

***SUBJETIVIDADE, FAMÍLIA E VIOLÊNCIA:
REPERCUSSÕES NO ADOLESCENTE
CONTEMPORÂNEO***

MESTRANDA: CÉLIA MARIA SOUTO MAIOR DE SOUZA FONSÊCA

ORIENTADORA: DRA. HENRIETTE T. PENHA MORATO
CO-ORIENTADORA: DRA. ALBENISE DE OLIVEIRA LIMA

RECIFE/MARÇO/2002

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

CÉLIA MARIA SOUTO MAIOR DE SOUZA FONSÊCA

***SUBJETIVIDADE, FAMÍLIA E VIOLÊNCIA:
REPERCUSSÕES NO ADOLESCENTE
CONTEMPORÂNEO***

Dissertação apresentada ao Mestrado de Psicologia Clínica, no cumprimento das Exigências para a obtenção do grau de Mestre. Linha de pesquisa - A Construção da Subjetividade na Família.

ORIENTADORA: DRA. HENRIETTE T. PENHA MORATO
CO-ORIENTADORA: DRA. ALBENISE DE OLIVEIRA LIMA

RECIFE/MARÇO/2002

F676S

Fonsêca, Célia Maria Souto Maior de Souza
Subjetividade, família e violência : re-
percussões no adolescente contemporâneo /
Célia Maria Souto Maior de Souza Fonsêca. -
Recife : Fundação Antonio dos Santos
Abranches – FASA, 2002.

197 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade
Católica de Pernambuco. Departamento de
Psicologia, 2002.

1. Psicologia clínica. 2. Pais e Filhos – rela-
cionamento. 3. Subjetividade (Psicologia). 4.
Adolescentes-Violência. I. Título

CDU 159.922.8

***SUBJETIVIDADE, FAMÍLIA E VIOLÊNCIA:
REPERCUSSÕES NO ADOLESCENTE
CONTEMPORÂNEO***

CÉLIA MARIA SOUTO MAIOR DE SOUZA FONSÊCA

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dra. ANA LUCIA FRANCISCO

Prof^ª. Dra. ÂNGELA NOBRE DE ANDRADE

Prof^ª. Dra. HENRIETTE T. PENHA MORATO - Orientadora

*A Antônio,
porque um dia acreditou no sonho de que,
juntos, construiríamos uma família.*

*A Hugo, Cecília e Tony,
por terem transformado nosso sonho
em realidade.*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	VII
RESUMO.....	IX
ABSTRACT.....	XI
RESUMEN.....	XIII
I - A ORIGEM DE TUDO - Apresentando a Temática.....	15
II - EXPLORANDO A QUESTÃO - Uma Introdução.....	18
III - BUSCANDO AS PORTAS ORIENTADORAS - A Fundamentação Teórica.....	28
1 - A Violência da Cultura e a Cultura da Violência.....	29
2 - Mídia e Violência: Perigos e Possibilidades.....	40
3 - A Família Contemporânea e a Constituição da Subjetividade.....	56
4 - Violência e Cultura - Caminhos e (Des) caminhos na Produção da Subjetividade.....	72
IV - EM BUSCA DE UM MÉTODO - Construindo um Caminho.....	86
1 - Deixando-se Afetar pelo Fenômeno.....	94
1.1 - É Preciso Compreender - Visões de um juiz	95
1.1.1 – Aproximando-nos de nossa compreensão.....	107
1.2 - Televisão - Babá das crianças - Visões de uma jornalista.....	117
1.2.1 – Aproximando-nos de nossa compreensão.....	124
1.3 - Não sei como educar meus filhos - Depoimentos de uma família cujo filho praticou violência.....	130

1.3.1 – Aproximando-nos de nossa compreensão.....	137
1.4 - Somos Prisioneiros dessa Marginalidade - Depoimentos de uma família cujo filho foi vítima de violência.....	142
1.4.1 – Aproximando-nos de nossa compreensão.....	150
2 - Compreendendo o fenômeno.....	154
2.1 - À guisa de Pré-(in) conclusão.....	174
V - VIOLÊNCIA E DESAMPARO – Uma Articulação Possível?.....	177
VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	191

AGRADECIMENTOS

- ◆ Agradeço de modo especial à Jornalista, ao Juiz da Vara da Infância e da Juventude, e às duas Famílias que concordaram em colaborar com esta pesquisa, falando de suas experiências com a violência juvenil.
- ◆ Aos colegas do Departamento de Psicologia, do Mestrado em Psicologia Clínica e das respectivas secretarias, pela acolhida e partilha nas horas de dificuldade.
- ◆ Aos companheiros do Mestrado, que, pela escuta solidária e compartilhada, foram presença em toda a caminhada.
- ◆ À Universidade Católica de Pernambuco, na pessoa do Magnífico Reitor, Padre Theodoro Paulo Severino Peters, pelo financiamento do curso.
- ◆ Às Prof^{as.}, Cristina Brito, Maria Aparecida Craveiro e Zélia Melo, pelo apoio, pelas tantas indicações bibliográficas, sempre presentes em todo esse percurso.
- ◆ Um agradecimento especial à Prof^{a.} Cristina Amazonas, que, sempre disponível e receptiva, procedeu às leituras, críticas e sugestões ao meu trabalho, ajudando-me a corrigir rumos e a enriquecê-lo de forma significativa.
- ◆ Agradeço a todos os professores do Mestrado, por terem me conduzido a novos horizontes do conhecimento.
- ◆ Um agradecimento todo especial às minhas orientadoras: à Prof^{a.} Henriette Morato, pelos tantos desalojamentos que me proporcionou, todos desencadeadores de inúmeras articulações e geradores de novas possibilidades. Experimentando-os, pude ser lançada a novos e surpreendentes patamares do conhecimento, fonte de enriquecimento deste estudo. À Prof^{a.} Albenise de Oliveira Lima, por suas críticas e sugestões, pela ajuda permanente, segura, serena e acima de tudo profissional,

acolhendo-me em todas as turbulências, oferecendo-me “chão”, quando as reflexões me levavam às alturas.

- ◆ Às professoras Ana Lúcia Francisco e Ângela Nobre de Andrade, membros da Banca Examinadora, pelos tantos olhares que me possibilitaram enxergar, pela seriedade e profissionalismo com que procederam às críticas, observações e às valiosas sugestões ao meu trabalho.
- ◆ Um agradecimento afetuoso à minha família, ao meu marido e filhos, pela compreensão, pelas tantas renúncias que tiveram que fazer, pela paciência em adiarem, incontáveis vezes, nossos programas para “*depois do mestrado*”.
- ◆ Aos meus amigos Mabel da C. Silva, Frederick Cheong e Mariinha S. Cheong, Janne F. de Carvalho e Rafael C. da Nóbrega, pela disponibilidade com que me ajudaram, sem medir esforços, mesmo quando o tempo parecia curto demais.
- ◆ Finalmente, falar com precisão sobre todos aqueles que me ajudaram, ao longo deste trabalho, não é tarefa fácil. Foram tantas e tão ricas as trocas que com cada um deles pude realizar, que será melhor dizer: todos estarão presentes em cada uma das páginas que se seguirão.

SUBJETIVIDADE, FAMÍLIA E VIOLENCIA: REPERCUSSÕES NO ADOLESCENTE CONTEMPORANEO

RESUMO

É do domínio comum que a violência juvenil tem assumido proporções alarmantes, no Brasil e nas diversas partes do mundo. Em nosso País, deparamo-nos com uma realidade em que a violência, nas suas mais diversas formas de expressão, tem estado presente, fazendo parte, por vezes, dos modelos de identificação de muitos de nossos adolescentes, servindo-lhes, inclusive, de padrão de conduta e forma de auto-afirmação. Fazemos parte de uma cultura que convive, condescendentemente, com um cenário em que crianças e jovens perambulam, sem rumo, pelas ruas de nossas cidades. Os atos de violência, que daí resultam, caem, facilmente, no domínio da banalidade e do lugar comum, perdendo, gradativamente, o caráter de extraordinário e de brutal que lhe é inerente. Trata-se de um trabalho que tem por objeto de estudo a violência juvenil. Focalizamos a Cultura brasileira, enfocamos a Família contemporânea, discutimos o papel da Mídia e, por fim, vimos como todas as forças e fluxos advindos de diversas instâncias, interagem no sentido da constituição da subjetividade de um adolescente violento. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na perspectiva fenomenológica. Utilizamos o diálogo como ponto de partida. Ele aconteceu, através de depoimentos colhidos, como registro da experiência de representantes da cultura, acerca da violência juvenil. Ouvimos um juiz da Vara da Infância e da Juventude, uma jornalista, e membros de duas famílias, cujos filhos estiveram envolvidos com atos de violência, seja na condição de vítima ou de autor. O procedimento de análise foi o da compreensão das informações colhidas via depoimentos. Foram feitas articulações com o pensamento de teóricos que tratam da questão. Em nossa análise, identificamos aspectos da Cultura Brasileira que funcionam como facilitadores da expressão de violência; deparamo-nos com uma família fragilizada e pouco comprometida com a educação dos filhos; vimos uma sociedade omissa e pouco sensível à causa da infância; encontramos políticos indiferentes à pobreza no país; assistimos a uma Mídia superficial, cujo compromisso maior se faz com interesses escusos de uma Economia de Mercado, em que princípios éticos e morais não ditam as regras de conduta e de

convivência social. Ficamos frente a frente com o homem contemporâneo em seu desamparo. Por fim, reconhecemos, na violência, toda a potência do caos; não apenas no teor de sua destrutividade, mas também, em seu potencial criador, desde que, para tanto, o reconheçamos em toda a sua processualidade.

Palavras-Chave: Adolescente, Família, Cultura, Subjetividade, Violência.

SUBJECTIVITY, FAMILY AND VIOLENCE: REPERCUSSIONS IN THE ADOLESCENT CONTEMPORARY

ABSTRACT

It is in common authority that juvenile violence has reached alarming proportions in Brazil and in other parts of the world. In our country, it is evident that where the violence, in its most diverse forms of expression has been present, forming part, and at times, the model of identification in many of our adolescent, serving them as a standard form of conduct and self affirmation. We form part of a culture, which cohabits condescendingly in a scene, where children and young people walk about aimlessly in the streets of our cities. The acts of violence which follow, fall easily in the rule of vulgarity and commonplace, so gradually losing the extraordinary character and brutality, which is inherent. This study is on juvenile violence. The focus was on the Brazilian Culture paying special attention to the contemporary Family, the role of the media was discussed, and, in the end, concluded that the effect of all these diverse factors interacted with the subjectivity of juvenile violence. It is interesting that the violence, while the situation affects mankind, and treating this research qualitatively, in a phenomenal perspective, the dialogue was the starting point. This dialogue was from the collected evidence, such as the notes from the experience of representatives of the culture near to the juvenile violence. A judge from the Child and Juvenile Court, a journalist and members of two of the families, whose children were involved in acts of violence, either as a victim or attacker, were interviewed. The method of analysis was an understanding of the collected information from the evidence in contrast to the theoretic ideas in question. Aspects of the Brazilian Culture which facilitate the expression of violence were identified in the study; it brought to light a fragile and uncompromising family regarding the education of their children; a negligent and insensitive Society to the needs of the children; politicians indifferent to the poverty of the country; a superficial Media where the emphasis is in the hidden interest of the Market Economy, where Ethics and Morality do not dictate the rules of conduct and social act. We are face to face with contemporary man in his abandonment. In the end

we recognize in violence all the potential of chaos, not only in the manner of its destructiveness, but also in the breeding potential, from which, however, we recognise it in its legal proceedings.

Main Words: Adolescent, Family, Culture, Subjectivity, Violence

SUBJETIVIDAD, FAMILIA Y VIOLENCIA: REPERCUSION EN EL ADOLESCENTE CONTEMPORANEO

RESUMEN

Es del dominio público que la violencia juvenil ha asumido proporciones alarmadoras, en el Brasil, y en las distintas partes del mundo. En nuestro País, a la vez, en tanto nos confronta con una realidad donde la violencia, en sus más distintas formas de expresión, há estado presente, haciendo parte, algunas veces, de los modelos identificatorios de muchos adolescentes, haciendo servir, inclusive, de patrón de conducta y forma de autoafirmación. Hacemos parte de una cultura que convive, condescendentemente, con un escenario en que niños y jóvenes desamparados, viven por las calles de nuestras ciudades. Los actos de violencia provocados por esto caen, fácilmente, en el dominio de la banalidad y del lugar común, perdiendo así, de grado en grado, su carácter de extraordinario y de brutal. Tratase de un trabajo que tiene por objeto de estudio da violencia juvenil. Nuestra mirada apunta hasta la Cultura Brasileña, enfocamos la Familia contemporánea, discutimos el rol de los Medios de Comunicación de Masa y, al fin, vimos como las fuerzas y flujos advenidos de las más distintas instancias, conlleva a constitución de la subjetividad de uno adolescente violento. Tratase de una investigación cualitativa, en una perspectiva fenomenológica. El diálogo fue nuestro punto de partida. El dicho diálogo aconteció a través de deponemientos cogidos, como registro de la experiencia de representantes de la cultura, acerca de la violencia juvenil. Oímos un juez Tutelar de Menores, una periodista y miembros de dos familias, cuyos hijos se involucraron con actos de violencia, sea en la condición de víctima o de autor. El procedimiento del análisis fue el de la comprensión de informaciones cogidas por deponemientos, en articulación con el pensamiento de expertos que tratan de dicha cuestión. En nuestra análisis, identificamos aspectos de la Cultura Brasileña que actúan como facilitadores de la expresión de violencia; nos deparamos con una familia frágil y sin compromiso con la educación de sus hijos; vimos una Sociedad omisa y poco sensible a la causa de la infancia; encontramos políticos indiferentes a la pobreza en el país; asistimos a los Medios de Comunicación de Massa superficial, cuyo compromiso conlleva al interés excuso de una Economía de Mercado, en que principios éticos y morales no inscriben las reglas de conducta y de convivencia social. Nos quedamos frente con el hombre contemporáneo en su desamparo. Por fin, reconocemos en la

violencia toda la potencia del caos, no solamente en le eje de su destructividad, pero también, en su potencial creador, desde que para esta, lo reconozcamos en su procesión.

Palabras Clave: Adolescente, Familia, Cultura, Subjetividad, Violencia.

I – A ORIGEM DE TUDO – Apresentando a Temática

*“Não sabíamos que era um índio,
pensávamos que fosse um mendigo.”*

Rapazes de Brasília
que queimaram índio.

Ao optar por estudar um tema tão forte e complexo quanto o da violência juvenil, tive a certeza de que tantos outros como família, cultura e subjetividade, de pronto me saltariam aos olhos, como que a demandar de mim um olhar especial para cada um deles.

Como percorrer todos esses caminhos sem escancarar as portas da minha alma deixar sair, do mais íntimo de meu ser, inquietações e experiências vividas ao longo de minha própria vida?

Coloquei-me então, na escuta de mim mesma e me dei conta de que a profissional, a mãe e a cidadã que há em mim encontravam-se igualmente inquietas com a mesma questão: a crescente violência juvenil.

Idas e vindas marcaram esse meu caminhar. Tomadas e retomadas, mudanças de tema, interrupções e, por fim, a decisão de estudá-lo.

Resolvi fazer uma viagem no tempo e vi que as marcas da violência guardavam uma estreita relação com o modo de subjetivação do homem moderno e já se faziam representar nos primórdios da nossa história de nação, antecedendo a minha própria história pessoal. Os pilares de sustentação da violência que vemos hoje, em nosso País, já tinham as suas bases lançadas no extermínio de índios e na destruição de

sua cultura, caracterizando-se, em sua origem, como *"uma sociedade escravocrata e coronelista"*. LEVISKY (1997, p. 24).

Continuei caminhando no tempo. Vi que, na minha juventude, lá estava a violência materializada em um governo autoritário e inseqüente. Mais uma vez, inscrevia-se em nossa história as marcas de uma violência que esmagava os ideais de um povo, cortando na base os sonhos de liberdade de todos nós: os meus e os da nação.

Adiante em meu trajeto, já na idade adulta, como profissional, vi, muitas vezes, que formas violentas de ser e de lidar com o outro misturavam-se às práticas autoritárias de muitos de meus "chefes" que, aprendendo a mandar, esqueceram-se de liderar.

Hoje, com mais freqüência, a identifico nas calçadas de nossas ruas, perambulando lado a lado com crianças e jovens, que por vezes são violentos e me causam medo, mas, com certeza, são violentados diariamente, de forma implacável, pela vida de miséria e de abandono a que estão, inapelavelmente, submetidos.

Revolta-me reconhecer a violência na mão do corrupto que tira o recurso destinado à nação, privilegiando o desonesto e o descomprometido com a Pátria; reconheço-a nas malhas da impunidade que desconhece deveres e viola direitos, sem o menor constrangimento daquele que o faz.

Reconheço a violência na área interna de meu prédio, quando a vítima, fruto da desorganização familiar de vizinhos, é meu próprio filho; reconheço-a em minha casa, quando o noticiário da TV, indiferente à minha sensibilidade, anuncia que, na Capital Federal, *"jovens queimaram índio, pensando que fosse um mendigo"*.

Dura caminhada essa! O cansaço e a vontade de "voltar para casa" já começam a me incomodar. De que casa falo, se essa é minha própria casa? O que me

resta senão arregaçar as mangas e por as mãos na argamassa que constrói e dá sustentação às novas construções? Afinal, não é assim que faz um mestre de obras quando há novas construções por fazer?

Resolvi, pois, estudar o tema com toda a sistematização que um trabalho científico possa exigir. Sei que é preciso enfrentar a questão fazendo o resgate teórico e experiencial de um conhecimento que, de há muito, guardo dentro de mim; e, ao final, quem sabe, fazer falar meu coração a todos aqueles que, como eu, inquietam-se com a mesma questão: a crescente violência juvenil.

Assim, esta pesquisa se justifica não só por tentar buscar maiores subsídios sobre o tema, como também, por possibilitar que se lance um olhar para o material recolhido, na tentativa de se identificar algo que possa ser transmitido à família, no sentido de melhor lidar com a questão.

Procurei estar atenta a todos os relatos dos participantes buscando conhecer aqueles que oferecessem uma tinta mais nítida e expressiva para pintar o quadro da violência juvenil; aí, então, dei a moldura que melhor realçasse aqueles elementos que foram postos à minha frente. Semelhante a um artista, tomei este quadro e dei a ele um lugar de destaque na galeria da vida, de forma a ser visto por todos aqueles que, como eu, interessam-se por esse tipo de obra.

II -EXPLORANDO A QUESTÃO -Uma Introdução

*"Tirem-me a esperança de mudar
o futuro , e enlouquecer-me-ão."*

Zargwill

É do domínio comum que, na contemporaneidade, a violência juvenil tem assumido proporções alarmantes, não apenas no Brasil, mas também em diversas partes do mundo.

Em nosso País, deparamo-nos com uma realidade em que a violência, nas suas mais diversas formas de expressão, tem estado presente na cotidianidade, fazendo parte, por vezes, dos modelos de identificação de muitos de nossos jovens, servindo-lhes, inclusive, de padrão de conduta e forma de auto-afirma.

Fazemos parte de uma cultura que convive, condescendentemente, com um cenário em que crianças e jovens perambulam, sem rumo, pelas ruas de nossas cidades. Os atos de violência que daí resultam, caem, facilmente, no domínio da banalidade e do lugar comum, perdendo, gradativamente, o caráter de extraordinário e de brutal que lhes é inerente.

As preocupações com a violência têm extrapolado o domínio das ciências e, não raro, transformado-se em objeto de discussão das famílias, dos governos e dos diversos meios de comunicação. Por outro lado, não obstante a divulgação que a mídia faz acerca dos números da violência no Brasil, sentimos crescer uma espécie de passividade em nossa sociedade diante do que esses dados possam significar. É como se, enquanto sociedade, estivéssemos perdendo, lentamente, a capacidade de nos indignarmos diante do absolutamente cruel. Estaríamos presenciando a instalação de um processo de

banalização da crueldade, sintoma de uma espécie de *patologia social* que estaria a tomar assento em nossa realidade cultural? Ficamos a nos perguntar.

Neste cenário, não é raro vermos que atos de violência facilmente se transformam em valores a serem incorporados e até mesmo sirvam de balizadores à conduta de jovens, norteando-os em suas relações afetivas e sociais. Haja vista o surgimento, em outras regiões do País, de casos de jovens ateando fogo em mendigos, como se verificou no episódio de Brasília, em que quatro rapazes queimaram vivo um índio Pataxó.

Parece-nos, imprescindível, entender esse jovem violento de forma contextualizada. É preciso que o consideremos enquanto sujeito instalado em sua cultura e inserido numa sociedade de característica marcadamente violenta. Segundo LEVISKY (1997),

(..)a sociedade brasileira tem vivido um tipo de violência passiva, fruto da repressão e da castração cujas origens datam de épocas coloniais, caracterizadas por uma mentalidade escravocrata e coronelista. (..) Esta violência passiva se expressa pela negligência, pela desfaçatez, pela corrupção, pela indiferença, pelo fenômeno de fazer vista grossa, que são reveladores de um clima de conivência refletora de uma violência estrutural de nossa organização social e psicológica, com profunda desvalorização das relações humanas, do ser e do viver (p.24).

A cultura brasileira estaria, assim, profundamente marcada por uma postura polarizada, em que se teve, de um lado, o aventureiro e dominador português, e de outro, o nativo indefeso, passível de ser dominado. Nossos modelos de identificação estariam muito mais vinculados ao português dominador, ao poderoso e ao bem sucedido. Estariam associados ao conquistador que aqui chegou, como um verdadeiro invasor que ocupou a terra, submeteu os índios e construiu, não uma nação forte e independente, mas uma parada obrigatória, de grande interesse comercial, transformada, posteriormente, na longínqua colônia pronta a enriquecer a falida Corte Portuguesa. Este dominador roubou, até o esgotamento, o ouro das entranhas de nossa terra, as suas pedras preciosas, o

pau-brasil, madeira nobre que, como nos lembra CALLIGARIS (1996), por fim serviria de inspiração ao nome da bela terra conquistada -BRASIL.

Guardaria pois, consigo, a palavra BRASIL, uma espécie de mensagem subjacente de exploração e de desrespeito, a se perpetuar historicamente? Estariam gravadas, em suas entranhas de nação, as marcas da exploração que moldaram o seu nascimento e delas não tendo conseguido se libertar ainda hoje?

Ficamos a nos perguntar se esses fatos históricos não se teriam transformado numa espécie de estigma da exploração e do desrespeito que vemos, ainda em nossos dias, impregnar o mais simples dos nossos atos? Não estariam eles representados no abandono de jovens e crianças, no desrespeito que temos para com a natureza, no lidar mal com o bem comum ou mesmo quando depredamos a coisa pública? Em cada um desses gestos vemos formas violentas de lidar com a vida, como se eles, em sua essência, estivessem sempre a evocar uma possibilidade de destruição e morte.

Analisando a violência juvenil, não poderíamos deixar de considerar questões que atravessam a subjetividade desses jovens, e que, de alguma forma, são oriundas das peculiaridades históricas do nosso País. Precisávamos enfatizar a importância de ser membro de uma família, que interage com a cultura, com o econômico e com o social. Também não poderíamos deixar de considerar as características deste homem contemporâneo que, vivendo um desamparo em excesso -aqui denominado de "*excedido*"¹ – carente de reconhecimento, a quem lhe faltam as referências mínimas de estar no mundo e de ser sujeito, tem sua subjetividade firmada no desrespeito aos seus valores e na negação de sua humanidade, condição que se apoia nos movimentos de alienação que o afastam de si mesmo e de seus semelhantes e que estimulam formas diversas de crueldade e de violência para com o outro.

¹ Expressão utilizada pela Professora Ora. Ana Lúcia Francisco, para remarcar a diferença entre o desamparo ontológico e a falta de ancoragem do homem contemporâneo.

Certamente que esse cenário de desrespeito aos valores do homem e à sua humanidade, mostra-se como um acolhedor ambiente para todo tipo de relação descartável e utilitária. Aí também encontra acolhida o 'ficar'² do jovem contemporâneo que, para alguns deles, pode ter caráter de um contato superficial e passageiro. A esse respeito, nos diz PERES (1999, p. 4) que: "*Nesse particular, é interessante observarmos o uso do verbo ficar para significar, não um estado de permanência, mas a transitoriedade de um contato ajetivo-sexual.*" Ressalte-se ainda que, esse ambiente de desrespeito e de descartabilidade mostra-se como bastante receptivo ao descaso que verificamos para com a infância e para com a juventude; foi nele que a fome conquistou espaço; que se deu guarida não apenas à miséria, mas também a toda sorte de chacinas sem reparação, que, impunemente, vemos proliferar diante de nossos olhos.

Seria simplismo de nossa parte tratarmos a violência juvenil sem essa incursão pela cultura e sem um diálogo com a família, por sabermos ambas construtoras desse campo de forças em que se constrói a subjetividade do adolescente violento a que temos nos referido.

Em nosso estudo, focalizamos a violência juvenil, a partir do olhar de representantes da cultura brasileira, aqui representados por um juiz, uma jornalista e duas famílias. Tentamos compreender como a família, inserida na cultura brasileira, estaria contribuindo enquanto elemento produtor de subjetividade do jovem violento.

² Vale ressaltar que o termo 'ficar' pode significar, também, além de um encontro passageiro, um importante exercício de liberdade para o jovem. ocasião em que são experimentados os primeiros contatos, transformando-se assim numa possibilidade de experimentação, fonte de amadurecimento e significativa etapa que antecede o namoro. Segundo a revista VEJA (2002, pp. 81-82) "*Os pesquisadores começam a detectar uma mudança na natureza dos namoricos dos anos 90, que os jovens chamam de 'ficar'. Ele pode estar se tomando para muitos uma relação mais séria -mesmo que paradoxalmente passageira e descompromissada.. (...) A pesquisa registrou que muitos jovens passaram a , transar com quem 'ficam ', diz Maria das Graças Rua, professora da UNB e uma das coordenadoras do I levantamento nacional feito pela UNESCO "*

O conceito de subjetividade, neste trabalho, será compreendido como um campo de forças, como nos falam ROLNIK e GUATTARI (1993),

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização -ou seja, a produção de sentido, de eficiência semiótica -não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microsociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extra pessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra- humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, desensibilização, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e de produção ideica, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.). (...) A subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. Uma coisa é a individuação do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social (p.31).

É preciso que não percamos de vista que cada época guarda consigo formas próprias da humanidade expressar sua problemática e de elaborar os seus sintomas, o que nos obriga, enquanto pesquisadores, a ampliar o nosso olhar a limites cada vez mais abrangentes.

São muitas as formas que o comportamento do homem assume em virtude das grandes transformações verificadas na contemporaneidade. Algumas das configurações emergentes, tais como uma subjetividade marcada essencialmente pelo consumo e pelo individualismo, ao lado de uma supervalorização da ciência e da racionalidade, podem ser vistas, por alguns, como resultante da inoperância do projeto da modernidade, naquilo que pretendia enquanto estimulador da humanidade do homem. Na tentativa de explicar esse fracasso do projeto da modernidade, fala-se na exacerbação do moderno, caracterizando o nosso tempo como o da *hipermodernidade*; outros têm usado o termo *pós-moderno* para englobar as novas constelações que adotam o histórico e o social em suas múltiplas vertentes na atualidade. Desta feita, as repercussões dessas ondas de

transfonnação têm incidido tanto na família enquanto grupo constituído, quanto nos indivíduos que a constituem.

Para o estudo da família, fomos buscar no pensamento de ROJAS (1998) elementos necessários a uma maior compreensão do tema. Para esta autora, a família encontra-se situada numa cultura, com características definidas e regras próprias, sensível às influências advindas dos acontecimentos históricos de seu tempo, dialogando e interagindo com seus membros, influenciando-os e sendo por eles influenciada.

Vamos identificar a família como uma organização que sofre influências tanto do social quanto dos paradigmas teóricos que influenciam o pensamento contemporâneo, mostrando-se aberta e incompleta, e, por essa razão, modificando-se, incessantemente, nos seus limites e nas suas fronteiras. Nesse jogo de forças, ganham espaço o imprevisível e a incerteza, conduzindo hoje, cada vez mais, pais e educadores, nas relações que estabelecem com seus filhos e educandos, ao terreno do incerto e do desconhecido, o que os leva à construção de novos caminhos.

O dentro e o fora já não se apresentam como limites claros e definidos para a família contemporânea. Seus contornos são fluidos e permeáveis. O dentro influencia o fora, o fora repercute no dentro, gerando uma dinâmica complexa e permanente, com repercussão direta na constituição da subjetividade de seus membros.

Falando sobre subjetividade, ROLNIK (1997) o faz exatamente a partir das imagens do '*dentro*' e do '*fora*' que interagem, fruto de uma permanente agitação de forças. Achamos que semelhante movimento acontece na família, na medida em que ela está aberta ao meio, influenciando-o e sendo por ele influenciada a cada nova situação que enfrenta. Neste sentido, vejamos como as imagens sobre subjetividade, trazidas pela autora, ilustram a nossa descrição acerca do movimento vivido pela família. Assim nos diz a autora:

(...)o que observamos agora é que dentro e fora não são meros espaços, separados por uma pele compacta que delineia um perfil de uma vez por todas. Percebemos que eles são indissociáveis e, paradoxalmente, inconciliáveis: o dentro detém o fora e o fora desmancha o dentro. Vejamos como: o dentro é uma desintensificação do movimento das forças do fora, cristalizadas temporariamente num determinado diagrama que ganha corpo numa figura com seu microcosmo.. o fora é uma permanente agitação de forças que acaba desfazendo a dobra e seu dentro, diluindo a figura atual da subjetividade até que outra se perfila (p.27).

É, certamente, com essa face mutante que a família contemporânea se nos apresenta. Em articulação permanente com a cultura, ela se faz e se refaz, modificando-se a si e a seus membros a cada nova situação que se lhe apresenta.

Voltando a ROJAS (1998), vamos nos deparar, segundo ela, com o redimensionamento da família tradicional. Se antes, pai, mãe e filhos formavam o ideal social de transmissão dos valores culturais, o mesmo já não ocorre em nossos dias. Hoje o casamento é transitório, o amor e o laço conjugal são marcados pela provisoriedade. Damo-nos conta também de que a função primordial da família, a de mediadora, encontra-se francamente ameaçada, o que a expõe a profundas transformações. Entretanto, apesar de todas as desconstruções a que foi submetida, a família contemporânea mantém uma configuração própria, apresentando-se, como nunca, interligada à ampla rede da cultura. O que vemos hoje é que, mais que ontem, o mundo social compete fortemente com a família, constituindo-se, por sua vez, numa possibilidade geradora de vínculos e de pertinências e, dessa forma, interferindo significativamente na produção da subjetividade de seus membros.

Em sintonia com o pensamento da autora, estivemos atentas no sentido de não nos deixarmos conduzir por análises de cunho modelar e naturalizante que advogam uma desestruturação familiar, considerada por alguns como típica da família contemporânea.

Sabemos que cada momento da cultura é marcado por formas de relação entre os homens, diferenciadas e peculiares, repercutindo direta ou indiretamente no tipo e na qualidade dos vínculos por eles estabelecidos. A nossa época, portanto, tem sido marcada pelo progresso tecnológico, cujos desdobramentos têm repercutido diretamente na organização das famílias e nos vínculos por elas estabelecidos.

Nunca se falou tanto na crise da família, no papel da mulher no lar e no exercício da paternidade como nos nossos dias. O modelo de família patriarcal já não se impõe como tal, e muitos outros começaram a se configurar. Pais e educadores perderam antigas referências que os norteavam em matéria de educação e no tipo de vínculo a estabelecerem. Os filhos, por vezes, incomodados em seus lugares, clamam por socorro, contorcem-se, agridem, matam, morrem. Seria tudo isso uma tentativa bizarra de se fazer notar ou de pedir para ser cuidado?

São pois esses filhos adolescentes, típicos representantes da faixa etária que optamos por focalizar em nosso trabalho, atores da violência a que vimos nos referindo, que se tomam, no momento, o foco principal de nossa exploração. Sobre a adolescência, encontramos em OSÓRIO (1989), citado por OLIVEIRA (2000), a seguinte caracterização:

A adolescência é uma etapa evolutiva peculiar do ser humano. Nela culmina todo o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo. Não se pode compreender a adolescência estudando separadamente os aspectos biológicos, psicológicos, sociais ou culturais. Eles são indissociáveis e é justamente o conjunto de suas características que confere unidade ao fenômeno da adolescência (p.32).

Por tudo isso, poderíamos dizer que a adolescência caracteriza-se como uma fase em que o indivíduo abre-se ao recebimento do novo, podendo este novo ser constituído tanto por elementos construtivos, quanto por fatores perturbadores e destrutivos. Múltiplas são as interações que se estabelecem com a sociedade da qual faz parte e onde ele vai buscar os novos modelos de identificação, necessários aos seus

processos de subjetivação. O adolescente é vulnerável e suscetível às influências do meio sócio-cultural; vai buscar, dentro e fora do núcleo familiar, aspectos que deseja incorporar à sua realidade pessoal e com os quais precisa aprender a lidar. A partir daí, incorpora, desenvolve e transforma valores na busca de seu próprio modo de ser, de pensar e de viver.

Sendo a adolescência, por excelência, um tempo de possibilidades e de inauguração de novas formas de subjetivação, poderíamos entender a violência juvenil como uma dessas possibilidades de 'expressão de si'? Como tem se constituído a subjetividade desse jovem que vive a transição entre o *moderno* e o *contemporâneo*? Tentar decodificar essa linguagem por ele escolhida para se comunicar, se assim podemos nos referir à violência juvenil, mostra-se como uma tarefa estimulante e desafiadora a todo aquele que opte por pesquisá-la. Para tanto, acreditamos não poder lançar um olhar retilíneo sobre a questão, e sim focalizá-la em alguns de seus pontos mais significativos. Talvez devamos transformar o nosso olhar numa espécie de feixe de luz que, de maneira oscilante, possa focalizar a questão nos múltiplos aspectos reveladores da experiência desses adolescentes.

Com essa intenção, este trabalho pretendeu compreender a violência juvenil de nossos dias e suas possíveis implicações na produção da subjetividade, partindo do olhar de representantes diversos da cultura. Neste sentido, buscamos identificar alguns aspectos da cultura brasileira que possam favorecer a expressão da violência juvenil, como também procuramos conhecer olhares que se possam lançar sobre a questão, a partir de depoimentos de famílias e de outros membros representativos da cultura, como foi o caso da jornalista e do juiz da infância e da juventude por nós entrevistados. E, finalmente, objetivamos problematizar as possíveis relações entre expressão de violência juvenil, cultura e subjetividade.

Desse modo, nosso estudo pretendeu privilegiar os conteúdos trazidos pelos depoimentos prestados por nossos entrevistados, buscando as articulações passíveis de serem estabelecidas entre família e cultura enquanto produtoras de subjetividades; para tanto, partimos da certeza de que, a realidade, qualquer que seja ela, é sempre muito mais complexa, multifacetada e contraditória que qualquer abordagem teórica possa circunscrever; entretanto, esta certeza não nos impedirá de iluminar algumas de suas dimensões, neste ou em qualquer outro trabalho que venhamos a realizar sobre o assunto.

III -BUSCANDO AS PORTAS ORIENT ADORAS: Fundamentação Teórica

"Explicações para a violência impedem que a violência real se torne compreensível."

Marilena Chaui

Introduzida a temática, descreveremos a seguir, a nossa trajetória neste estudo.

Dividimos a fundamentação teórica em quatro momentos. No primeiro, discutimos as questões que dizem respeito à relação entre cultura e violência. Aí, examinamos as repercussões sobre a cultura brasileira, da forma violenta com que se constituiu o nosso processo de colonização, gerando o que poderíamos chamar de *cultura da violência*, fenômeno que vemos hoje impregnar o *jeito de ser'* do brasileiro.

Em seguida, trabalhamos o tema da família contemporânea, suas características e principais obstáculos enfrentados quando da difícil tarefa de educar seus filhos, ao tempo da pós-modernidade.

Analisamos, ainda, o papel da mídia e as possíveis relações que se possam estabelecer entre ela e o problema da violência, considerando-a do ponto de vista dos perigos e das oportunidades que possa oferecer à questão estudada.

Por fim, buscamos uma articulação entre cultura, em especial a brasileira, violência, e o que ambas, em conjunto, têm possibilitado ao nosso adolescente, no sentido da produção de uma subjetividade violenta.

1 -A VIOLÊNCIA DA CULTURA E A CULTURA DA VIOLÊNCIA

*"A civilização que sacrifica povos e culturas
antiquíssimas é uma farsa amoral."*

Carlos Drummond de Andrade

Para estudarmos a violência juvenil, é preciso que façamos algumas articulações, em especial com a cultura, enquanto produtora de subjetividades.

Sabemos que nenhum conceito é neutro. De alguma maneira ele é determinado historicamente, evoluindo, inclusive, ao compasso das transições paradigmáticas. Se assim se faz, como articular violência e modernidade?

Na tentativa de ampliar nossa compreensão acerca do assunto, recorreremos a BOA VENTURA DE SOUZA SANTOS, quando analisa a questão do social e do político na pós-modernidade. E assim nos diz SANTOS (1999):

(...)procurei mostrar que o projeto da modernidade é caracterizado, em sua matriz, por um equilíbrio entre regulação e emancipação, convertidos nos dois pilares sobre os quais se sustenta a transformação radical da sociedade pós-moderna. O pilar da regulação é constituído por três princípios: o princípio do Estado (Hobbes), o princípio do Mercado (Locke) e o princípio da Comunidade (Rousseau). O pilar da emancipação é constituído pela articulação entre três dimensões da racionalização e secularização da vida coletiva: a racionalidade moral-prática do direito moderno; a racionalidade estético-expressiva das artes e da literatura modernas...

(...) este equilíbrio, que parece ainda como aspiração decaída, na máxima positivista da "ordem e progresso" não foi nunca conseguido.

(...) o desequilíbrio entre regulação e emancipação e o conseqüente excesso de regulação em que veio a saldar-se, resultou de desequilíbrios, tanto no seio do pilar da regulação como no da emancipação (p. 236).

No projeto da modernidade, o homem era considerado como o centro do mundo; havia um 'cogito' e através dele dominaria o universo. Tal projeto haveria de guiar esse homem em todo o seu caminhar; entretanto, ainda que em suas diretrizes referido projeto visasse, de um lado, ao crescimento do sujeito no seu processo de hominização, e do outro, oferecesse sustentáculos para que esse processo pudesse acontecer, o que se verificou, tal como apontado por SOUZA SANTOS, foi um desequilíbrio tanto no Pilar da Regulação quanto no da Emancipação. A partir daí, o Princípio do Mercado e o da Racionalidade Cognitivo-Experimental assumem a soberania sobre os outros, favorecendo a produção do que ROLNIK e GUATTARI vêm denominando de uma "Subjetividade Capitalística"¹

Ocorre que o princípio do Estado perde em sua capacidade de possibilitar uma convivência satisfatória e igualitária aos membros da sociedade, e, nestas condições, à custa da miséria de muitos, é que se produzem as alianças perversas. Sob esta ótica, ganham espaço, cada vez mais, 'o quanto' e 'o quê' se tem, embora saibamos todos, que nada disso produz cidadania. Instalam-se os modos de produção capitalísticos², que, no dizer de GUATTARI, não funcionam unicamente no registro dos valores de troca, da ordem do capital, mas, também, através de um modo de controle da subjetivação, na medida em que cria uma '*sujeição da subjetividade*' ao modo de funcionamento imposto pelo capitalismo. O que seria, mais precisamente, no dizer de GUATTARI e ROLNIK (1993, p. 16), a '*produção de subjetividade capitalística*'. " Com isso, diminui a potência cognitiva da comunidade, cresce a parcela de exclusão, e, com ela, a da violência também.

¹ Segundo ROLNIK (1998, p.4-5), Mimeo. "Este tipo de subjetividade caracteriza-se por uma neutralização do desejo como processo de produção, criador e construtivista. "

² Guattari criou o termo para designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas mas setores do 'Terceiro Mundo' ou do capitalismo 'periférico', como também as economias socialistas do leste europeu que vivem numa dependência e contradependência do capitalismo.

Embora vivamos sob a égide do pensamento pós-moderno, o nosso momento é contemporâneo. É nessa ambígua situação que o homem de nossos dias encontra-se localizado. **ROLNIK** (1992) chama a nossa atenção para as repercussões sobre a subjetividade desse homem, exposto a tão controvertida condição paradigmática. Assim nos fala a autora:

Aquela essência identitária, vivida como uma espécie de sólida e Inabalável morada da subjetividade, na época anterior, é tomada de estranhamento. É como se a casa estivesse sendo invadida por um estranho que teria imposto a sua presença, independentemente de convite ou aceitação, já que ele é fruto do encontro com o outro e que este encontro é inelutável. E com a instalação deste intruso se tomasse impossível manter a ordem na casa. (...) Vou chamar de "estranho em nós", esta experiência de ruptura do sentido vigente, tal como vivida pelo suposto em si identitário, em torno do qual se organiza o tipo dominante de subjetividade daquele momento, lembrando que este mesmo tipo continua a dominar ainda hoje, embora em estado de agonia (p. 2 -3).

Sabemos que na modernidade, o pensamento positivista ganhou espaço e passou a influenciar, decisivamente, as ciências da época. O homem passou a ser visto não apenas como o centro do universo, mas, também, como capaz de dominá-lo através da razão. É sob a égide do positivismo que se explicitam as grandes segmentações que vemos hoje ocorrer. A cultura passa a ser vista como diferente da natureza e dissociada do indivíduo. A lógica da dominação de pronto se articula, abrindo espaço para associações como a que se segue: se o sujeito é dotado de razão, é ela que lhe dará a condição de dominar o universo.

Ao homem é atribuído papel preponderante sobre todas as coisas. Esta forma de percebê-lo facilmente fará emergir uma mentalidade que o considera diferente da cultura e dissociado da natureza.

A argumentação de superioridade do homem passa a dominar o pensamento da época, mostrando-se contundente e imperativa, mas, acima de

tudo, violenta em sua expressão. Não seria este um dos momentos de gestação do *jeito violento* de funcionar do homem contemporâneo?.

Compreendendo as referências paradigmáticas que movem o pensamento de nossa época, estamos buscando entender como essas forças, em articulação, irão contribuir para a constituição de novas formas de subjetividade que vemos constituir-se na atualidade.

Nesta busca, tentando uma interlocução com ROLNIK (1997), vemos que, para a autora, a subjetividade vai ser entendida como um conjunto de forças e fluxos, manifestações de tudo que se encontra na natureza e que afeta o indivíduo, atravessando-o e sendo por ele representado. Diz a autora:

(...) ao que tudo indica, acabamos de topar com uma confluência das Paisagens da subjetividade e da cultura. Existem certamente outras, mas o que já podemos vislumbrar é que, quando uma dobra se faz e, junto com ela, a criação de um mundo, não é apenas um perfil subjetivo que se delinea, mas também e indissociavelmente, um perfil cultural. Não. há subjetividade sem uma cartografia cultural que lhe sirva de guia; e, reciprocamente, não há cultura sem um certo modo de subjetivação que funcione segundo seu perfil. A rigor, é impossível dissociar essas paisagens (p.29).

É, pois, a partir de toda essa compreensão que procuramos entender o processo de constituição da subjetividade do adolescente violento de que falamos na introdução deste trabalho. Partimos do mapeamento das forças e dos fluxos a que está submetido, sejam elas provenientes da família, da cultura, ou de qualquer outra direção, desde que o afetam e o mobilizam no sentido da transgressão e da violência.

Sabemos que cada cultura determina seus critérios de *saúde* e de *doença*, de *normal* e de *patológico*. De tal forma isso se dá, que, não há como se entender uma doença ou qualquer outra forma de expressão fora da cultura que a produziu, Uma mesma conduta pode ser considerada desviante em uma

cultura e funcional em outra. É, pois, a partir dessa perspectiva que tentamos examinar a questão da violência juvenil. Para tanto, buscamos o diálogo com representantes da cultura, pondo-nos em contato com suas experiências acerca da questão. Em seguida, conversamos com alguns teóricos do assunto, para só então, tentarmos compreender a questão.

Se nos pusermos a escutar na violência o sintoma de nossa época, maiores serão as nossas chances de atendermos os seus apelos. Não seria esta violência que hoje vemos eclodir, em todos os segmentos de nossa sociedade, uma espécie de porta-voz da emblemática de nosso tempo?

Na tentativa de circunscrever o tema da violência juvenil no Brasil, tomamos como referência o incidente dramático para nós expressão máxima da problemática que optamos por estudar. Trata-se do episódio ocorrido com o índio da tribo dos Pataxós, na madrugada de 20 de abril de 1997. Cinco rapazes, de classe média, moradores do Plano Piloto de Brasília, colocaram uma mistura de material inflamável sobre um índio, que dormia ao relento num assento público, e nele atearam fogo. Galdino Jesus dos Santos, como era denominado, havia ido participar das comemorações relativas ao dia nacional do índio, a serem realizadas na Capital Federal. Por ter seu corpo queimado em quase sua totalidade, não resistiu aos ferimentos, vindo a falecer em seguida. Os rapazes, quando interrogados acerca de seu gesto, justificaram-no com a seguinte expressão: *"não sabíamos que era um índio, pensávamos que fosse um mendigo."* Numa atitude de perplexidade diante de tal argumento, ficamos a nos perguntar: seria, porventura, um mendigo menos digno do que um índio, e, portanto, passível de ser queimado vivo? O que nos diriam eles como resposta?..

Este fato, que abalou a consciência nacional, não haveria de nos ser indiferente. Enquanto cidadã, mãe e profissional, sentimo-nos compeli das, de forma inadiável, a refletir, mais demoradamente, sobre a violência juvenil já que, desde muito tempo, constituía-se em objeto de nossas preocupações.

Não se trata apenas de discutir a violência juvenil na estreita relação de um sujeito com o outro, mas no sentido de ampliar nossa compreensão aos limites das relações estabelecidas com a família e com a cultura, contextos nos quais esse jovem encontra-se inserido. Passamos a nos questionar acerca dos elementos facilitadores, presentes em nossa cultura, ou mesmo enquanto características do nosso tempo, que, de alguma forma, estariam provocando comportamentos tão estranhos e desviantes quanto àqueles relacionados à morte do índio Pataxó.

Ficamos dias a nos perguntarmos sobre que estranhos elementos estariam entrando na relação sociedade-sujeito que conduziriam à produção de subjetividades tão perversas³ quanto a daqueles jovens de Brasília. É pois, na evidência de casos como esses, ou até mesmo no do afogamento do aluno da USP, quando da festa pela aprovação no vestibular, ou em tantos outros menos divulgados, mas nem por isso menos graves, que nos damos conta do grande mal-estar que estaria se instalando em nossa cultura, de forma assustadora, extrapolando limites suportáveis de tensão.

Embora saibamos que o problema da violência não seja exclusivamente brasileiro, damos-nos conta de que, no nosso caso, ele tem se manifestado de forma peculiar. A nossa história se fez sob a égide da dominação, do desrespeito e da

³ 'Perversa' -aqui empregado no sentido adotado por BIRMAN (2000). Per-versa no sentido de pelo avesso. Em um dado momento de sua obra, ele caracteriza o funcionamento perverso da seguinte forma: "*Em contra partida, as perversões estão investidas de todo o interesse possível, na medida em que estas configuram a situação estratégica em que se apagam as fronteiras entre o sujeito dentro de si e o sujeito fora-de-si. Enfim, o discurso psicopatológico da pós-modernidade recebe em seu corpo esse conjunto de transformações antropológicas que transformaram as maneiras de conceber o sujeito, subvertendo hierarquias e valores que marcaram a modernidade*"(p.190-191).

exploração do outro e de nossas riquezas. 'A VIOLÊNCIA DA CULTURA', exacerbada nos primórdios de nossa colonização, certamente tem colaborado para a produção de uma 'CULTURA DA VIOLÊNCIA' que hoje vemos impregnar o mais simples dos nossos gestos.

Ao longo de nosso trabalho, a partir dos diversos autores consultados, vimos que eles estão, cada um a seu modo, freqüentemente se referindo ao crescimento da violência urbana no Brasil. Tais referências são feitas sempre com muita propriedade, dada a magnitude dessa expansão. É possível identificar a violência nas mais variadas formas de expressão, e a vemos presente nos mais variados segmentos da sociedade. Assim, fala-se de uma violência contra a pessoa, daquela que está presente no trabalho, no trânsito, nos esportes, nos serviços de saúde, na escola e na cultura. Fala-se ainda na violência das discriminações, da policia, daquela exercida contra o patrimônio público e de tantas outras, quantas queiramos citar, numa demonstração clara do quanto tem sido violento '*o jeito de ser do brasileiro*'; verifica-se que esta conduta tem repercutido tanto na relação do brasileiro consigo mesmo, quanto no seu contato com a natureza, com o mundo das coisas e das pessoas.

É CALLIGARIS (1996) que nos traz uma boa ilustração para o que tentamos analisar. Diz ele que, quando chegou ao Brasil, uma questão o intrigava. Por várias vezes, ouvia de brasileiros, referindo-se à própria Pátria, a seguinte expressão: "*este País não presta*". Não entendendo como alguém poderia se referir daquela forma ao seu próprio País, pensava consigo mesmo: "*Deve haver alguma razão que coloca os brasileiros, com respeito à própria identidade nacional, em uma curiosa exclusão interna, que permite articular a frase que me interpela. Esta razão não deve datar de hoje*" (p.14).

CALLIGARIS estava certo ao pensar que uma razão desse tipo não deveria "*datar de hoje*". Era preciso que houvesse algo muito forte, nos primórdios, de nossa História, para justificar uma forma tão agressiva de alguém se referir à sua própria Pátria. CALLIGARIS tinha razão. O Brasil foi massacrado na sua infância, na sua adolescência e continua o sendo em seu adulecer de nação. Uma criança maltratada em sua infância, tenderá a repetir este gesto, mais tarde, seja por falta de melhores referências, por revolta ou coisa que o valha. Se na história das pessoas isso acontece, por que não ocorrerá na história das nações, já que por nação entendemos todos nós, seus cidadãos?

Talvez por uma ironia do destino, beirando os quinhentos anos do descobrimento de nossa terra, o caso do índio Pataxó fez reviver em nossa memória de nação, as atrocidades cometidas contra os índios, os verdadeiros donos da terra, em nome da colonização. Como nos diz BOFF (2000), o impacto da invasão portuguesa no Brasil foi tão grande que significou a dizimação da população indígena até quase o seu extermínio. Dos cinco milhões de índios que havia no ano do descobrimento, restaram apenas quinhentos mil, um século depois.

Parafraçando este autor, diríamos que o '*descobrimento*' equivaliu a um '*encobrimento*' e a um '*apagamento*' do outro e da história dos povos indígenas. Mais tarde, representou também o martírio dos negros trazidos da África, aqui escravizados, disputados como mercadorias e submetidos a requintes de crueldade, se assim conviesse a seus senhores.

Certamente que o processo de colonização do Brasil constituiu-se numa história de desrespeito à língua, à religião e à cultura desses dois povos. O português colonizador, que aqui chegou, matou e destruiu, em nome da Corte e da Religião. Teriam estas posturas impregnado o imaginário do povo brasileiro?

Passaram-se quinhentos anos de História! É com pesar que constatamos que pouco mudou neste cenário. Talvez as motivações sejam outras, porém, continua-se matando índio, devastando floresta e, da mesma forma que antes, entregando a estranhos, por quase nada, as riquezas do nosso solo, do nosso subsolo, do nosso trabalho. Morte simbólica ou real, mas sempre morte. Hoje, também se mata de fome, de miséria, de indiferença, de desrespeito.

A colonização do Brasil também não significou um *'encontro de culturas'*, como a história oficial, durante tantos anos, tentou nos passar. O que houve, de fato, foi uma tentativa de escamotear a verdadeira violência em que se constituiu todo esse processo de dominação, protótipo da violência que, como uma epidemia, vemos alastrar-se em todos os segmentos de nossa sociedade.

Vemos, com pesar que, ao longo de toda a nossa história, fortes foram os estímulos à violência lançados na base de nosso processo de identificação. Se o testemunho foi de exploração, desrespeito, violência e morte, com quem os filhos nascidos aprenderiam lições de patriotismo, de respeito ao outro e de cidadania?

Mesmo passados quinhentos anos, firmados no que poderíamos chamar de uma típica cultura da violência, vemos que floresce nos vários segmentos da sociedade, um estímulo à malandragem, à transgressão, na mais perfeita falta de ética, típico das posturas onde os fins justificam os meios. Facilmente ouvimos discursos de apoio ao *'quem é malandro sai na frente, obtém sucesso'*, contexto bastante receptivo ao tráfico de drogas, de crianças e de mulheres; ambiente favorável ao acolhimento aos grupos de extermínio, às invasões de propriedades, e a toda sorte de barbárie que, perplexos, vemos hoje, cada vez mais, impregnar *'o jeito de ser do brasileiro'*.⁴

⁴ "o jeito de ser do brasileiro" ou "o jeitinho brasileiro" -Seria talvez essa a expressão da nossa identidade coletiva na relação cultura-e-subjetividade?

No dizer de DAMATTA (1986), do espírito do colonizador, o povo brasileiro herdou a desfaçatez, a negligência, 'a vista grossa', a corrupção, a malandragem, reflexo de uma história de submissão e desrespeito. Segundo o autor, certamente que aí repousa o tão comentado '*Jeitinho brasileiro*', fruto de toda sorte de malandragem maléfica, porém necessária como forma de '*navegação social*'.

Assim nos diz o autor:

A malandragem é um modo, jeito ou estilo profundamente original E brasileiro de viver, e, às vezes, de sobreviver num sistema em que as leis formais da vida pública nada têm a ver com as boas regras da moralidade costumeira que governam a nossa honra, o respeito e, sobretudo, a lealdade que devemos aos amigos, aos parentes e aos compadres. Num mundo tão profundamente dividido, a malandragem e o jeitinho promovem uma esperança de tudo juntar numa totalidade harmoniosa e concreta (p. 104 -105).

Como discutir violência sem percorrer esses íngremes caminhos? Se a subjetividade se constitui a partir de um campo de forças que se articulam e interagem entre si, não podemos esquecer os elementos inerentes ao nosso processo de colonização que, certamente, têm influenciado o nosso jeito de ser e de funcionar enquanto nação. Ficamos ainda a nos perguntar se, para além da violência e de seus dispositivos de manutenção, não teria a concepção filosófico-científica que marcou a modernidade nos levado a toda essa configuração? A esse respeito, vejamos o que ROLNIK (1992) tem a nos dizer:

Em suma, o sujeito moderno é tutelado pelo terror ao estranho- em -nós, terror a esta ruptura de sentido da língua oficial de sua suposta identidade. Em outras palavras, trata-se de uma subjetividade fundamentalmente marcada por um racismo contra o estranho, um racismo contra tudo aquilo que não repõe o idêntico a si mesmo. E se entendemos que este estranho que o habita, é a voz da essência diferenciadora da vida tal como se traduz a subjetividade, podemos dizer que a subjetividade moderna se funda numa impotencialização da vida (p.3).

É por tudo isso que a violência se transformou num produto que vende muito no Brasil. A mídia sabe disso e alimenta, seja por negligência ou por omissão, um ciclo vicioso e desigual de vida e de morte.

É, pois, a cultura da violência se instalando, expressa no desrespeito aos direitos humanos, insuportável banalização da vida, imposta, ostensivamente, ao cidadão brasileiro.

Trata-se de enorme desafio, mas é contra a *cultura da violência* que precisamos lutar. A *violência da cultura* já deixou as suas marcas num passado longínquo. Precisamos reinscrever a história de nosso País.' *Somos todos responsáveis*', no dizer de COSTA (1997), em sua matéria sobre o caso do índio Pataxó, em entrevista concedida ao Jornal do Brasil, de 27.04.97:

Quem mata o outro sem nenhuma razão mata-o porque o considera um puro zero à esquerda. Olhar as coisas deste ângulo não é 'fazer do algoz a vítima', ou 'd o bandido o herói', pois nesta guerra desumana somos todos perdedores e Galdino (Galdino Jesus dos Santos, índio pataxó assassinado...) a inocente vítima expiatória. A questão é outra. A questão é a de saber por quem os sinos dobram! Eu penso que os sinos dobram por Galdino, mas também pelos garotos, seus familiares e pelo mundo que estamos construindo para nossos filhos. Resisto a tornar-me um homem de rancor, a pretexto de querer ser justo. Quando jovem me ensinaram outras coisas. Me ensinaram que 'nada que é humano me deve ser indiferente' e que 'endurecer não é perder a ternura'. Firmeza não é ódio; justiça não é vingança. Qualquer vida, por mais mesquinha que seja, ainda assim é uma vida. Foi por não terem tido a chance de aprender isto que os garotos fizeram o que fizeram. Não me convidem a lutar contra a violência com apelos ao ressentimento. Convidem-se, isto sim, a encontrar um modo de combater a imoralidade da idolatria ao dinheiro, ao consumo e a uma vida estúpida, sonâmbula, vazia de ideais e movida a doses de cocaína, tranqüilizantes, antidepressivos e hipnóticos.

Num gesto extremo e desesperado, imaginamos que aqueles jovens, ao queimarem o corpo do índio Pataxó, queimavam também as suas ilusões, a falta de perspectiva de suas vidas, o seu vazio interior, a sua insuportável solidão. Será que neste gesto de destruírem a vida lá fora já não estariam vivendo uma extensão simbólica da morte de suas próprias vidas?

2 -MÍDIA E VIOLÊNCIA -Perigos e Possibilidades

"A TV mostra sexo e violência o tempo todo. É natural que seja assim? ;;;, Se eu tivesse um filho, com a TV que está aí, ficaria apavorado. A meu ver, faltam idéias novas na televisão. Ela mostra aquilo que é mais fácil e que tem audiência garantida. Mas acho que essa discussão não leva a nada aqui no Brasil. Não é a primeira vez que se discute sexo e violência na TV, e até hoje nada foi feito."

Marco Nanini -ator

Antes de qualquer outra consideração, refletir acerca da Mídia, implica em situá-la no amplo contexto da estrutura pós-moderna, em que a informação assume lugar de destaque, juntamente com todos os meios necessários à sua comunicação. Instala-se, então, com a pós-modernidade, a era da informação. Esta traz consigo um novo impulso ao avanço tecnológico e um redirecionamento para a publicidade, transformando-a em promissora área de ocupação profissional.

A organização econômica das nações passa a depender, cada vez mais, dos investimentos que elas venham a fazer na propaganda. Assim, estarão alimentando a cadeia de consumo, que, por sua vez, alimenta a produção. Trata-se de conduta típica das economias capitalistas, baseada na indústria produtora de bens de consumo.

A esse respeito, SODRÉ (1984) nos fala de como se forma a permanente cadeia propaganda -consumo -propaganda. Segundo o autor,

(...) criam-se estruturas sociais para a organização técnica Das necessidades individuais. Estas iriam ser moldadas a partir daí-no que diz respeito predominantemente às classes médias emergentes – por “peritos em geração de necessidades” dos mais diversos tipos. Já na primeira década do século XX - podendo a tecnologia satisfazer necessidades básicas - tornava-se evidente que o capital precisaria agora transformar o trabalhador num consumidor mais sofisticado, e para isso, teria de ser educado, 'culturalizado' (p. 84).

Esse processo de educação e de culturalização a que se refere o autor, nada mais é que uma espécie de produção de subjetividade, fruto de uma competente manipulação do desejo do homem realizada pela publicidade. Esta tem se esmerado na tarefa de mobilizar esse homem, no mais recôndito de seus desejos, levando-o a adquirir, sem crítica, todo tipo de bem, num ritmo cada vez mais alucinante,

Certamente que o mais grave de tudo isso consiste no fato de que toda essa mobilização se faz para atender necessidades criadas por uma Economia de Mercado, cuja ânsia maior está em produzir uma sociedade desejosa de novos bens de consumo; se supérfluos ou descartáveis, pouco importa, desde que permaneça alimentando a ânsia insaciável da economia capitalista. A esse respeito, recorremos novamente a SODRÉ (1984), que nos diz:

A publicidade, esse poderoso instrumento estimulador da produção e do consumo de massa, é, na verdade, a face mais óbvia do desperdício funcional que caracteriza a sociedade pós-moderna. Amplia-se por meio dela o potencial de transmissão de informação destinada a transformar e a constituir a consciência do indivíduo enquanto sujeito-consumidor (p.84).

Assim, a Publicidade em geral e a Mídia em particular, enquanto repassadoras de informação, assumem importante papel na difusão de práticas sociais compatíveis com as novas regras de acumulação, mostrando-se bastante preocupadas com a ampliação das faixas de consumo e com a homogeneização necessária à ideologia de integração dos vários mercados.

No decorrer de nosso estudo, verificamos que uma complexa rede de elementos se descortinava à nossa frente, e que, a informação que organiza de modo crescente a sociedade contemporânea, vai muito além do âmbito da publicidade e da própria indústria cultural. Vimos que o processo de comunicação da informação passa a demandar das sociedades grandes investimentos na esfera tecnológica, privilegiando a rapidez e a precisão na passagem de cada mensagem

produzida. Esta tecnologia exige grandes conhecimentos técnico-científicos, de natureza cumulativa, cujo volume é cada vez mais crescente.

Trabalhando este tema, pudemos verificar que, para se garantir a comunicabilidade da informação, já não se pode abrir mão dos sistemas de automação, da informática e até mesmo de métodos administrativos refinados que assegurem ao capital lucros cada vez maiores, com retornos garantidos num prazo cada vez mais curto. Com isso, presenciamos o surgimento de nova geração de computadores e de robôs, o que tem provocado verdadeira revolução na estrutura da mão-de-obra e no âmbito da oferta de trabalho. Pudemos observar, também, uma expansão nunca vista no campo das telecomunicações. Tudo isso em um só tempo, tendo por objetivo o aumento da capacidade de transmissão da informação, com menor custo e com uma margem de lucro cada vez maior.

Certamente que todas essas inovações têm trazido grandes mudanças para o consumo. Uma vez criada a possibilidade de instalação doméstica de dispositivos telemáticos - computadores ligados à telecomunicação, vídeo-discos, entre outros - segmenta-se o público usuário, estimulando, cada vez mais, a individualização do consumo e o recolhimento do indivíduo ao individualismo, confinando-o, conseqüentemente, ao espaço privado de sua morada.

Se antes íamos ao cinema em busca de um espaço coletivo que nos propiciasse o encontro com a arte e com as pessoas, hoje esta possibilidade encontra-se empobrecida. Há significativa parcela deste público consumidor que prefere alugar um filme numa locadora e assistir a ele na comodidade de seu lar, com um custo certamente inferior, sem ter que enfrentar os riscos de exposição à violência, presente, implicitamente no medo, e, explicitamente nas ruas.

Se voltarmos no tempo, vamos observar que BENJAMIN (1980), já na década de 30, quando escreveu 'O Narrador', expressava suas preocupações em relação ao recuo da narrativa e já apontava, como consequência, para uma certa desvalorização da experiência. Paralelamente, àquela época, o autor já falava sobre o advento do romance enquanto possibilitador de segregação para o indivíduo, na medida em que o isolava do convívio com os demais. Com esta compreensão, o autor sinalizava para o surgimento revolucionário da informação.

Àquela época, BENJAMIN precocemente constatava que a vida social moderna ameaçava sobremaneira a passagem da experiência e da tradição. Dedicou especial atenção ao desenvolvimento da técnica e de suas implicações no estabelecimento de novas formas de percepção. Chamou a atenção do leitor para o fato de que o desenvolvimento técnico, ao modificar a existência humana, treina e adapta a percepção e a sensibilidade coletivas às novas condições de vida a que este homem se vê submetido. A esse respeito nos dizia ele:

O romance, cujos primórdios remontam à Antigüidade, necessitou de centenas de anos para encontrar na burguesia em formação os elementos que serviam ao seu florescimento. Com o aparecimento desses elementos a narrativa começou, em seguida, a retroceder bem devagar para o arcaico. (...) Percebemos, por outro lado, como com o domínio consolidado da burguesia, surge a imprensa, forma de comunicação que pertence aos seus instrumentos mais importantes no capitalismo avançado e que - por mais distante que sua época possa recuar no tempo - nunca antes influenciou a forma épica de modo determinante. Mas agora ela o faz, e evidencia-se que se antepõe à narrativa de um jeito não menos estranho, mas muito mais ameaçador do que romance - ao qual, de resto, leva por sua vez, a uma crise. Essa nova forma de conhecimento é a informação (p.60).

Todas essas reflexões nos levam à preocupante constatação de que o homem da pós-modernidade tem se recolhido e se privado, cada vez mais, de uma convivência possibilitada pelas relações estabelecidas no espaço público. Este, enquanto espaço de encontro e de troca entre os homens, tem sido cada vez

menos freqüentado. Ficamos a nos perguntar sobre qual seria, de fato, a presença real e objetiva de nossa vida social?

Certamente que a resposta é inquietante, ao observarmos que o homem contemporâneo tem se fechado em seu individualismo e evitado os espaços públicos de convivência. Na lacuna que aí se estabelece, a Mídia se oferece por inteiro como candidata principal a preenchê-la. Coloca-se a serviço da manutenção do *status quo de consumidor* do homem contemporâneo, numa relação unilateral e impositora e, em última instância, violenta. Portanto, já na origem dessa estreita relação, poderíamos começar a pensar numa possível relação entre Mídia e Violência.

Outros dois importantes aspectos nos ocorrem quando tentamos compreender a gênese da violência no Brasil: o primeiro diz respeito aos fundamentos que dão sustentação ao pensamento do homem da pós-modernidade. Aí encontram guarida os pressupostos que privilegiam uma sociedade constituída, deliberadamente, ao redor da idéia de que todos precisam estar permanentemente insatisfeitos. É neste ambiente que se forma o indivíduo consumidor. Apenas não basta que ele esteja insatisfeito, mas, espera-se que o seja, definitivamente. Só dessa maneira vai se transformar no consumidor que o sistema produtivo necessita: aquele que consome muito, cada vez mais, sendo essa a condição indispensável para que se mantenha a enorme indústria do consumo funcionando.

O consumidor e seu consumismo passaram a funcionar como importantes elos da cadeia produtiva. Transformaram-se em elementos indispensáveis, uma vez que, se cortarmos o consumo, diminuiremos a produção, que por sua vez reduzirá a margem de lucro do produtor e aumentará o desemprego. Intrinsecamente relacionados entre si, esses fatores fazem parte da cadeia produtiva e a sua interrupção é o que menos se deseja numa economia do modelo capitalista.

A alimentação desse sistema vai caracterizar e moldar não só a nossa maneira de viver, como também a própria organização social do homem contemporâneo. Neste sentido, os bens que acumulamos vão servir de balizadores para as nossas diferenças sociais, na classe econômica a que pertencemos, muito mais que o nosso sobrenome, o local onde nascemos ou mesmo os bens a que tivemos direito por herança.

O segundo aspecto que aproxima Mídia e Violência em nossa realidade nacional, diz respeito à exclusão social. Significativa parcela da Sociedade Brasileira se vê economicamente excluída desse jogo sedutor provocado pelo consumismo, de tal forma que não tem como se imaginar participando do apelo imperativo ao consumo, exacerbado diariamente pela Mídia.

Se antes, a parcela dos excluídos de certa forma se acomodava e não reagia, hoje já não diríamos o mesmo. Vemos que um novo movimento se faz, principalmente provocado pela população mais jovem, exatamente a que nos interessa enquanto atores da violência que nos propusemos estudar. As conseqüências poderão ser enormes.

Quando o tema é exclusão social, facilmente nos deparamos com estudos que retratam os diversos ângulos de sua face. Buscando caracterizar essa significativa parcela da população brasileira, fomos buscar os dados dessa desigualdade em matéria de CARVALHO, RODRIGUES e SIMAS, publicada na Revista ISTOÉ, Número 1666, de 05.09.2001, intitulada '*Somos Todos Reféns*':

A desigualdade está para o Brasil como a violência está para a Colômbia e o racismo esteve um dia para a África do Sul. Anda de mãos dadas com a violência, mas é como a Geni: todo mundo joga pedra nela, mas ninguém resolve o problema, diz o economista Marcelo Neri, da FGV e coordenador do estudo Mapa do Fim da Fome, que calcula o custo da erradicação da miséria no País: R\$ 1,8 bilhão por mês - ou R\$ 14,00 por pessoa que ganhe acima de R\$ 80,00 por mês.

Na mesma matéria foi feita referência a uma pesquisa realizada no Brasil, em que a questão formulada era a seguinte: " *quem faz mais mal para o Brasil, os corruptos ou os seqüestradores? 90,49% responderam que são os corruptos e apenas 9,51 %, os seqüestradore.S*"(p.32).

Insegurança, corrupção, incompetência, exclusão social, omissão, violência. Este é o cenário nacional. Somos o quarto país mais violento do mundo. Já ultrapassamos a Colômbia em número de carros blindados e, segundo a ONU, ocupamos um vergonhoso 69º lugar no índice de desenvolvimento humano, segundo a mesma revista ISTOÉ.

Em face dos índices apresentados, que articulações se pode fazer entre exclusão social, mídia e violência?

Todos somos testemunhas de que a propaganda veiculada pela mídia faz promessas de consumo que não há dinheiro que pague. São móveis, imóveis, automóveis, bebidas, mulheres e jóias. Uma promessa de felicidade eterna que só o consumo permanente pode oferecer. Desta forma, ainda que a propaganda, na sua origem, não tenha sido idealizada para gerar insatisfação, acaba por produzi-la. Na forma como se apresenta e na rotatividade com que a mídia expõe os novos produtos lançados no mercado, não haveria dinheiro capaz de contemplá-los em sua totalidade. Neste desfile sedutor à vista do consumidor, sempre haveria algo a lhe faltar. Assim sendo, a insatisfação é garantida, mesmo que, por hipótese, tivéssemos todo o dinheiro necessário para comprar tudo que a mídia tenta nos vender.

Aos poucos fomos percebendo que outras articulações poderiam se fazer a partir da relação mídia e violência. Tratam-se de seus desdobramentos,

desta feita com as drogas, que aparecem neste circuito, produzindo uma tríade cujo imbricamento se expressa sob a forma de *mídia -violência e drogas*.

A propaganda relativa às drogas é facilmente veiculada, principalmente pela mídia televisiva, num competente apelo produzido pelas marcas de bebida, alcoólicas e de cigarros. São as chamadas drogas lícitas que, juntamente com elas a mídia vende a ilusão da eterna juventude e da felicidade plena.

A droga é apresentada como uma espécie de objeto mágico, que preenche, ou pelo menos tenta preencher, todas as lacunas carentes de satisfação. Mostra-se como o remédio para todos os males. É com essa face que ela se insinua na mídia, ocupando um significativo espaço na propaganda por ela veiculada.

A cadeia está criada: *mídia-propaganda-droga-violência*. A partir deste cenário a mídia ajuda a produzir e a alimentar uma criminalidade, já que a droga custa caro e para se manter a dependência paga-se um alto preço: transgridem-se normas, mata-se, morre. Seja em relação à droga lícita ou à ilícita, o preço é sempre alto. Mas por outras drogas, outros preços. A droga da TV, a TV da droga; sempre a droga e a TV, juntas, embora nunca junto à população já viciada. A essa o repúdio e a indiferença.

Todos sabemos que a insatisfação deixada no consumidor, fruto de uma propaganda pouco ética e ambiciosa, é significativa e provocadora de desestabilizações em sua conduta. Sabemos também que na escalada por adquirir os bens que lhe são freneticamente acenados pela mídia, o consumidor é levado, por vezes, a atos extremos de transgressão e de violência, todavia, estamos certos de que não seria esta a única explicação plausível para o aumento da violência no Brasil.

Como já falamos na introdução deste trabalho, as circunstâncias que serviram de cenário ao nascimento de nossa nação, em parte vieram contribuir para a formação da cultura da violência que vemos impregnar a mídia, seja ela televisiva, impressa ou de qualquer outro tipo.

Vimos que as bases do Brasil colônia foram fincadas sobre uma tradição extrativista e exploratória. Nada ou quase nada se produzia naquela época. Extraía-se tudo. Sob esse olhar, a riqueza era arrancada da terra, como se o fizéssemos de uma fonte inesgotável e levada embora rumo à Corte Portuguesa. E assim se fez por muitos anos...

Certamente que muito desse jeito de funcionar ficou entranhado em nosso imaginário de nação. A nossa gente aprendeu que a riqueza não é algo que se deva produzir, e sim, algo a ser encontrado e extraído. É a lei do menor esforço que se faz notar. Passar desse tipo de exploração para aquela que rouba o vizinho, o amigo, ou a nação, não é muito difícil. Se esse jeito de ser impregna o nosso imaginário, certamente que contaminaria também não apenas a mídia televisiva, mas invadiria também a mídia impressa, comprometendo assim a qualidade de nossa literatura. A esse respeito, CALIGARIS (1996) nos traz uma bela ilustração. Intrigado com a forma violenta com que lidamos com o bem comum, ele nos conta, entre tantas, mais uma de suas experiências com o Brasil. Assim nos diz ele:

*Não me privei, chegando ao Brasil, de ler os livros escolares de História, por exemplo para a 5ª série. A leitura foi instrutiva e angustiante pelo extremo cinismo dos textos... Procuo, por exemplo, o capítulo que introduz o momento – inaugural para o Brasil – das grandes viagens e descobertas. Procuo então o capítulo em questão e encontro o título: " **Os europeus procuram novas riquezas** " ¹ E basta (p.59-60).*

¹ Negrito colocado pela autora deste trabalho.

Segundo o autor, foi violento o nosso processo de colonização e nós diríamos que continua o sendo, na medida em que não conseguimos nos desvencilhar das profundas marcas deixadas por ele. Mesmo passados quinhentos anos, não somos capazes de, ao relatarmos a história aos nossos jovens, fazermos a crítica necessária a uma reinscrição de nossa história. Também nos deixamos contaminar por ela.

Por tudo isso, fica fácil entender por que toda a História do Brasil foi marcada por um profundo descaso das elites em relação aos menos privilegiados. Fica claro também o porquê de não nos indignarmos diante do abandono de crianças, e de admitirmos que o extermínio de jovens e de adultos possa garantir a segurança da sociedade. São posturas que nos vêm de longe e estão impregnadas em nossa cultura. A mídia não se furtaria às mensagens da História e, sem crítica, tem ajudado a perpetuar tudo isso.

Buscaremos, a seguir, algumas relações entre mídia e violência tentando focalizar perigos e possibilidades que essa relação tem a nos oferecer.

Passemos a essa reflexão.

Na análise do que se oferece como perigo para a criança, seja a mídia aqui representada pela TV, Internet ou videogame, vemos que em todos eles a criança é induzida a um estado regressivo, de pouca ou nenhuma ação motora, onde suas fantasias são permanentemente dirigidas e não espontâneas, sendo facilmente levada a estabelecer, com esses veículos de comunicação, uma relação de dependência psíquica e motora. Já pertence ao senso comum o entendimento de que as ligações entre as crianças e a TV são tantas, que chega ao ponto de muitas delas comerem diante da televisão e dependerem dela para adormecer. Isso nos mostra o quanto ela induz o indivíduo a estados próximos dos

hipnóticos, em que diminui a crítica e favorece a indução de mensagens de toda ordem.

Nesse contexto, a presença do adulto seria fundamental para ajudar essas crianças a fazerem as discriminações e elaborações necessárias a um melhor processamento do conteúdo a ser incorporado. Sabemos que essa presença efetiva é quase impossível, e que as crianças permanecem sozinhas, horas seguidas, diante da TV ou do videogame, a absorver as mensagens que lhe são oferecidas, que a induzem ao consumo e à violência. A esse respeito, I

LEVISKY (1998) nos diz que:

Nessas condições a TV deixa de cumprir suas funções de lazer, informação e educação, para competir com a autoridade parental. Pais sentem sua autoridade educacional ameaçada em suas próprias casas quando seus valores éticos e morais são contestados pelas idéias veiculadas e manipuladas pela mídia desatenta, ignorante, inescrupulosa ou interessada apenas nos lucros (p. 151).

Sem o adulto por perto, a exposição à mídia transforma-se num verdadeiro massacre para a criança, dado o grande volume de informação a que fica exposta, o que poderá gerar passividade, irritação, dependência, intolerância, constituindo-se, dessa forma, em perigo e não em possibilidade de lazer e de crescimento. LEVISKY (1998) novamente nos adverte para os riscos de uma exposição permanente da criança a essas mensagens veiculadas pela mídia, que, mesmo não sendo verdadeiras, após decorrido um certo tempo, passam a adquirir caráter de verdade. Assim nos diz o autor:

Sabe-se que aquilo que se torna público, constante, repetitivo, isento de ponderação, crítica e de impunidade adquire valor de verdade, de autoridade e de permissividade. Quando os pais nem ao menos conversam com os filhos, questionam o que assistem, criam a possibilidade de desenvolvimento do pensamento crítico-analítico. Caso contrário, a TV adquire perante os filhos um valor de autoridade alternativa na vida familiar (idem) .

Ainda que o conteúdo comunicado pela mídia fosse totalmente desprovido de violência, o que de fato não ocorre, a simples forma como ela se relaciona com seu usuário, sempre impositiva e unidirecional, já seria violenta o suficiente para discutirmos a relação que pretendemos estabelecer entre mídia e violência. Neste sentido, mais uma vez recorremos a LEVISKY (1998). A título de ilustração de nosso pensamento, vejamos o que ele nos diz:

Esta interação unidirecional leva a criança a se tornar submissa às propostas veiculadas pela "te linha ", educando-a distante de suas possibilidades criativas, lúdico-motoras, abafando seu senso crítico, prejudicando o desenvolvimento da linguagem e do processo de integração afetivo-corporal (p.152).

São inúmeros os perigos oferecidos pela mídia, mas, se bem utilizada, sabemos das suas várias possibilidades.

Pensar em possibilidades implica numa discussão que levaria a mídia a rever o seu papel e os compromissos por ela estabelecidos. Implicaria ainda em levar a diante um debate ético sobre o impacto social resultante das questões relacionais entre emissora, produtor, patrocinador, telespectador e a sociedade em geral, onde cada um revise verdadeiramente as suas posturas e não deixasse para a família a responsabilidade de, sozinha, vigiar e controlar aquilo que seu filho deve assistir.

Para se falar da mídia como possibilidades, é preciso, antes de mais nada, que se considere a comunicação como instrumento de mudança social. Cada vez mais ela está influenciando as pessoas, do mais simples ao mais complexo dos seus desejos. Influencia no que compram, em quem votam, por quais causas devem lutar e na forma como conduzem suas vidas no cotidiano. Se é tão grande a sua força, por que não as influenciar também na luta contra a violência, contra o desrespeito ao outro e contra a corrupção?

SUAREZ e QUESADA (2000) nos dizem que:

A mídia pode ser uma aliada poderosa numa campanha nacional de comunicação que promova mudança de comportamento. Se treinada e orientada adequadamente pelos organizadores de campanha, a mídia pode servir como uma ferramenta singular na educação do público em relação aos problemas mais complexos. Mas, o primeiro público a ser adequadamente informado é a própria mídia (p.182).

No caso de um trabalho de prevenção da violência, a mídia pode se oferecer como excelente parceira. Ela tem o poder de influenciar normas e comportamentos específicos entre os membros de um determinado grupo, levando-os a refletirem sobre determinadas condutas, no que poderá levá-los a rejeitar padrões crônicos de comportamentos.

Neste sentido, pode-se utilizar dessas parcerias com a mídia para se assegurar a divulgação de mensagens positivas através de sucessos musicais que tragam mensagens de cunho social, de minisséries da TV, por meio de revistas de rádio e televisão, de telenovelas e até mesmo da criação de novos programas.

Esta parceria pretendida pode acontecer sob a forma de co-produção com emissoras de TV, produções patrocinadas por empresas de publicidade, produções novas ou segmentos em programas já existentes. Entretanto, para o êxito do trabalho, é importante que se garanta a boa qualidade desses programas e que vá ao ar em horário de maior audiência.

A TV leva vantagem sobre outros instrumentos de comunicação, principalmente pelo relacionamento Íntimo que estabelece com o espectador e com a sociedade. Assume importante papel como transmissora de normas, valores e padrões de comportamento, chegando mesmo a competir com a família e com a escola no papel de agente socializante.

Um trabalho de parceria entre sistema educacional e família acerca do uso da TV, poderia constituir-se num outro passo a ser dado nesta luta de

transformar a TV em instrumento de possibilidades. Reunindo esses dois importantes segmentos do processo educacional, daí poderia sair uma espécie de oportunidade de reflexão para os pais, em que se promoveria, não só para estes, mas para a escola também, uma espécie de análise crítica permanente do conjunto televisivo, marcada por uma discussão em torno da mídia e da violência que ela ajuda a propagar. Essa postura facilmente se transformaria num estímulo a que se adotasse uma posição crítica em relação à televisão, refletindo-se questões como as que se seguem: a quem ela serve? Quais os avanços tecnológicos que ela representa? O que pretende a sua linguagem? Qual é o seu discurso?

Diminuir a distância entre a escola e a TV, utilizando esta em benefício de uma educação mais abrangente e com objetivos de paz, é uma difícil tarefa que implicaria, não apenas num trabalho dos educadores, mas numa conscientização das emissoras e da sociedade em geral, que vai além dos interesses meramente econômicos que movem as TV's comerciais no Brasil de hoje.

Se vivêssemos num país em que o respeito aos direitos humanos e o exercício da cidadania fosse uma prioridade do Governo, e sendo as frequências de TV's bens do Estado, que os concede para exploração, estas concessões deveriam ser melhor acompanhadas por ele e cobradas quando não estivessem comprometidas com valores e princípios gerais de respeito à cidadania e aos bons costumes. Neste sentido, ao governo caberia também assegurar que a legislação não se restringisse apenas às proibições, mas que se estendesse à organização de todos os aspectos da TV, seja como meio de comunicação, de educação, de socialização e de entretenimento, para esta geração e para as que virão. Entretanto, é com pesar que vemos que nosso sistema sócio-econômico pede alianças espúrias do Governo e de nossas elites com setores interessados em manter a desigualdade social e a

exclusão de grande parte da população brasileira. Portanto, a produção de uma mídia mais comprometida com a defesa dos Direitos Humanos deve ser uma conquista de todos, fruto de um debate permanente entre a população e nossos representantes no Governo.

Na tentativa de buscar nos teóricos um formato de programas que melhor se prestem ao combate da violência, encontramos em COLONNESE (1998) a seguinte contribuição:

A ficção tem provado ser o melhor caminho para abordar e discutir questões e problemas com os jovens por despertar mais seu interesse, por ter maior aceitação entre eles que prestam atenção e não mudam de canal. Há rejeição a outros gêneros que fazem abordagem muito direta. A utilização da animação para apresentar a ficção produz resultados tão animadores que a UNICEF² os adota em suas campanhas (p.170).

No Brasil, a Rede Cultura tem sido um desses exemplos positivos. Segundo LEVISKY (1998), ela tem exibido programas de boa qualidade, seja de sua produção ou de outros países, mas todos eles elaborados segundo princípios que os constituem exemplos concretos e viáveis de propostas diferenciadas para o telespectador. Neste sentido, COLONNESE (1998), também nos diz que:

A TV Cultura de São Paulo chegou a alcançar o segundo lugar em audiência em alguns momentos no horário nobre na Grande São Paulo, durante várias semanas, em 1996, segundo dados do IBOPE. Isso significa que uma emissora com programas educativos conseguiu despertar interesse suficiente em crianças e adultos (que já voltaram do trabalho nesse horário) para deixarem de lado a apelação à violência e ao dramalhão, típicos de outros canais. A crítica especializada tem expressado o seu reconhecimento quanto à qualidade das produções da TV Cultura que tem recebido significativos prêmios em nosso País, na França, Japão, Estados Unidos e Alemanha Seus programas poderão ser ainda melhores, na medida em que forem mais impregnados pelos valores humanísticos (p. 170).

² Fundo das Nações Unidas para a Infância

Sabemos que tudo que é realidade hoje, foi sonho um dia. Se pensar a TV como possibilidade já é sonho hoje, por que não a ter como realidade amanhã? .

Diante de toda essa discussão, fica bastante claro que há uma correlação muito forte entre a mídia e a produção de uma subjetividade violenta. Entretanto, não poderíamos nos omitir de dizer que é inegável que outros dispositivos também pesam na produção dessa subjetividade. Entre eles, podemos destacar o estímulo à estética do consumo e à satisfação acessada imediatamente. Paralelamente, o crescente apagamento das diferenças e a diminuição da capacidade sublimatória³, características da sociedade hipermoderna, contribuem para que a violência, sob todas as suas formas – expressas e não expressas - recrudesça e domine o cenário de nossas subjetividades.

³ Enriquez,E. (2001, p.41) nos diz que" (...) a sublimação implica no reconhecimento, por cada um, de sua própria estranheza, da estranheza dos outros e no desejo de propor, sem vontade de dominação, ao conjunto dos indivíduos com os quais se vive, uma investigação conjunta e partilhada.. ...~..) O fato de poder se interrogar sobre si mesmo, de se descobrir estrangeiro para consigo mesmo~..)permite considerar o outro como menos estranho e mais semelhante a si mesmo. Assim, o outro (ou a coisa) não é mais um ser a dominar, a domar, por nossa atividade intelectual ou física, mas alguém com quem se pode tentar manter relações de reciprocidade, relações que podem se mostrar difíceis, conflituosas se necessário, mas que tendem a ser as mais simétricas possíveis". Bem sabemos que essa capacidade encontra-se diminuída em nossos dias...

3 -A FAMILIA CONTEMPORANEA E A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

*"Mudou a família, mudou o mundo,
mudamos todos e cada um."*

Souza, A .M.N.

Em face das reflexões produzidas na introdução de nosso trabalho, vimos que se torna imperativo voltarmos um pouco da nossa atenção para o estudo da família, importante célula nas diversas culturas.

Concluimos que não poderíamos falar em subjetividade, adolescência e violência, sem antes fazermos uma incursão pela família, na tentativa de visitá-la em alguns dos seus recantos e de conhecermos um pouco de suas peculiaridades, para, só então, buscarmos as articulações pretendidas.

A esse respeito, encontramos nas palavras de LIMA (1998) o respaldo teórico de que necessitávamos para algo que já entendíamos como fundamental:

Qualquer estudo sobre a psiquê humana que se realize atualmente, em especial no campo da saúde mental, sofre interferência do jogo emocional das relações familiares e nos leva a uma análise do conteúdo psicológico das experiências vividas no seio familiar(p.O).¹

Também nos demos conta de que, neste momento, não poderíamos deixar de considerar as inúmeras transformações por que passa o mundo contemporâneo, cujas repercussões se fazem sentir sobre o homem de nosso tempo e sobre sua organização familiar. Neste sentido, encontramos em ROIAS (1998), uma importante reflexão acerca das mudanças impostas pela

¹ Nas citações, as traduções do espanhol ma o português são de responsabilidade da autora deste trabalho

pós-modernidade² ao indivíduo, em especial aquelas relacionadas ao avanço tecnológico, cujas repercussões vêm se fazendo notar mais intensamente na relação com o outro e na qualidade dos vínculos que com ele venha a estabelecer. A seguir, em um dos recortes do pensamento das autoras, elas nos dizem:

Entre os diversos desenvolvimentos destacarei o progresso tecnológico, pela hierarquia de sua incidência, a massividade dos meios de comunicação(..)e o crescimento da informática. Penso que estas questões configuram, junto às novas técnicas de reprodução humana, capítulos centrais oferecidos a nossa reflexão psicanalítica, particularmente em relação a sua eficácia na produção de subjetividade. Por outra parte, é difícil deixar de lado, ao considerar as diversas versões pós – modernas de um irreduzível mal-estar, esse certo desprestígio da relação humana que parece identificar, em grande medida, a nossa época e põe em primeiro plano vínculos e perda de vínculos. Traços de época favorecidos tanto por valores e ideologias, como por desenvolvimentos técnicos concomitantes que oferecem, em nossos meios urbanos, recursos inegáveis para a substituição da relação interpessoal na vida cotidiana (p.125)

A literatura tem nos mostrado, que ao longo da história da humanidade, os vínculos têm sofrido transformações, ocorridas em paralelo àquelas que se verificam na esfera do social e da cultura. Cada época cria formas novas de ser e de pertencer. Ressalte-se, porém, que as mudanças tornam-se mais evidentes cada vez que a humanidade vive grandes passagens. A virada para o terceiro milênio, vivida por todos nós, recentemente, constituiu-se numa dessas passagens, trazendo consigo muitas inquietações e grandes questionamentos. Como nos dizem OLIVEIRA e DIAS (2000):

Neste final de milênio, vive-se a insegurança frente à queda dos antigos valores e a emergência de novos paradigmas: valorizam-se o consumo, o prazer imediato, o corpo, a individualidade, a informação e a mídia. O futuro perde a transcendência, a relação básica com o tempo muda e surgem as representações coletivas ligadas ao sentido de "final": final de século, de história, de ideologias. (..) Os sentimentos predominantes são de imediatismo, de fragmentação, de ausência de ideais e de respostas, de vazio e, principalmente de desamparo (p. 48).

² Expressão atribuída às mudanças ocorridas depois dos anos 50, as quais surgiram após o fracasso do projeto da modernidade, que estabelecia, segundo ROCHA (1994), a primazia do sujeito sobre o Ser e do sujeito sobre as coisas.

Como se pode observar, tais mudanças, por sua intensidade e pelo tanto de expectativas que carregam consigo, têm provocado alterações na vida dos indivíduos, repercutindo significativamente sobre a constituição de sua subjetividade.

Nesse contexto, pensar a família certamente nos exigirá postura crítica e flexível diante de toda essa processualidade da vida contemporânea, principalmente se considerarmos a rapidez com que se operam todas as mudanças. Estudar a família hoje implica, antes de mais nada, em considerar não apenas as posturas remanescentes do modelo de família nuclear³, como também em compreender e lidar com as demais configurações emergentes.

Viver uma transição implica em conviver com o tradicional, que sobrevive às transformações, como também em lidar com o novo, que, a cada momento, desvela-se surpreendente à nossa frente. Sendo assim, não dá mais para se pensar apenas na família nuclear como a referência única de nosso estudo, conforme se verificou em significativo período da história. Hoje nos damos conta de que novas configurações já se constituem uma realidade. É o caso das famílias recasadas, das monoparentais, das famílias homossexuais, o que aponta para um redimensionamento de seus limites e para o surgimento de uma nova dinâmica nos vínculos estabelecidos por seus membros. Retratando essa realidade, OLIVEIRA e DIAS (2000) trazem dados interessantes divulgados em matéria publicada pela Revista VEJA. Assim nos dizem as autoras:

A revista Veja, traz um artigo de capa, Unidos pelo Divórcio, que aborda o relacionamento de 14 milhões de famílias brasileiras formadas por segundos e terceiros casamentos. Uma adolescente de 18 anos, citada no artigo, passou por 5 famílias até o presente momento e, em cada uma delas, ganhou e perdeu pais e irmãos. Por outro lado, temos os filhos do divórcio, que, segundo o artigo, já somam 200.000 por ano no Brasil(p. 49).

³ Se até o final do século XIX e início do XX, a família era predominantemente *extensa* (pais, filhos, agregados e colaterais), passa a ser *nuclear*, constituída pelo casal e seus filhos (SOUZA, 1997).

Todas as mudanças que presenciamos, resultantes da soma de fatores de toda ordem, sejam eles afetivos, culturais ou econômicos, intrínsecos à evolução histórica do país, acabam por repercutir de forma significativa na dinâmica da família contemporânea e na constituição da subjetividade de seus membros.

Vale ressaltar, no entanto, que das tantas configurações que se delineiam para a família, algumas delas ainda se apresentam como fenômenos não claramente compreensíveis e estudados, principalmente se incluirmos em nossa discussão os avanços da ciência, no sentido da clonagem de seres humanos e de tantas outras experiências que se têm feito, nas quais os destinos da vida humana estão, cada vez mais, sendo decididos em laboratório.

Diríamos, portanto, que estudar a família, na atualidade, tem exigido de quem o faz uma verdadeira re-significação de posturas, com ampliação das discussões relativas à Ética e aos postulados teóricos que, se antes nos atendiam em nossas reflexões, hoje já não dão conta da enorme complexidade dos fenômenos relativos à conduta humana e às suas diversas manifestações no seio familiar. Salientemos ainda que, neste estudo, não levamos a discussão ao nível de aprofundamento que o tema requer, por não ser esta a proposta de nosso trabalho.

Buscamos o diálogo com nossos interlocutores teóricos; atentamos para suas falas, buscamos suas explicações, dividimos com eles nossas incertezas, para, só então, ao final, tentarmos encontrar algumas respostas para nossas indagações.

O modo de ser e de proceder de cada família depende do momento histórico por ela vivido e das mudanças capazes de interferir nas construções subjetivas próprias de cada grupo.

Talvez, aos olhos do leitor parecesse importante falarmos de que concepção de família estaríamos a nos referir, todavia, por conta de sua complexidade e da variedade de formas com que ela se apresenta hoje, sentimos muito dificuldade em conceituar família. A esse respeito, encontramos nas palavras de OSÓRIO (1996) um alento para nossa constatação. Acerca do assunto nos diz o autor:

(..) a família não é uma expressão passível de conceituação, mas tão-somente de descrições,. ou seja, é possível descrever as várias estruturas ou modalidades assumidas pela família através dos tempos, mas não defini-la ou encontrar algum elemento comum a todas as formas com que se apresenta este agrupamento humano (p.14).

Se tentássemos conceituar família correríamos o risco de fazê-lo de forma incompleta e superficial, em face das distintas configurações por ela assumidas, em épocas e lugares diferentes, já que os modos de funcionamento, estilo e particularidades são diversos, de acordo com os múltiplos fatores que incidem sobre ela. Por tudo isso, optamos apenas por descrevê-la. Para tanto, recorremos novamente a OSÓRIO (idem), que nos oferece a seguinte descrição:

Família é uma unidade grupal onde se desenvolvem três tipos de relações pessoais - aliança (casal), filiação (pais / filhos) e consanguinidade (irmãos) - e que a partir dos objetivos genéricos de preservar a espécie, nutrir e proteger a descendência e fornecer-lhe condições para a aquisição de suas identidades pessoais, desenvolveu através dos tempos, funções diversificados de transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais (p.16).

Todavia, cumpre-nos dizer que foi em AMAZONAS (2001) que encontramos melhor retratada e ilustrada a dificuldade em se descrever a família. Para tanto, a autora lança mão de uma metáfora utilizada por WITTGENSTEIN que, embora por ele empregada para descrever a linguagem, presta-se muito bem para exprimir o que experimentamos em relação à família. Assim nos diz a autora:

Ainda falando de Wittgenstein, encanta-me uma metáfora que ele utiliza para descrever a linguagem. Nas Investigações Filosóficas, página 15, Wittgenstein diz:

I

Nossa linguagem pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas; e isto tudo cercado por uma quantidade de novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes (Wittgenstein, 1991:15).

Comparemos esta metáfora a uma descrição de família. As formas antigas do que chamávamos família não desapareceram simplesmente; elas se transformaram neste entramado que se constitui a partir de novas formas de relacionamento humano. Seguindo a filosofia Wittgensteiniana, eu diria: nada nos impede de construir mais uma casa nesta rua. Nada nos impede de criar novas metáforas (p. 2).

Assim, são casas e famílias, 'novas e velhas', todas juntas, a acolher as pessoas nas cidades, ao mesmo tempo que ajudam a perpetuar a vida da humanidade.

Em face da complexidade do tema e de nossa intenção em circunscrever os limites de nossa abordagem, consideramos igualmente importante buscarmos nos autores uma caracterização para a família brasileira contemporânea, por ser ela a que nos interessa neste estudo. Para tanto, recorreremos a FERRARI e KALOUSTIAN (1994) que nos dizem o seguinte: .

A família brasileira, em meio a discussões sobre a sua desagregação ou enfraquecimento, está presente e permanece enquanto espaço privilegiado de socialização, de prática de tolerância e divisão de responsabilidades, de busca coletiva de estratégias de sobrevivência, e lugar inicial para o exercício da cidadania sob o parâmetro da igualdade, do respeito e dos direitos humanos. A família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência de desenvolvimento e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vem se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais, necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal; é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais (p.11-12).

Diríamos que são muitas as responsabilidades atribuídas à família brasileira contemporânea. As transformações histórico-sociais por que tem passado influenciam situações de crise por ela vividas e denunciadas por alguns dos desencontros individuais ou grupais que vemos eclodir. Todavia, tais crises poderiam ser também entendidas como o resultado de sua necessidade de mudar, tentando adaptações mais satisfatórias. Por outro lado, culpabilizar a família pelos desencontros experimentados por seus membros, certamente que não seria a postura mais adequada. Se dissermos que a família vive, atualmente, uma posição incômoda quanto ao repasse de valores a seus membros, não deveríamos perder de vista o fato de que os pais de hoje foram os jovens de ontem, membros de famílias pertencentes à época marcada por severas e profundas transformações sociais, culturais e subjetivas, cujas marcas se deixam refletir na relação que estabelecem com seus filhos.

A importância da família para cada um dos seus membros pode ser sentida em todas as situações por eles vivenciadas. Sendo a violência juvenil o nosso objeto de pesquisa, impõe-se alguma reflexão acerca da adolescência, de suas crises e das implicações recíprocas entre esta fase e os movimentos vividos pela família. Se cada novo momento da vida fica a carecer de outras elaborações psíquicas, o papel da família passa a ser fundamental em cada um deles. E ainda, se cada uma dessas passagens estaria sempre marcada pela experiência da perda – tendo perda aqui o sentido do que se deixa para trás -verifica-se que na adolescência, ao mesmo tempo em que o indivíduo deixa a infância, seus encantos e sua magia, é levado a pensar na vida adulta, em suas cobranças e expectativas. Por tudo isso, a adolescência pode se transformar numa fase de grandes turbulências e modificações, em que novas referências são buscadas e outras figuras de identificação assumem papel importante.

Se às perdas já esperadas, outras tantas se configuram, as repercussões sobre o desenvolvimento emocional do adolescente poderão ser intensas. Se falta uma família ou se os vínculos por ela estabelecidos não asseguram a atenção, o amor e o cuidado necessários a que um sentido de pertença se estabeleça, a adolescência pode se transformar numa difícil etapa da vida. Sentir-se desprotegido e fragilizado, pode representar uma ameaça ao adolescente, na medida em que não consiga resistir aos acenos do ganho fácil, da ilusão prometida pela droga ou do pseudo poder oferecido pela violência.

Diante de toda essa reflexão, fica evidente que não se poderia pensar a família e tudo que lhe diga respeito, a partir de uma visão reducionista e descontextualizada, como se ela e todas as suas manifestações não fossem, em última instância, o resultado de uma produção da cultura e do social em que se encontra inserida. Qualquer outra forma de abordagem corre o risco de se tornar superficial, alcançando apenas fragmentos de uma totalidade. Neste sentido, poderíamos dizer que cada ato, cada manifestação da família, faz parte de um todo intrinsecamente relacionado, situado num tempo e nas circunstâncias que o constituem. A esse respeito, ressaltamos o que nos diz AMAZONAS (2001):

(...) pensar a família é situá-la num contexto sócio-cultural que nos permita observar suas diferentes formas, suas transformações ao longo do tempo, e nos abriremos à possibilidade de redescritção desta instituição. (...) Isto, ao meu ver, é mais do que ser tolerante e respeitoso com a diversidade e a diferença; é mais do que considerá-las naturais, essenciais e, portanto, imutáveis. É criticar toda produção social deste modo criticar nossa produção do conceito de família e admitir a contingência de nossas crenças, de modo a nos abrir para o confronto e o diálogo com outras crenças e comunidades, aumentando a possibilidade de acordos intersubjetivos (p.2).

Como se pode observar, a família interfere e sofre interferências do mundo, na medida em que idéias e conceitos tradicionais passam por

redefinições. A própria reestrutura do trabalho, os avanços tecnológicos alcançados pela humanidade, o uso acentuado da automação, a redistribuição do poder, tudo isso tem contribuído para que novos estilos de vida e de organização familiar se constituam. A esse respeito, poderíamos dizer ainda que, fatores como a maior longevidade humana, a legalização do divórcio, entre outros, trouxeram inúmeras alterações à dinâmica familiar, na medida em que facilitaram a constituição de famílias monoparentais e recasadas, as quais passaram a exercer efeitos revolucionários sobre a ilusão de um contorno familiar fechado definido e estável a que estavam acostumados os membros da família do meado do século passado. Segundo ROJAS (1998), o que vemos hoje não são "*agrupamentos completos ou famílias intactas, senão apenas 'vínculos familiares', retalhos dos conjuntos que apareciam em formas solidamente unificadas, em gerações anteriores*" (p.127). Fruto de todas essas transformações, certas mudanças se tornaram preocupantes na medida em que os vínculos afetivos passaram a sofrer profundas alterações, seja por sua falta ou escassez, acentuando significativamente, o processo de individualização já tão evidente na contemporaneidade.

A crescente participação da mulher no mercado de trabalho também fez com que uma nova dinâmica familiar se estabelecesse. Por estar menos presente no lar, a mulher passou a partilhar com terceiros, o mais preconemente possível, a educação dos filhos. A babá, a escola e até mesmo a mídia, assumem o lugar deste terceiro, não sem riscos e sem conseqüências negativas, mas se apresentando como a alternativa possível. Nesse contexto, a família é levada a compartilhar, como nunca antes verificado, com todos os canais de comunicação com que se depara, tendo a televisão passado a ocupar lugar de destaque. Tais canais apresentam-se, por vezes, informando e educando, porém, em inúmeras ocasiões,

aparecem questionando e pondo em risco valores preservados e transmitidos pela família durante anos. Assim, poderíamos dizer que eles estariam dividindo com a família um papel que, por muito tempo, foi predominantemente assumido por ela.

Especificamente em relação à expansão da mídia na vida das pessoas, COLONNESE (1998) nos traz dados relevantes acerca da clientela cativa da televisão no Brasil. Assim nos diz a autora:

No conjunto dessa população atingida, a maior parte ocupa seu tempo de lazer vendo TV, que está quase sempre ligada enquanto a dona de casa faz os serviços domésticos e precisa manter as crianças sossegadas; as próprias crianças ficam assistindo a um programa depois do outro porque a programação é planejada para surtir esse efeito, mas principalmente porque não podem fazer outra coisa - não têm opções de lazer, não têm outro lugar para ficar e na rua é perigoso (p.163).

Seja para fugir de uma violência presente em nossas ruas, seja por falta de opção de lazer ou mesmo por ausência de mecanismos capazes de escapar dos efeitos magnéticos da publicidade, a verdade é que significativa parcela do povo brasileiro, em especial as crianças e os adolescentes, tem passado a maior parte de seu tempo livre diante da televisão. Lamentamos e muito nos inquieta esta constatação, por sabermos que se trata de uma televisão não comprometida com as causas sociais e de educação, e sim, na maioria delas, com os escusos interesses da propaganda. Juntamente com a família, a televisão também funciona como transmissora de ideais e modelos identificatórios, além de propagadora de valores e de significados de mundo, dando origem a novas constituições subjetivas e modificando relações até então existentes.

Como sempre acontece, por mais difíceis que sejam as mudanças, elas têm sempre algo de positivo a oferecer. Vimos que elas foram inúmeras nos últimos tempos, todavia, é especialmente em relação à mulher que gostaríamos de tecer algumas considerações. Tendo o seu papel sofrido várias redefinições, a

mulher pôde encontrar nessa sua nova condição, mais autonomia perante a família, além de uma posição de igualdade diante do marido, podendo partilhar com ele, não apenas a educação dos filhos, como também as responsabilidades da casa e as decisões adotadas em nome da família.

Dessa forma, poderíamos dizer que as mudanças que influenciaram na redefinição do papel da mulher foram fundamentais para a transformação da família. Dentre elas, poderíamos citar como das mais significativas, a revolução sexual, a busca de igualdade entre os sexos, a maior participação do homem nas atividades domésticas, a partilha do poder masculino, entre outras.

Por outro lado, verificamos que essas mudanças trouxeram inúmeras alterações ao tradicional papel de pai e de mãe que conhecíamos. Identificamos, com muita frequência, uma incerteza e uma certa desorientação por parte dos pais, em especial no que se refere à comunicação e ao modo de como educar seus filhos.

Certamente que tudo isso enfraquece as relações familiares. A diminuição da influência da religião, a debilidade das regras sociais e a globalização da comunicação, que impõe modelos massificados e trazidos de outras culturas, provocam mudanças significativas na função parental e no funcionamento da família. As repercussões daí advindas são muitas e se fazem sentir na constituição da subjetividade de seus membros, possibilitando o surgimento de novas formas de subjetivação em que predominam o individualismo e o desrespeito ao outro em sua alteridade. Neste sentido, verifica-se que a preocupação da família que antes era grupal, hoje passa a ser a realização individual, substituindo valores e mudando sua dinâmica e configuração.

Na esteira de todas as transformações, observa-se que os pais, também vítimas de um esmagador processo de desrespeito ao humano, sofrem o peso de uma

contemporaneidade desprovida de valores humanitários, regi da por uma mentalidade consumista e utilitária, em que as pessoas não valem pelo que são e sim pelo que possuem.

Se passarmos para a esfera pública, também vamos encontrar a inconsistência de nossas leis e a debilidade de nossas autoridades que, descomprometidas com a causa pública e com o bem comum, criam no jovem a ilusão do poder absoluto e da falta de limites. Reforça-se assim, o desrespeito ao outro e a possibilidade de se dispor desse outro como mero objeto de consumo, capaz de nos atender em nossos desejos, quaisquer que sejam eles, inclusive ao preço máximo de se tirar uma vida. Nessa perspectiva utilitária e desumana de ver o outro, abre-se espaço para toda forma de violência. É, pois, na vigência desse niilismo interior que jovens se permitem *‘queimar índio vivo, pensando que fosse mendigo.’*

A brincadeira daqueles jovens de Brasília e de tantos outros jovens brasileiros que matam, não apenas o outro, mas a si mesmos e a seus ideais, não é muito diferente da forma como nossa sociedade tem se relacionado com seus índios, negros, pobres, doentes, crianças e idosos ao longo desses quinhentos anos de história.

Partindo de constatações como essas, ficamos a nos perguntar se a violência de nossos jovens não apontaria para o desamparo e para o desespero daqueles que o fazem, numa espécie de tentativa última, reflexo de sua procura por cuidado? Em seus atos, esses jovens também não estariam denunciando a fragilidade de nossas leis, a certeza da impunidade e a total ausência de limites em que vivemos todos nós?

Assim o sendo, tudo isso poderá se transformar numa ameaça permanente, não apenas ao jovem, enquanto ser desejanter, imaturo e em busca de afirmação, mas à sua família e à sociedade brasileira como um todo, dada a gravidade de toda essa situação.

Em meio a esse contexto, ressalte-se o risco de se deixar vazio um espaço relacional a ser estabelecido entre a família e seus filhos. Tal vazio, não sendo adequadamente ocupado por uma figura parental, seja por descompromisso ou pelas demandas excessivas que a vida contemporânea impõe a cada um de nós, pode contribuir para que ligações perversas e tumultuadas possam facilmente se estabelecer entre esses jovens desassistidos e indivíduos oportunistas e marginais.

Diríamos também que, para preencher esse enorme vazio deixado em seus processos de subjetivação, o adolescente pode lançar mão das mais variadas possibilidades, seja adotando comportamento depressivo, adoecendo física ou mentalmente, praticando atos de violência, usando droga ou fazendo quaisquer outras extravagâncias que acabam por levá-lo à mutilações e até mesmo à morte.

Neste sentido, ROJAS (1998) muito tem nos ajudado, na medida em que oferece suas profundas reflexões acerca do assunto. Diz-nos a autora:

As funções da família não terminam com a infância, centrada apenas na construção do psiquismo infantil. Seus laços continuam oferecendo elementos às produções psíquicas subjetivas, sustentada também na dimensão da articulação com os outros. Com o passar do tempo ampliam-se os circuitos vinculares que apoiam o sujeito, perdendo-se a prevalência e a hierarquia das vinculações familiares de origem, em favor de outras, extrafamiliares, próprias da constituição dos novos grupos que surgem, como característica das diversas fases evolutivas (p. 122).

Estando o foco da nossa atenção voltado para a adolescência, vamos perceber que é exatamente nela que esse quadro relacional se amplia, graças ao

surgimento dos diferentes grupos que darão origem às novas vinculações. Muitas delas, possibilitadoras de crescimento, outras, porém, capazes de conduzir o jovem ao caminho da transgressão e da delinquência.

Ainda relativo ao pensamento da autora, vimos que o apoio vincular oferecido pela família ao psiquismo do indivíduo, não se restringe apenas à infância. Ele o acompanha ao longo de toda a sua vida ficando mais evidente em algumas etapas e em certas situações extremas por ele vividas. A fragilidade dos vínculos que aí se estabelecem poderá se transformar numa ameaça, com repercussões significativas sobre a constituição de sua subjetividade.

A adolescência, por todas as transformações a que está submetida, poderá se constituir num desses momentos de maior vulnerabilidade a que temos nos referido.

Mesmo que a família venha a dividir suas responsabilidades com diversos grupos, com o conjunto da rede social e com os meios de comunicação de massa, é inegável a sua importância na manutenção da cadeia vincular a ser estabelecida com seus membros. Segundo ROJAS (1998), o adolescente espera que a família o habilite no processo de sua inserção ao mundo extrafamiliar, de forma a favorecer-lhe, entre outras possibilidades, a construção de uma nova família. Estas habilitações fazem parte dos ritos de passagens e neles se vê um importante papel da família que, funcionando como ponte, facilita a travessia de seus filhos rumo a outros grupos e a novas inserções num contexto social mais amplo. A família de origem, ao favorecer o sentido de pertinência, possibilita a criação de raízes e oferece apoio à identidade dos descendentes, sempre de forma interativa, funcionando em cadeia com outros agentes, influenciando e sendo por eles influenciada.

Por toda essa discussão, pode-se dizer que o mundo contemporâneo trouxe inúmeras alterações à organização e ao funcionamento da família.

Certamente que ela se ressentir todas as vezes que os movimentos da contemporaneidade dificultam a manutenção dos vínculos por ela estabelecidos com seus membros. Tal situação é capaz de gerar distanciamento afetivo e solidão, o que contribui significativamente com um processo de subjetivação cada vez mais empobrecido e individualizado, cujas conseqüências incidem sobre suas fronteiras, tomando-as difusas, permeáveis e vulneráveis.

Se, como já dissemos em outro momento deste estudo, toda família se constitui num dado momento histórico e sob certas circunstâncias a serem por ela assimiladas e repassadas a seus membros; se, a sociedade com que ela estabelece sua interlocução e busca suas referências, vive hoje na impropriedade da Ética e da Moral; onde haveria de buscar valores e pressupostos a lhe servir de parâmetro no momento de sua constituição e naquilo que repassaria a seus filhos?

Os filhos, por sua vez, chamados que são a fazerem escolhas de toda ordem, sejam profissionais, pessoais ou familiares, como fazê-las, se lhes faltam ideais e valores em que acreditar? Como esse jovem pode se tornar depositário do reconhecimento de uma sociedade que o ignora e o violenta no mais insignificante de seus direitos de cidadão? Se lutar pela volta da democracia pôde representar, em épocas passadas um ideal a ser perseguido pela juventude brasileira, que causa ideal ou utópica teria ela hoje como lema para levá-la a combater o bom combate? Lutar pela volta da solidariedade, pelo respeito à humanidade do homem ou pela volta dos ideais? Certamente que precisa, sob pena de serem poucos os soldados nessa frente de combate.

Finalmente, tentando entender a violência como um modo de subjetivação do adolescente, à luz do estudo da família contemporânea, não poderíamos deixar de reafirmar os tantos embates psicossociais que instituem o adolescente violento, como também aqueles que, ao mesmo tempo, são instituídos por ele. Faz-se necessário se conhecer as influências que lhe são impostas pela cultura, bem como entender as diversas transformações que ele provoca nos vários contextos em que se encontra inserido. É preciso se compreender a dimensão da angústia que esse adolescente é levado a experimentar cada vez que tem de enfrentar esses embates, como também se entender que a passagem ao ato pode, muitas vezes, representar a única linguagem audível de que ele dispõe para falar ao mundo daquilo que o afeta.

4 - VIOLENCIA E CULTURA - Caminhos e (Des)caminhos na Produção da Subjetividade

*“Ganhei respeito na base da bala
já tenho um poder naquele bairro;
criei um nome matando”*

Adolescente, 17 anos,
Jardim Ângela, S P

O adolescente violento é nosso objeto de análise e é por esta razão que nos dispusemos a empreender uma cartografia de sua subjetividade. Para tanto, é preciso considerá-lo enquanto membro de uma família e sujeito de sua cultura, ambas submetidas às influências remanescentes da modernidade e aos ditames abusivos do pensamento pós-moderno. Se não houvesse nenhum outro fator perturbador a incidir sobre a constituição da subjetividade deste homem de nossos dias, a sua situação histórico-paradigmática já seria fonte suficiente de turbulência sobre sua conduta e sobre seu jeito de ser.

Ao tentarmos compreender o adolescente violento, não poderíamos deixar de considerar questões que perpassam a sua localização no tempo e no espaço. Assim, se quisermos melhor compreendê-lo em sua expressão, é preciso considerar o campo de forças e fluxos em que sua subjetividade se constitui. Viver no século XXI, exposto aos efeitos devastadores de uma economia perversa e globalizada, pertencer à complexa e surpreendente cultura brasileira, são alguns dos elementos que não poderíamos deixar de considerar, se nosso propósito é o de compreender, de forma abrangente e contextualizada, este jovem violento a que tanto temos nos referido.

Sabemos da amplitude do tema e de sua complexidade. Temos a noção exata dos limites de nossa ação, o que não nos impede, contudo, de discuti-lo apenas ao alcance de nossas possibilidades e, desta forma, lançarmos um pouco de luz sobre ele.

Interessa-nos conhecer melhor a relação entre cultura e produção de subjetividades e, mais especificamente, entre a cultura brasileira e a produção de subjetividades tão violentas quanto a de muitos de nossos jovens que, ao invés de direcionarem suas vidas para a busca do amor e da alegria, o fazem no sentido da destruição e da morte.

Ao longo de nosso trabalho, por vezes nos deparamos com estudos relativos ao mal-estar vivido pelo homem contemporâneo, cuja passagem para o terceiro milênio tem sido marcada por inquietações e desalojamentos certamente nunca antes experimentados.

Também nos demos conta do quão violenta tem sido a cultura brasileira em toda a sua evolução histórica. Gestos de exploração e de desrespeito marcaram o nosso processo de colonização, e, com certeza, não se restringiram, em sua expressão, apenas àquela época. Continuam impregnados na alma do brasileiro¹, fazendo parte de seu imaginário, e, portanto, interferindo no seu funcionamento e no seu peculiar jeito de ser. Seria absurdo nos indagarmos se vivemos numa sociedade do extermínio?

A família, por sua vez, exposta às turbulências advindas dos mais variados campos, seja do filosófico, político ou do social, ressent-se e repassa a seus membros, resíduos de seus ressentimentos. É como se, no particular, o homem

¹ COSTA (1999) traz observação acerca da palavra 'brasileiro' e do quanto a nossa língua, do ponto de vista da história, não estimulava o fortalecimento do sentimento nacional. O arsenal semântico exprimia essa realidade sócio-cultural. A palavra 'brasileiro', era empregada durante a colonização para designar a profissão de quem recolhia Jnu-brasil. Era-se brasileiro como se era calpinteiro (p.59-60)

reproduzisse um movimento que a sociedade já o vem experimentando no seu sentido geral. Assim, uma sociedade violenta tende a produzir famílias violentas, que por sua vez, tendem a gerar cidadãos igualmente violentos numa cadeia retroalimentada permanentemente.

Em face de todas essas reflexões, uma questão nos demanda a todos: enquanto sociedade, que estranhos elementos estaríamos disponibilizando a esses adolescentes quando da constituição de sua subjetividade?

Tentar responder a esta indagação, implica em percorrer caminhos e (des)caminhos que a contemporaneidade, em articulação com a cultura brasileira, apresentam-nos como obrigatórios. Para tanto, percebemos que antes de colocarmos os pés na estrada, algumas definições se fazem necessárias:

Primeiramente, vimos a importância de conceituarmos 'Violência' que, segundo CHAUI (1999), pode ser compreendida como,

Exercício da força física e da coação psíquica para obrigar alguém a fazer alguma coisa contrária a si, contrária aos seus interesses e desejos, contrária a seu corpo e à sua consciência, causando-lhe danos profundos e irreparáveis, como a morte, a loucura, a auto-agressão ou a agressão a outros (p. 336 -367).

Em busca de uma explicação que melhor comunicasse o sentido de 'Cultura', encontramos em RIBEIRO (1985) a seguinte definição:

Cultura é a herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo co-participado de modos padronizados de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das relações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que seus membros explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e a motivam para a ação. Assim concebida, a cultura é uma ordem particular de fenômenos que tem de característico sua natureza de réplica conceitual da realidade, transmissível simbolicamente geração a geração, na forma de uma tradição que provê modos de existência, formas de organização e meios de expressão a uma comunidade humana (p. 127).

E, finalmente, entendemos que discutir subjetividade, hoje, implica em escolher caminhos, em definir a posição teórica sob a qual o termo está sendo

considerado. Em nosso trabalho, consideraremos o conceito segundo a compreensão adotada por ROLNIK (1993, p. 305), quando diz que subjetividade pode ser compreendida como: " *O perfil de um modo de ser – de pensar, de agir, de sonhar, de amar, etc. – que recorta o espaço, formando um interior e um exterior.* "

Ao traçarmos a paisagem em que a subjetividade de nosso adolescente violento se constitui, estaremos, antes de mais nada, cartografando as forças e fluxos nela implicados, em especial aqueles provenientes de sua situação paradigmática de homem do século XXI, que, por si só, já se constitui em fonte de inúmeras inquietações.

Ser cidadão do terceiro milênio implica, por um lado, em desfrutar de uma maior liberdade de expressão, em ter a tradição não como um peso e sim como uma referência, onde a tolerância para com o corpo e para com a sexualidade já se constitui uma realidade. Por outro lado, significa também participar de uma sociedade fragmentada e desnordeante, dada a aceleração do ritmo das mudanças que nos impõe, mostrando-se questionadora dos valores estabelecidos e sem rumos claramente identificáveis, marcada pela violência urbana e pelo consumo de drogas. A esse respeito, diz-nos MEZAN (2000):

O afrouxamento da autoridade patriarcal e de seus derivados nas diversas esferas da vida, não deu lugar à fraterna união dos iguais, porém a um universo de desorientação e de insegurança cujos sinais estão por toda parte. A globalização da economia traz sua contribuição para esse panorama por meio do desemprego estrutural e da enorme aceleração no fluxo de mercadorias e de idéias características desta fase do capitalismo. Mas não se pode dizer que ela seja a única, nem a principal causa do mal-estar contemporâneo (p.209).

Certamente que, isoladamente, nenhum dos elementos trazidos pelo autor responderia por esse estado de coisas a que vimos nos referindo, entretanto, sabemos que, numa atuação conjunta, tais elementos potencializam-se mutuamente e

podem produzir, no homem contemporâneo, não apenas a violência como forma de expressão, mas formas outras de manifestação desse seu mal-estar.

São pressões e exigências que nos vêm de todos os setores da vida atual. Somos cobrados por desempenhos que nossas limitações nos impedem de corresponder. Impossível, também, é atendermos a todos os apelos que a mídia nos faz. Se ela é isso que está aí, superficial e mercantilista, é o resultado da falta de encontro e de discussão por parte de nossa sociedade. Tudo isso é cultura e nos vem por seu intermédio.

Falta-nos lei. Uma lei trazida pela cultura, produzida por todos e por cada um, fruto de um compromisso conjunto. Lei advinda das relações que se estabelecem como um todo, a partir dos diversos elementos da cultura e só assim capaz de pôr ordem na casa. Enquanto isso não acontece, permanece a sensação de impotência que atravessa a nossa cultura e nos paralisa diante do assustador crescimento da violência que, a passos largos, avança cada dia mais, sobre todos os segmentos da sociedade brasileira.

Tudo isso, a um só tempo, cria um campo de tensão cada vez maior, levando-nos, facilmente, ao limite do insuportável, ameaçando-nos em nossa saúde e em nossa integridade física e mental.

Se ao homem adulto, tais pressões tomam-se por vezes insuportáveis, levando-o ao extremo da angústia e do desespero, o que diríamos de sua repercussão sobre o nosso adolescente, protótipo do ser em construção?

Diríamos que, pela própria fragilidade que a idade lhe confere, toma-se presa fácil do rolo compressor do consumismo e de tantos outros apelos da *sociedade do espetáculo*. Cria-se uma expectativa imposta pela publicidade, que, quando não atendida, desencadeia uma difusa sensação de impotência,

capaz de levá-lo a recorrer atentativas desesperadas em busca do atendimento ao que lhe é demandado. Neste momento, a passagem ao ato violento pode se apresentar como uma alternativa possível. Se para ter a droga ou o carro dos sonhos é preciso roubar ou matar para consegui-lo, este poderá se mostrar como o caminho a ser percorrido.

A violência leva o indivíduo às últimas conseqüências e à desvalorização da vida como bem maior. Liga-se estreitamente ao modo como se organiza a sua subjetividade; depende da cultura e dialoga com ela; tem se mostrado como uma das manifestações mais contundentes do mal-estar contemporâneo.

Perplexos, damo-nos conta de que uma espécie de aura envolvente recobre os desmandos que presenciamos, conduzindo-nos à violência como conseqüência de um processo de descaso e de impotencialização da vida que vem se avolumando a cada dia.

Recorrendo novamente a MEZAN (2000), vemos que a este respeito ele nos diz que *"hoje o panorama social favorece a eclosão de padecimentos mais difusos, menos centrados em sintomas claramente identificáveis, mais ligados à sensação de que 'a vida não dá certo' (p. 210)."*

Vivemos um tempo de dúvidas e de interrogações. Questionamos os referenciais sócio-culturais, os valores e princípios em torno dos quais nossa sociedade se organiza. Vemos se produzir um tipo de subjetividade ilusoriamente marcada pela individualidade, passível de ser constituída e alimentada pelos inúmeros produtos oferecidos pelas estratégias advindas da publicidade em geral e da propaganda em especial. A Mídia aparece como dispositivo de fundamental importância na manutenção de todo esse estado de coisas.

Muitos são os autores a dedicarem parte de seu tempo à escuta desse mal-estar vivido por este homem contemporâneo. BIRMAN (2000), como um deles, fala-nos em uma de suas reflexões:

Nas últimas décadas, constituiu-se no Ocidente uma nova cartografia do social, em que a fragmentação da subjetividade ocupa posição fundamental. Esta fragmentação é não apenas uma forma nova de subjetivação, mas a matéria-prima por meio da qual outras modalidades de subjetivação são forjadas. Em todas essas novas maneiras de construção da subjetividade, o eu se encontra situado em posição privilegiada. No entanto, esse autocentramento do sujeito no eu assume formas inéditas, sem dúvida, se considerarmos a tradição ocidental do individualismo iniciada no século XVII (p.23).

Neste sentido, vamos encontrar nos estudos realizados por Lasch (1988) e por Debord (1992), referentes à cultura do narcisismo e à sociedade do espetáculo,² importantes instrumentos teóricos a auxiliar-nos na leitura que possamos fazer das novas formas de subjetivação emergentes na contemporaneidade. A partir da compreensão possibilitada por estes construtos teóricos, podemos nos aproximar, com maior clareza, dos fundamentos da psicopatologia da atualidade, bem como melhor compreender a violência como um modo de subjetivação, por vezes indispensável, como forma de sobrevivência física e psicológica daquele que a utiliza.

Vejamos o que nos diz BIRMAN (2000) a esse respeito:

Os destinos do desejo assumem, pois, uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas. Esse é o trágico cenário para a implosão e a exploração da violência que marcam a atualidade (p. 187).

² No final dos anos 60, O autor francês G. Debord denominou de sociedade do espetáculo às modalidades originais de sociabilidade que então se forjavam, enquanto o norte-americano Lasch as interpretou segundo a lógica da cultura do narcisismo, no final dos anos 70. (...)A idéia de espetáculo se conjuga aqui com as de exibição e teatralidade, pelas quais os atores se inserem como personagens na cena social. Tratar-se-ia, antes de mais nada, de máscaras mediante as quais as personas se inscrevem e desfilam no cenário social. (...) Tudo isso remete para as resultantes maiores dessa leitura, isto é, a exaltação do eu e a estetização da existência realiza das pelos indivíduos- BIRMAN (2000, p. 187).

A invenção da virtualidade trouxe significativa contribuição a esse cenário que estava se constituindo na contemporaneidade. Novas formas de relação intersubjetiva começaram a se estabelecer. A comunicação entre as pessoas e entre os povos de diferentes culturas passou a acontecer numa temporalidade diferente da que se conhecia até então, completamente inovadora, repercutindo substancialmente no tipo e na qualidade da relação estabelecida entre os indivíduos.

A esse respeito, GUATTARI (1992) nos diz que as redes digitais geradas pelos processos virtuais sinalizam para uma desterritorialização dos corpos, já que se estabelece uma espécie de possibilidade infinita de comunicação, a qual retira os indivíduos de seus corpos, suporte básico de uma subjetividade ancorada no campo social e representante de seus referenciais.

A virtualidade passou a realizar mudanças naquilo que sustentava este homem enquanto ser social. Criou a possibilidade de ‘retirá-Lo de seu corpo’ e de colocá-lo diante de contatos outros, meramente virtuais, transcendendo as noções de tempo e de espaço. Quais as repercussões sobre uma subjetividade constituída segundo essas noções? Se facilitadora por um lado, geradora de grandes mudanças por outro. BIRMAN (2000) nos fala a esse respeito:

A sociedade pós-moderna construiu poderosos instrumentos para Perverter os corpos e os sujeitos, transformando-os em corpos dóceis e em subjetividades passivas, o que impede a constituição do sujeito da diferença. (...) Na verdade, a cultura do narcisismo, revela, como nunca, a impossibilidade de alteridade e intersubjetividade, por onde se empreende a economia narcísica do gozo sem reconhecimento do sujeito da diferença (p.266).

Partindo de constatações como essas, poderíamos dizer que a subjetividade constituída em etapas anteriores ao advento da virtualidade, firmada segundo as noções de tempo e de espaço, estaria pouco a pouco se esvaindo, dando lugar a

novas construções, geradas por uma nova ordem mundial, capaz de criar novas instâncias no contexto individual e no coletivo, constituindo-se, assim, em novos espaços existenciais.

Desta forma, poderíamos dizer ainda, que, presenciamos a uma lenta e progressiva invasão dos fenômenos advindos da globalização, que, desconsiderando os limites da comunicação e das diferenças, vem reduzindo e invadindo a dimensão privada da intimidade e do particular.

O público invade o privado, contribuindo para um maior afastamento do homem de si mesmo, de suas próprias questões, daquilo que lhe diz respeito. O homem passa a guiar-se por diretrizes externas que orientam seus passos e normatizam seu comportamento.

A ótica do consumo transforma-se num imperativo, na medida em que passa a ser indicativo dos sintomas sociais e dos movimentos de exclusão: é preciso possuir os objetos que o capitalismo nos apresenta, sob o semblante de melhoria da qualidade de vida. Todavia, há significativa parcela da sociedade que não pode ter acesso a esse consumismo exagerado. A ela fica reservada, dessa forma, a já tão ampliada faixa dos excluídos e dos marginalizados, alimentando uma espécie de impotência social, já que não é possível se consumir tudo que se produz, seja por falta de tempo ou de dinheiro.

Se é difícil ao homem adulto corresponder a toda essa expectativa consumista, o que dizer do adolescente, este ser em construção? E quando a isso se soma o fenômeno da exclusão social? Neste caso, a delinquência pode se oferecer como solução. Aos olhos do adolescente, uma calça de grife ou um tênis de marca famosa podem ser vistos como os elementos de inclusão social de que necessitava. Se para tê-los é preciso roubar, por que não o fazer? O caminho da

violência pode se apresentar como o único capaz de, no mais curto espaço de tempo, oferecer ao jovem o instrumento que, a seus olhos, funciona como elemento de inclusão social. A esse respeito, recorremos a DIMENSTEIN (1993). Questionado acerca da relação que se possa estabelecer entre o inchaço das cidades e o aumento da violência, oferece-nos o seguinte como resposta:

A violência não é produto da pobreza. Em nações muito mais pobres que a brasileira, como a Índia, nações da África, do Sul da Ásia, a taxa de homicídios é comparável à das nações mais ricas. O que há é uma relação direta entre exclusão social e violência. Só o inchaço não explica. É o inchaço com a percepção que você não é incluído. Você deixou a família no Nordeste, muda para uma situação em que não tem nenhuma referência, em que passa a viver o que eu chamo da violência da invisibilidade; você não é reconhecido, não se reconhece pelo nome, não tem família, não tem lazer, não tem pontos de encontro, a cultura onde você vive não reflete a sua cultura estética. Então você é um ser acuado. Então cria um ressentimento. A violência é fruto de um ressentimento crônico. A violência é subproduto da exclusão social. E exclusão social não é miséria. Você pode estar numa situação de miséria sem se sentir excluído. Na Índia, por exemplo, tem a situação das castas. Em alguma delas está lá: olha, eu sou pobre porque tenho de ser pobre. Então você não se sente rejeitado. A rejeição vem na hora em que você diz: puxa, eu queria ter uma calça jeans, eu queria ter um CD, e aí se instala o germe do ressentimento social. Por isso é que, se não conseguir se integrar aos benefícios culturais, a pessoa fica com ressentimento (p. 7).

Uma das preocupações de BIRMAN (2000), consiste no fato de se ter uma psicanálise que procure pensar a atualidade e que seja ela a do Brasil e do Mundo; que considere os sujeitos enquanto agenciados em suas modalidades de satisfação e gozo a partir daquilo que lhes possibilitam as ordens social e política, assim como os mecanismos de distribuição de riqueza. Para ele, essa compreensão nos conduz muito além da crença de que o psiquismo e o sujeito se fundam apenas na ordem simbólica e no registro da linguagem. Esta leitura da subjetividade não pode esquecer que o psiquismo se inscreve num corpo ‘erógeno’ e ‘pulsional’ para se constituir enquanto tal, não existindo dessa forma, qualquer ‘psiquismo desencorpado’.

Sabemos o quanto é legítima a preocupação do autor e, neste sentido, diríamos que é impossível trabalharmos numa perspectiva ética, desprezando as diferenças que surgem nos diversos contextos sociais, fruto da exclusão gerada por sistemas econômicos perversos ou formas preconceituosas de se conceber o sujeito no mundo.

Neste sentido, não poderíamos fazer ciência fechando os nossos olhos aos movimentos gerados pelas classes populares no Brasil, que descrentes que estão de terem o reconhecimento, como cidadãos, nos dispositivos sociais do poder existente, vão buscar, no corpo-a-corpo com a violência, as formas de reconhecimento como sujeito, de que necessitam em seu processo de auto-afirmação.

O que poderíamos dizer, afinal, a respeito dessa intrincada relação entre violência e cultura e suas repercussões na produção de subjetividade?

Diríamos que a cultura brasileira, como poucas no mundo, juntou elementos muito díspares em sua formação: riqueza e pobreza, domínio e submissão, tristeza e alegria, vida e morte. Polaridades diversas, forças em confrontação têm marcado a dinâmica de nossa cultura em todas as suas formas de expressão. Construções e desconstruções impregnam o caminhar de nossa gente. Se com a arte criamos, com a violência destruímos. Ambas, lado a lado, constituem o nosso estranho jeito de funcionar.

Analisando a violência brasileira, motivo de nossa preocupação, enxergamos também o seu averso. Nela, há uma energia pulsante que nos salta aos olhos e se mescla por entre as diversas faces que apresenta. Não estaria ela presente na figura do malandro que não respeita as regras, na lei de ‘Gerson’ que sempre encontra um jeito de levar vantagem em tudo, no ‘jeitinho brasileiro’

que desconhece o direito do outro? Porém, ao lado da energia utilizada sob esses aspectos, há uma outra, cuja criatividade causa admiração ao mundo inteiro. É a energia expressa no esporte, nos pés do jogador que dribla o adversário com versatilidade e beleza, na nossa arte miscigenada que transcendeu a discriminação e o preconceito, no sincretismo religioso, em todo movimento artístico brasileiro, expressão do potencial de uma gente que consegue transformar o aparentemente ‘*intransformável*’, dando graça e harmonia a tudo que faz. Dentre tantos outros, o movimento antropofágico³ brasileiro merece destaque. Sobre ele, ROLNIK (1998), uma de suas admiradoras, refere-se sempre com muito entusiasmo. Vejamos o que nos diz a autora:

(...) a marca antropofágica nos processos de subjetivação é uma espécie de potencialidade de mutação. Esta marca dá lugar a uma situação paradoxal: diferentemente do que se passa no campo da economia e da tecnologia, no que diz respeito aos processos de produção de subjetividade e de cultura, o Brasil é um país bastante integrado às possibilidades oferecidas pelo mundo contemporâneo: é que esta integração depende de uma velocidade de transfiguração que, como vimos, é favorecida pela antropofagia (p.02)

É a nossa criatividade que pulsa pedindo passagem. Energia viva pedindo para ser canalizada. Não o sendo, a violência seria o canal encontrado por nossa gente para lhe dar vazão?

A violência aparece como mais um sintoma que encobre aspectos fundamentais da formação dos laços sociais gerados pela sociedade capitalista contemporânea. O capitalismo trouxe consigo o desmoronamento de valores, códigos e princípios estáveis e em seu lugar deixou uma subjetividade individualizada e narcisista. Trouxe também o sofrimento de se estar cada vez mais solitário na

³ Antropofagia-signo de uma das marcas presentes nos processos de subjetivação no Brasil. Movimento Antropofágico, designa uma das marcas presentes em nossa produção cultural. Relativo ao movimento literário e artístico brasileiro do fim dos anos 20, que pregava a valorização dos elementos nativos e primitivos brasileiros em combinação com a assimilação das tendências modernas do pensamento europeu e da arte de vanguarda. FERREIRA, A .B. -(2000, p.156)

procura de algo que lhe devolva o sentido da vida, buscado, cada vez mais, nos estreitos limites do usufruto dos bens de consumo. Neste sentido, ela pode aparecer como uma resposta extremada a todo esse apelo de consumo, em que o sujeito se consome na relação com seu objeto tentando, a todo custo, preencher o vazio por ele experimentado.

É com pesar que constatamos que a fragilidade de nossas leis e o exercício de uma justiça regida pelos *'dois pesos e duas medidas'*, não conseguem deter a violência em sua expressão; incitam o cidadão brasileiro à prática da malandragem que, no dizer de DAMATTA (1986), aparece como a forma menos dramática que lhe resta, de proceder à *'navegação social.'* Trata-se de saídas encontradas, como o famoso *'jeitinho brasileiro'*, fruto de uma violência estrutural de uma sociedade em que as leis que a regem não são feitas para todos. O jeitinho aparece, igualmente violento, na medida em que viola os limites e leis oficialmente instituídos, como forma de escapar da opressão a que está submetido o cidadão comum.

Por fim, buscando uma ilustração para o tema da violência como alternativa de reconhecimento, trazemos o recorte de uma entrevista concedida por uma adolescente⁴ de 16 anos, à Revista Época (2001). Em uma matéria intitulada *'Eu me transformava'* a jovem fala a respeito das razões que a levaram ao mundo do crime. Refere-se ao quanto a violência, como modo de subjetivação, mostrou-se como a única alternativa a lhe possibilitar o reconhecimento de que tanto necessitava em seu processo de auto - afirmação. Assim nos diz a adolescente:

⁴ Adolescente de 16 anos, Chefe de uma quadrilha que roubava casas e assaltava bancos na zona Sul do Rio de Janeiro, hoje presa no Educandário Santos Dumont, abrigo para meninas infratoras do Rio de Janeiro.

O único meio que eu tinha de me orgulhar de mim mesma era no crime. Sabia que eu tinha coragem, que eu era capaz de encostar a arma na cabeça de alguém. Mas, quando paro para pensar, vejo que o crime não era como eu imaginava, como eu sonhava. Você ouve as histórias de Lili Carabina¹³, pensa em matar, fazer e acontecer. E quer ganhar dinheiro para conseguir respeito. É: tudo uma forma de se esconder da vida que a gente tem. Agora sei que não vou mais poder comprar roupa de boutique, mas ainda tenho 16 anos, poxa. Posso trabalhar muito. Vou voltar a estudar aqui, me inscrevi no curso de computação (p.102).

Facilmente associamos adolescência a sonho, a aventura, a ambição. Como atender a seus sonhos de consumo, a sua necessidade de inserção social, a seu desejo de ser reconhecido e valorizado, se lhe falta, por vezes, o mínimo necessário à sua sobrevivência física e psicológica? Como satisfazer aos imperativos de suas necessidades, se falta a este adolescente, o alimento do corpo e do espírito, um teto que o abrigue, uma família que o ame e eduque, uma escola que o forme e informe? Se lhe falta amor, assistência a sua saúde, oportunidades de lazer e segurança? Se a família e a sociedade não se colocam como instituições capazes de atender a essa demanda da juventude, certamente que outros segmentos serão por ela buscados. Ser reconhecido é tão importante quanto ser alimentado. É preciso buscar esse reconhecimento a qualquer preço e, nesta busca incessante, o mundo do crime pode se oferecer como a única, ou quem sabe, como a última das possibilidades...

¹³ Lili Carabina- Mulher brasileira que, para vingar a morte do companheiro matou pela primeira vez. Cumpriu pena de 26 anos, tendo uma bala alojada na cabeça. Morreu em abril de 2000, quando estava em liberdade havia 104 dias. Nos anos 70 inspirou o filme Lili Carabina.

IV -EM BUSCA DE UM MÉTODO: Construindo um caminho

"Tudo vale: visitas, gravações, entrevistas, vídeos, fotos, escritura de memórias, desenhos... Só o que não vale é acreditar que o apanhado pelo instrumento de registro, por si, revele a totalidade do buscado, nem mesmo que ele se transforme no próprio buscado, isto é, que tome seu lugar."

Critelli, D.M

Tomamos por objeto de estudo a violência como situação que afeta o homem. Neste sentido, interessa-nos compreender de que maneira ela participa da constituição da subjetividade desse homem. Considerando-a como objeto, vamos recorrer, quanto ao método, à compreensão fenomenológica do sentido de ser. Assim, ser afetado é modo de constituição de subjetividade.

Ser afetado passa pela compreensão do modo como se dá essa *afetabilidade*. Interessa-nos conhecer como ocorre essa *compreensibilidade* por meio da *afetabilidade*. Tudo isso passa pela *comunicabilidade*.

Comunicabilidade revela os modos como o sujeito compreende seu ser no mundo com os outros e nesse sentido é ação, como *publicização* de sua compreensão. Portanto, é testemunho público de um modo de ser no mundo, comunicado entre homens. Neste sentido, o diálogo foi tomado como nosso ponto de partida e aconteceu através de depoimentos colhidos como registro da experiência de representantes da cultura acerca da violência juvenil.

Considerando a classificação metodológica proposta por CHIZZOTI (1995), adotamos uma metodologia qualitativa, por esta buscar significados de relatos colhidos a partir de depoimentos pessoais. Esse tipo de metodologia é marcado por uma postura participante, onde o pesquisador interage com o sujeito,

parte integrante do processo de conhecimento, compreendendo os fenômenos e atribuindo-lhes significado. *O objeto não é um dado inerte, neutro: está possuído de significados e relações que os sujeitos criam em suas ações (p.79)*. Por esta razão, segundo o autor, não é possível a utilização de uma metodologia sistemática e previsível. Portanto, não tendo uma forma rígida para seguir, ela permite um questionamento continuado dos critérios de validade que possam garantir a credibilidade dos resultados.

Valendo-nos da perspectiva fenomenológica, buscamos captar o fenômeno partindo do nosso olhar de pesquisador-participante. Este olhar, segundo Souza (2001),

(...) é uma forma de aproximação em relação às coisas, buscando captá-las e expressá-las, em resposta àquilo que são e como são verdadeiramente. Essa aproximação é mobilizada pela inquietação e pelo interesse que em nós o fenômeno evoca e que, ao mesmo tempo, nos solicita respostas. Ou seja, essa aproximação instiga-nos em nossa 'respon - abilidade', em nossa habilidade de resposta a tudo que, de alguma forma nos afeta. Esta 'pro-vocação' nos conduz a um certo envolvimento que nos direciona para o fenômeno, olhando-o a partir de dentro dele mesmo, em seu modo de dar-se (p.70).

Sentimos a necessidade de buscar no fenômeno o seu modo próprio de dar-se, que é o da *re-velação*. Se nenhum dado é inerte, mostrando-se mutável a cada nova circunstância, debruçamo-nos sobre ele em busca dessa mutabilidade, pois é nela que o fenômeno se modifica e novamente se nos *re-vela*. Em nosso trabalho, fomos mobilizadas por essa atitude de abertura e receptividade, razão pela qual, num primeiro passo, apenas nos deixamos afetar pelo fenômeno, para, em seguida, dialogarmos com ele. Essa é uma postura fenomenológica e assim nos conduzimos. As palavras de MAFFESOLI, (1998) nos caem como uma lição metodológica nesse tipo de abordagem. Neste sentido nos é dito:

Considerando as coisas "em si", jamais elas se poderão dar como fenômeno. A atitude fenomenológica é a via de acesso às coisas mesmas. Como via de acesso ela nos introduz a um pensamento acariciante, que pouco se importa com a ilusão da verdade, que não propõe um sentido definitivo das coisas e das pessoas, mas que se empenha sempre em manter-se a caminho (p.113) .

Dessa forma, o pesquisador é, por excelência, um intermediário da comunicação. Numa pesquisa, ele entrelaça a sua escuta à metodologia adotada, na tentativa de melhor compreender o fenômeno. Enquanto pesquisadora, nos posicionamos com um *ouvido a ouvir* o relato do Participante que fala do fenômeno, com o outro, voltamo-nos para nós mesmos, na tentativa de *ouvi-lo* em nós, para, finalmente, Partirmos para a compreensão deste ‘fenômeno-objeto’ de nossa inquietação.

É por razões dessa ordem que optamos por trabalhar com depoimentos enquanto testemunhos da experiência e constituintes da narrativa. Segundo MORATO e SCHMIDT (1999),

A narrativa se apresenta como o registro da experiência, na medida em que abriga a elaboração dos dados diversos que se sedimentam e desdobram ao longo do tempo de uma vida. Plural e única, a narrativa amálgama a sabedoria e o desconhecido, o refletido e o vivido, o lembrado e o esquecido (p. 124 -125).

Assim, utilizaremos da narrativa enquanto instrumento de acesso à experiência do sujeito.

Os depoimentos contemplando a narrativa são a expressão daqueles que, de alguma forma, estiveram em contato com a violência do adolescente contemporâneo. Em nossa pesquisa, eles expressam a experiência singular daquele juiz e daquela jornalista específica, daquelas duas famílias e de seus filhos, respectivamente, e não apenas de um depoente a mais entre tantos outros. Aí reside a importância de ouvirmos aquelas pessoas, já que é a

experiência vivida por cada uma delas que legitima a sua fala e dá sentido ao nosso trabalho.

Como o nosso foco principal é a experiência dos participantes em relação ao tema, para a colheita de informações utilizamos 'entre-vistas' em que atuamos como ouvinte e participante do diálogo. Segundo MINA YO (1999),

Ao lado da observação participante, a entrevista - tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de colheita de informações sobre determinado tema científico - é a técnica mais usada no processo de trabalho de campo (p. 107).

Tentando um contraponto com a autora, permitimo-nos dizer que, ao invés de 'entrevista', usamos a 'entre-vista' por esta se nos revelar como o utensílio que buscávamos neste trabalho e não como uma técnica, que, impregnada da perspectiva normativa, poderia comprometer a condução do processo. Neste sentido, sentimo-nos livres de quaisquer amarras pré-estabelecidas que, porventura, viessem a interferir na captação do fenômeno.

Sendo assim, trabalhamos com entre-vistas iniciadas apenas a partir de uma pergunta norteadora, dirigida a cada participante: com o Juiz e com a Jornalista, iniciamos o diálogo a partir da seguinte pergunta: **Como é sua experiência de lidar com a violência juvenil?** Ao jovem que praticou a violência, foi perguntado: **Como foi para você a experiência de praticar um ato violento?** Ao jovem que sofreu um ato de violência, perguntamos: **Como foi para você ser vítima de violência?** E, finalmente, aos Pais foi perguntado: **O que significou para você(s) a experiência de lidar com a violência juvenil?**

Tal forma de aproximação aos depoentes, embora encadeadamente compreensível pelo nosso próprio relato e questionamento, merece contudo uma atenção especial. Isto porque esta pesquisa não se limita apenas à compreensão da violência e sua relação com a produção da subjetividade, mas se impõe também como uma possibilidade de comunicar como a metodologia pode ser compreendida no seu próprio sentido etimológico, sem perda da contribuição ao conhecimento.

Se Metodologia pode significar estudo do caminho e dos modos; se busca dizer e refletir acerca dos caminhos percorridos para encontrar o sentido do questionamento, o sentido de método, como mero modelo de procedimentos normativos, no sentido de caminho para uma pesquisa produtora de conhecimento, começava a se fazer questionável. Desse modo, tendo recorrido a depoimentos como registro de experiências, e compreendido o sentido de *entre-vistas* através do diálogo entre pesquisador e depoente para *re-revelação* do fenômeno, não seria possível haver uma única pergunta disparadora para todos, indiscriminadamente; impôs-se, antes, a necessidade de uma pergunta aproximativa que pudesse contemplar a esfera da experiência daquele sujeito, no sentido de que, através das diferentes perspectivas, o fenômeno pudesse começar a se *re-revelar* em sua complexidade e pluralidade. Ao mesmo tempo, o sentido de método, como mero modelo de procedimentos normativos, no sentido de caminho para uma pesquisa produtora de conhecimento começava a se fazer questionável.

Vamos ousar recorrer a um novo significado de método para nosso sentido metodológico. Método não como caminho que deve ser seguido, mas como utensílios que estejam à mão e dos quais nós possamos fazer uso, na compreensão do sentido que buscamos estudar.

Construindo os primeiros passos...

Iniciamos pela escolha dos depoentes: como representantes que são da cultura, ouvimos um Juiz da Vara da Infância e da Juventude uma Jornalista com experiência no assunto e os membros de duas famílias, cujos filhos estiveram envolvidos em atos de violência, seja na condição de vítima ou de autor.

Num primeiro momento, recorremos, por pensar no rol dos participantes, a THIOLENT (1986), por nos dizer que uma escolha específica deve-se ao fato de se tratarem de,

(...) pessoas que são escolhidas intencionalmente em função da relevância que elas apresentam em relação a um determinado assunto. Pessoas e grupos são escolhidos em função da sua representatividade social dentro da situação considerada (p. 62).

Sendo assim, a escolha do juiz e da jornalista aconteceu na medida em que, cada um, dos lugares que ocupam enquanto profissionais, poderia nos falar de suas experiências com o tema. Justificava-se, ainda, pelo fato de ambos serem formadores de opinião, e por estarem, de perto, dialogando com a cultura, num contato direto com uma violência denunciada, já que ambos, no exercício de sua profissões, atuam como especialistas no trato com a questão.

Contudo, no desenrolar da pesquisa e do encaminhamento das questões, pensamos, agora, que a escolha talvez se deveu não ao sentido clássico de eleição de participantes para a pesquisa, e, desse modo, considerada como ‘mostra intencional’. Impondo-se a questão da competência (como testemunha de experiência) dos depoentes em relação ao tema, a qualidade de sua *exemplariedade* para produzir sentido à compreensão da questão revela-se acima da mera representatividade social de um papel. A escolha visava à qualidade

singular da experiência dos participantes na sua condição de também pertencentes ao mundo e dentro da especificidade dessa pertença no coletivo.

Na mesma visão, quanto às famílias, sua escolha deveu-se ao fato de que tanto o jovem que praticou o ato de violência quanto o que foi vítima dele pertencem a uma família. Desse modo, comunicarem sua experiência também implicaria em estar comunicando um modo de constituição desta família bem como a produção de seus valores e ações decorrentes.

O nosso primeiro passo em direção aos participantes foi no sentido de explicar-lhes, cuidadosamente, o objetivo do nosso trabalho e, em seguida, obter a autorização de cada um deles para incluí-los na pesquisa, ressaltando-se que a preservação de suas identidades estaria, desde já, assegurada. Na mesma direção, a escolha do local e horário em que tais depoimentos foram colhidos, seguiu a conveniência de cada depoente no sentido de sua especificidade na pertença ao coletivo. O mesmo ocorreu com as famílias.

Com o Juiz e com a Jornalista, trabalhamos no expediente da tarde, em seus ambientes de trabalho. O encontro com as duas famílias ocorreu em suas respectivas residências, num sábado à tarde, por ser este, segundo informaram, o dia da semana em que todos estariam em casa. Com eles, a entrevista aconteceu inicialmente em conjunto, para que a dinâmica familiar se desse a conhecer e, em seguida, individualmente com cada jovem, assegurando-se, desta forma, a singularidade de sua experiência e de sua subjetividade.

Todos os depoimentos aqui apresentados foram colhidos no período de dezembro de 2000 a agosto de 2001, e seu registro foi feito através de gravação em fita, autorizada pelo narrador. Todos eles foram

colhidos e transcritos na íntegra, preservando-se, da forma mais fiel possível, o que foi dito e como foi dito.

Em seguida, buscando uma melhor apresentação do material colhido, os depoimentos foram literalizados. Para uma maior caracterização deste procedimento metodológico, recorreremos a SOUZA (2001), quando nos diz:

A literalização é um recurso utilizado na pesquisa fenomenológica em que o pesquisador aparece como alguém que se inclui e fazendo parte do que 'quer saber e do que ele pode ver', como testemunha daquilo que lhe é dito pelo depoente. Então, sem alterar as falas e o sentido das mesmas, corrige-se os vícios de linguagem, concordâncias e tempos verbais, utilizando-se das pontuações gráficas para expressar o ritmo da fala do depoente e assim poder permitir a leitura do leitor com sua própria interpretação. Contudo é texto ainda transcrito, exatamente pelo amálgama da experiência do depoente com a interpretação do pesquisador (p. 74).

Transcritos e literalizados, os depoimentos transformaram-se em textos, balizados por nossa preocupação em preservar o sentido daquilo que foi relatado.

Na seqüência de nosso percurso metodológico, num primeiro momento, apenas nos debruçamos sobre o fenômeno, como que a contemplá-lo nos seus mais variados aspectos, deixando-nos afetar por ele. Em seguida, buscando uma compreensão daquilo que cada um estava nos revelando, tentamos articular um diálogo entre os depoimentos e nossa compreensão, na tentativa de identificar, nesse conjunto, aqueles aspectos que nos levariam a uma compreensão dos elementos geradores da violência juvenil.

1 -DEIXANDO-SE AFETAR PELO FENOMENO

"O que são as coisas quando não estamos a olhar para elas?"

José Saramago

Por optarmos em trabalhar com depoimentos contidos em narrativas é que recorreremos a SCHMIDT (1990, p.73) em busca do que ela nos fala a esse respeito. Segundo nos diz, *"O depoimento caracteriza, então, o momento de Contato do pesquisador com uma esfera circunscrita da experiência do narrador "*. É exatamente esta a nossa proposta. Mas, ao mesmo tempo, sabemos o quanto este momento é difícil para o pesquisador, dada a multiplicidade de elementos que entram em cena, quando considerada a riqueza dos mundos de quem narra e de quem ouve e que, ao se encontrarem, repercutem diretamente sobre a transcrição da coisa relatada.

Ainda nos valendo da literatura, fomos verificar que BENJAMIN (1985, p.198), no século passado, década de trinta, quando escreveu 'O Narrador', já expressava certa preocupação em relação a isso. Ele já nos alertava para o fato, dizendo-nos que, *"as narrativas escritas que mais conservam a força e o sabor da experiência são aquelas que mais se aproximam das orais (1985, p. 198)"*.

SCHMIDT (1990), por sua vez, também reflete sobre o assunto e chega a nos dizer que *"isto pode ser um argumento favorável à preservação da integridade dos depoimentos, numa pesquisa em tomo da experiência. Integridade relativa, pois, na transposição do relato oral para o escrito perde-se sua dimensão corporal (p. 75) "*.

Sendo assim, e fazendo nossa a preocupação dos autores com a fidelidade ao relato da experiência de nossos depoentes, é que fomos observar o fenômeno do lugar de onde eles nos falam. Exatamente por nos deslocarmos para lá, é que

ousamos dizer que nenhuma coisa existe em si mesma, senão a partir do olhar de quem a captura. A relação estabelecida com o sujeito observante é que dá sentido à coisa mesma. Esta, por sua vez, apenas se oferece, deixando-se constituir por este sujeito que lhe atribuirá o sentido a partir de seu vivido. É por essa razão que nos permitimos afirmar que o nosso olhar tem o alcance de nossa experiência.

Percebendo que a dimensão da experiência dos nossos depoentes parecia contemplar uma esfera de temas específicos, resolvemos subdividir cada depoimento segundo a temática por eles abordada. Em seguida, efetuamos recortes em suas falas, o que apresentamos, a seguir, sob o título de ‘visões’¹ de cada depoente acerca da questão-objeto de nossa pesquisa. Com isso, pretendemos introduzir o leitor na temática a ser apresentada, sensibilizando-o para aquela etapa e lançando um convite para o posterior momento da discussão e do entrelaçamento de todos os sentidos que a experiência dessas pessoas possa nos revelar.

Debrucemo-nos, neste primeiro momento, sobre os depoimentos como que a observá-los, para, em seguida, partirmos em busca da compreensão de sentido. Passemos aos relatos:

1.1 -É Preciso Compreender: Visões de um Juiz

É preciso compreender

Se você não compreende, você estigmatiza, cria preconceito e não tem nenhuma capacidade de reeducar...(..) Quem trabalha com criança e adolescente, desde o rapaz que atende na portaria, o mais humilde servidor que cuida dos jardins,

¹ Visões-em itálico e aspeado, indicando não o sentido literal, e sim, como ponto de vista ou perspectiva

até o juiz e o desembargador, todos eles têm o compromisso de tentar exercitar a compreensão, sem ser passivo, sem ser negligente, 'sem passar a mão na cabeça'.

A partir do momento em que você compreende a causa desses problemas, você luta para transformá-la a mentalidade do jovem. E nesse exercício de compreensão, às vezes, perguntamo-nos: quem seria mais violento, ou que tipo de violência ofende mais? É aquele que pratica a malversação da verba pública, ou é o adolescente que furta um relógio, muitas vezes sem saber o real valor que esse Relógio tem?

(...) É preciso que se faça uma análise da conjuntura social, da covardia social que se pratica com esses jovens carentes de família, carentes de estrutura societária básica, carentes de civilidade, carentes de cidadania, carentes de educação primária básica. (...) Penso não só em educação formal, mas na educação doméstica, onde constatamos que esta é quase inexistente. Compreendendo toda essa estrutura, temos condições de responsabilizá-lo e de redirecionar a rota desse jovem, de inserir novos valores na mentalidade dele. .

É preciso compreender que o Estatuto da Criança e do Adolescente é um projeto da sociedade e que todos nós somos co-responsáveis por esse estado de coisas que está aí.. é compreender que o menino que está na rua pedindo esmolas, ou sendo explorado, bem que poderia ser nosso filho também... (..) e se nós tivéssemos uma visão humana da nossa própria condição; poderíamos encarar como nosso filho, e não deveríamos permitir que nós tivéssemos o padrão de vida que temos, em detrimento de outras pessoas. Seríamos mais sociáveis, mais sensíveis...

Estamos criando uma "casca" à guisa de defesa, necessária também, e essa "casca" está fazendo com que repilemos essa massa de adolescentes, de crianças, de jovens. Essa massa está sem oportunidade nenhuma...

Desintegração da Família

O fato é que a violência permeia por todo o tecido social, embora seja mais evidente nas classes de menor renda, porque elas são mais desprotegidas, estão mais lançadas na rua... Vemos adolescentes usando drogas, abusando do sexo, usando álcool, conduzindo veículo sem habilitação, queimando índio, num número imenso de atos infracionais graves e muitas vezes hediondos, mas que não atravessam para o sistema, porque existe uma cortina social impedindo a passagem...

Quantos são os lares onde há tantos problemas com a adolescência, devido a esse primeiro fator que eu chamo de “desintegração da família”. Não é apenas uma desestruturação, é uma falta de forma; não é uma forma papai, mamãe e filhos não... é uma forma de sentimentos...

Noventa por cento dos casos que eu vejo navegarem pela minha mesa, e não são poucos... são atos infracionais. São tantos que passam de mil facilmente... Em todos podemos perceber a questão da desestruturação, e, em alguns casos, da desintegração da família... Isso observamos em todas as classes sociais...

Ausência de Educação

A ausência de Educação está intimamente ligada à questão familiar. Para mim, a educação é o segundo fator a ser considerado quando da análise da violência. É a forma mais eficiente e econômica de assistência porque tem natureza preventiva. Educação não remedeia mal nenhum, ela evita que o mal aconteça e é barato.

Manter uma criança com as necessidades básicas atendidas custa entre R\$ 70,00 e R\$ 150,00 por mês; manter um infrator institucionalizado, custa no mínimo, R\$ 1.700,00 mensais. Então, é inteligente se investir não só na educação formal, mas na dentro de casa, que deve vir do exemplo dos pais.

Falta de Compromisso dos Pais

Esse seria o terceiro fator preponderante na causa da violência infanto-juvenil. Muitos pais vêm até aqui e me dizem: "Doutor, prenda o meu filho porque não tem mais jeito não"... Eles perderam o controle sobre os filhos porque nunca se preocuparam em exercitá-lo isso ocorre em todas as camadas sociais.

Vemos, por exemplo, na classe alta, um pai que tem um carro importado caríssimo, dar ao filho e dizer a ele: "se um guarda de trânsito lhe parar, você desça e dê um pau nesse guarda, porque você é menor, você pode, e seu pai está aqui para segurar a onda:"

Vejamos o caso de uma menina de treze anos que ao estar fazendo streep-tease numa boite, drogando-se, embriagando-se, a delegacia acolhe... é obrigação da delegacia acolher a criança e entregar aos pais, via conselho tutelar. Quando se entra em contato com o pai, ele diz ao telefone: "eu não quero nem saber pra quem minha filha está dando, minha senhora, deixe eu dormir". Esse é um pai de classe alta... então, não se pode estigmatizar, porque é pobre, é infrator. Quantos pais de classe média e classe alta sabem que os filhos estão praticando erros por aí, e, literalmente se omitem... Falta compromisso dos pais...

(...) muitos pais abandonam esses jovens, exploram, manipulam, maltratam, enfim, todo esse tecido da violência vai ter que estourar no menino um dia.. e ele vai se tomando cada vez mais violento.

(...) quando eu falo da impunidade, não falo da impunidade em relação ao infrator, eu falo da impunidade em relação aos pais que proporcionaram uma situação de abandono e de violência doméstica e que, muitas vezes, quando vai para a justiça, já está consumada...

(...) a justiça padece dessa crise de ser a última a saber, porque; quando chega ao bureau do juiz, a violência já está irremediavelmente instalada no coração e na mente daquele adolescente. Ai, então, temos que reconstruir. É muito angustiante para mim ter consciência disso, porque nós temos que fazer, agora, um trabalho de reconstrução de uma mentalidade de quinze anos de violência, por exemplo. Temos que inserir valores novos num menino que só fez apanhar...

Há muitas crianças que sofreram a violência da insegurança. Imagine uma criança que é abandonada à própria sorte, desde pequena, às vezes, até mesmo dentro da própria casa. O pai não conversa, a mãe não conversa, então, ela se sente só...

(...) o que vemos é a impunidade contra esses pais e a lamentável notícia de que não conseguimos entrar na família antes, num caráter preventivo.

Como Vejo o Estatuto

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, é uma lei que responsabiliza, e, no máximo em quarenta e cinco dias, ela julga um processo; ela não aplica penas. Aplica medidas sócio-educativas, pois, acredita nessa criança e nesse adolescente. No caso da criança, ela aplica medida de proteção quando o menino é

infrator. Acredita que aquele 'ser em desenvolvimento' ainda tem condição de convivência social. Vejo o Estatuto com muito bons olhos..

(...)constrange-me muito ter notado, ultimamente, o aumento no teor do ato infracional. Eu tenho visto um aumento dessa intensidade infracional, mas o objetivo ainda é o mesmo, que é o de satisfazer uma necessidade que, para ele é imediata, ou seja, ter uma roupa, ter dinheiro para sair, para comprar um remédio ou até mês mo para beber ou comprar droga.

O Estatuto diz textualmente: Artigo 227 da Constituição Federal de 1998 -"É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, crueldade e opressão. ". Então, quando falha na família, a coisa começa a se perder daí. O pai não tem autoridade, a mãe não tem autoridade, o menino não tem respeito, não tem limite...

Nós vemos a questão da educação familiar faltar em todas as classes. No caso dos infratores que representam a classe social menos favorecida, você vê esse problema agravar-se, porque passa pela questão da necessidade, e muitas vezes a estrutura familiar é até mesmo desconhecida. O filho não conhece o pai, a mãe saiu, sumiu... muitos deles dizem, em entrevista ao setorpsicossocial, que têm revolta porque o pai deles não está com eles; sentem a falta do pai. Outras vezes, mesmo quando tem o pai, este não tem a força do exemplo. O pai bebe, fuma, bate na mãe, o pai é violento...

O Papel da Sociedade Politicamente Organizada

A sociedade, que antes era mais anestesiada, hoje está mais consciente, está se mobilizando mais, até porque precisa se mobilizar pois está vendo que está perdendo o próprio rumo. Graças à sociedade politicamente organizada é que a gente tem ainda um clima de suportabilidade. Se a gente tirasse do contexto de quem trabalha com criança e adolescente, as igrejas de todos os matizes, que fazem um trabalho maravilhoso, que mantêm os clubes de serviços, as associações, bem como a UNICEF e todas as OG 's e as ONG 's, que trabalham mantendo uma estrutura societária básica para a criança, se elas não fazem isso, nós estaríamos perdidos...O caos já estaria assim, irreversivelmente instalado.

A casa da criança, que foi inaugurada recentemente, aqui no Recife, é fruto de um trabalho da sociedade mesmo...profissionais se reuniram e disseram: "vamos fazer algo pela causa da criança". Hoje a gente já tem essa sensibilidade.

Por último vem o Estado. Só que o Estado e o juiz trabalham com consequência. O juiz é provocado através de processo, apesar de a gente fazer uma leitura diferente a partir do Estatuto, pois sendo um projeto de sociedade, coloca o juiz fora do seu bureau. Ele faz com que o juiz seja mais um elo na corrente da prevenção. Esta corrente tem Conselho do Direito, Conselhos Tutelares, possuindo uma estrutura social que vai trabalhar na base, transferindo civilidade e cidadania..

O Papel da Mídia

(...) ela se defende dizendo que há de se perguntar quem é que é mais nocivo aqui: se é a Mídia que mostra o que o povo quer ou, se ela induz o povo ou o povo induz a Mídia? Sobre essa simbiose, não

tenho muita compreensão, mas acho que, como a mídia é formadora de opinião, como tal, poderia ter um caráter mais pedagógico; um pouco de ética, não lhe faria mal, não. Ela ganha dinheiro com isso ganha... Ela explora temas da realidade humana, explora... Se ela tivesse um compromisso maior com a causa da infância não nos brindaria com programações tão equivocadas. Eu não estou querendo fazer censura. Acho que parte tudo dos horários apropriados para se exibir a programação. Há a questão da erotização infanto-juvenil, que é um fator que realmente incomoda e não pode ser desconsiderado. Ela cria uma disfunção muitas vezes grave, porque induz a menina a pensar que é a "desinibida" e, na verdade, depois vai se ver grávida, com um filho para cuidar e vê que o castelo dela era de areia, à beira da praia.

É preciso se ter um compromisso ético, estético, moral. ... acho que a mídia deveria ter uma responsabilidade profissional de nos poupar "dessas verdades"... ela mostra no vídeo uma criança sendo espancada, torturada, para todo mundo assistir, adultos e crianças, em horário nobre da Tv: Aquilo causa uma comoção... São cenas de uma rudeza nem atribuível a um primata, cena da rudeza humana, infelizmente, da barbárie humana.

Enfim, essas são as questões que pesam na formação ou na deformação de um ser violento.

Crença na Criança e no Adolescente

(..) Acredito demais na criança e acredito muito no jovem porque ninguém tem o poder de recuperação como uma criança tem, e essa recuperação não é só fisiológica não. Você pode dar uma palmada no seu filho agora, e daqui a três minutos ele lhe dar um beijo. Nenhum homem ou nenhuma mulher

adulta faz isso, porque nós somos muito suscetíveis... então, um ser como esse é um ser que tem uma vantagem grande sobre nós adultos.

(...) é preciso que se compreenda todos esses fatores, antes de se apontar o dedo para um infrator e dizer que ele não presta. Quem fala isso a você é um juiz que já internou diversos infratores. Tenho mais de 400 infratores cumprindo medida de internação e sou bastante rigoroso e exigente, porque não posso permitir que mesmo ele sendo vítima de toda essa estrutura, ele a repita. Ele tem que compreender que ele tem como interromper este ciclo, porque senão vai ser sempre fácil explicar, e nunca vai resolver.

Falta de Compromisso Social

Se houvesse um compromisso social de cada um de nós, enquanto profissionais, enquanto professores, agentes de saúde, onde quer que estejamos, nós deveríamos ter essa leitura diferente, não só em relação à criança e ao adolescente, mas em relação à coisa pública também.

(...) em relação à coisa pública, Arnaldo Jabor foi quem disse muito bem. Ele disse que no mundo todo a coisa pública é a coisa de todos nós. É uma coisa minha também: aquele poste, aquele hidrante, aquela árvore que está fazendo sombra, é coisa de todos nós. Só no Brasil é que a coisa pública é coisa de ninguém. O Brasil faz uma leitura completamente diferente da coisa pública. Então, quebra-se, destrói-se, faz-se o que quer e bem entende, porque é do povo, é do público mesmo... É uma questão de civilidade. Nós que somos formadores de opinião, na linguagem de alguns, nós que tivemos uma estrutura societária e familiar mais generosa ou menos nociva, nós precisamos mudar esse hábito, a partir de nós próprios... precisamos respeitar, ensinar...

Ausência de Auto-Estima

Um fator que pesa no contexto do adolescente violento e infrator, e que tem aumentado muito, é a ausência de auto-estima. Você pergunta ao adolescente o que ele quer ser, e 'ele dá de ombros' eles não têm nenhuma perspectiva de futuro; eles estão desiludidos... Isso me incomoda muito em relação a esses adolescentes.

Vejo que a gente além de ter que mudar a forma dele funcionar psicologicamente, no sentido de possibilitar uma leitura diferente para ele mesmo, a gente vai ter que dar a ele alguma ferramenta profissionalizante, mesmo, que cultive nele um desejo de transformação. É nesse sentido que a gente vai começar a resgatar essa causa.

A perspectiva de futuro e solução do problema é a educação. Não tem outra saída não. É investir maciçamente e inteligentemente em educação. Todo mundo tem essa consciência. O governo, a oposição, a sociedade, mas eu não sei o que se passa...é fundamental que a gente se reedueque para educar a nova geração. Isso dentro do contexto familiar, mas vale também para o contexto comunitário, para o social e vale também para a educação formal. É preciso se investir em Educação. Que se cumpra o Estatuto já está excelente, que não se venda revista de pornografia para criança, que não se venda cigarros nem bebidas alcoólicas ao menor, que não se permita que crianças e adolescentes se embriaguem...É preciso que a sociedade abrace essa questão da reeducação e insira dentro dela valores novos...

Estamos Desvalorizando o Ser Humano

(...) A gente está desvalorizando o ser humano, a vida, o homem. Você permitir que uma criança morra de fome dentro de sua própria cidade!...

Ouvimos muito que “é problema do governo”, “que não é para dar o peixe, é para ensinar a pescar”, mas, primeiro levante o indivíduo que está morrendo. Ao mesmo passo, você não pode ser simplesmente caridoso. Eu sou contra essa caridade paternalista e, até cínica. Por exemplo: dar uma esmolinha no sinal está fazendo com que a rua seja um lugar aprazível para essa criança e esse adolescente, muitas vezes explorado, debaixo do chicote... As vezes, tem todo um esquema de exploração atrás dessa criança. Então você deu uma moedinha e está de bem com Deus... destruindo a sociedade... mas, de bem com Deus... Distribuir sopa para mendigo até pode, mas para criança... está fomentando a questão da criança na rua.

Eu estou repensando esses meus valores hoje: gestos de caridade cristã... Eu acho que a caridade tem que ser profissional também. Acredito que a verdadeira caridade a gente não pratica, que é a de saber ouvir a criança, de fazer um gesto de carinho... A caridade mercantilista de dar uma moeda, de dar uma comida?!... sei que muitas vezes é necessário mesmo... Eu não estou contra quem dá esmola não, só acho que é uma coisa que deve ser feita através de uma instituição onde a criança tenha uma alimentação adequada, onde ela tenha uma vinculação, onde você tenha um monitoramento e não essa coisa perdida, fazendo com que a rua seja o grande parque para a criança.

É preciso revisitar esses valores sociais. Quando você dá uma moeda para aquele “menininho”, você está criando esse menino na rua. Eles chegam a ganhar de R\$ 300,00 a R\$ 400,00 por mês, pedindo esmola, lavando carro, tomando conta de carro, mas enquanto ele é bonitinho, pequenininho, você acha ele engraçadinho. Quando ele estiver adolescente, com barbicha, brinco na orelha, você acha invocado, aí vai dizer: “é bandido, não dou não”. Aí vai

descobrir, com treze, quatorze, quinze anos que ele não tem oportunidade e que vai ter que roubar para viver, porque ninguém está dando mais nada para ele. Então, você está criando o problema para depois querer matar, querer tirar da rua, querer prender, enfim, é uma questão de mudança de paradigma mesmo.

Você tem que entender que esse assistencialismo precisa ser profissional. Se você quer contribuir com a causa da criança, procure uma instituição idônea, faça sua doação e acompanhe. Seja padrinho de uma dessas crianças de rua.

É Preciso Fazer uma Releitura do Problema

É preciso fazer toda essa releitura, toda essa reestruturação para poder solucionar o problema. Tudo isso é educação. Eu estou me reeducando debaixo de tapas porque os casos vão chegando e você vai tendo de entender. Hoje eu tenho uma leitura diferente. Por vezes me pego: “ôpa, assim estou formando menino de rua: não posso...”

Eu trabalho com isso todos os dias, e está nos meus ombros uma carga imensa de responsabilidade para com a solução do problema... a questão é recuperar, é inserir novos valores. Nós precisamos de cada um dos membros da sociedade que tem essa consciência de que a criança precisa de investimento, não é marginal, não é bandido, e se está marginalizado, precisa ser recuperado...

(...) com a criança e com o adolescente você tem condições, com certeza, de reeducá-los, tenho convicção plena. Eu já vi adolescente aqui, de nível de periculosidade alto, mas se ele identificar uma mãe, um pai, um apoio, ele deixa a marginalidade sim. Nós temos o Programa “Liberdade Assistida”,

aqui no Recife, que é um programa de medida sócio-educativa em meio aberto, onde 88% dos adolescentes não voltam a praticar ato infracional quando aderem ao programa, muitas vezes egressos de internação. Saem da internação, migram para o programa Liberdade Assistida e não voltam mais a delinquir porque ele ganha um orientador de rua, uma pessoa que está com ele 24 horas por dia, disponível para auxiliá-lo no que ele precisar. Tem alguém que o valoriza. Era isso que a família deveria ter feito...

Enfim, reeducação é a solução. Agora como fazer? Nós estamos aprendendo ainda. Vamos caminhando, colhendo informações e ouvindo todo mundo. É assim a moessa caminhada...

1.1.1 -Aproximando-nos de nossa compreensão

Referindo-se à questão do ‘ser preciso compreender,’ o Juiz inicia a sua fala a respeito da violência juvenil fazendo um chamamento à nossa responsabilidade social. Aponta para a necessidade de tentarmos compreender o problema no seu sentido mais abrangente. Se assim não o fizermos, correremos o risco de sermos preconceituosos e agirmos com discriminação em relação a esses jovens marginalizados na vida.

Diz da necessidade de exercitarmos a compreensão, sem contudo sermos “*passivos ou negligentes*” e “*sem passar a mão na cabeça*”.

Interroga-nos a respeito do grau de responsabilidade que haveria entre um jovem que rouba um relógio, muitas vezes sem saber o valor que tem, e um administrador, adulto, que pratica a malversação da verba pública. Quem seria mais responsável por seu ato, pergunta-nos nas entrelinhas. Faz uma espécie de

denúncia contra essa prática tão enraizada na cultura brasileira de se dispor do bem público em benefício próprio, desviando, sem escrúpulo, o recurso que seria destinado às causas da população.

Alerta-nos para o total estado de carência em que vive significativa parcela de nossos jovens e crianças, vítimas do que ele denomina "*covardia social*". Fala da total falta de educação desses jovens e nos diz que, só compreendendo essa estrutura injusta teremos condição não só de responsabilizá-los, no que lhes couber de responsabilidade, como também de redirecionar suas vidas, passando-lhes, inclusive, novos valores.

Convida-nos a compreender o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, por tratar-se de um projeto de sociedade, e, como tal, sermos todos co-responsáveis por este estado de exclusão social em que vive grande parte de nossos jovens e crianças.

Faz um apelo à nossa solidariedade humana, quando diz que não deveríamos permitir que houvesse crianças pedindo esmolas e sendo exploradas das mais diversas maneiras.

Lembra-nos que elas bem que poderiam ser nossos filhos e por isso não deveríamos nos permitir a vida confortável que temos quando tantas crianças e jovens carecem do essencial para viver. Se pensássemos mais nisso, seríamos mais solidários.

Ao mesmo tempo em que evidencia nossa omissão, tenta nos mostrar que, se agimos assim, o fazemos pelo fato de já termos criado uma espécie de "*casca*" que identifica como certos mecanismos que desenvolvemos, "*à guisa de defesa*" para lidarmos com a dureza de encararmos todo esse processo de exclusão.

Feita essa espécie de introdução ao tema, tenta nos mostrar quais os fatores que, segundo ele, preponderantes como causa da violência infanto-juvenil.

Inicia pelo fator que ele denomina de "*desintegração da família*", considerado como bastante significativo. Tratando desse tema, ele nos diz que o que o preocupa mais, é a falta de configuração da família.. Segundo ele, isso até existe, mas o que ele identifica é uma falta de sentimentos entre eles, o que se daria em conseqüência de "*uma convivência saudável, necessária ao desenvolvimento da criança e do adolescente*".

Ilustra a sua fala nos informando a respeito da freqüência com que lhe chegam processos relativos a atos infracionais cometidos por jovens e crianças, onde noventa por cento deles são conseqüência da "*desestruturação das famílias*" e, em alguns casos, até mesmo da "*desintegração da família*".

Diz que embora a violência seja mais evidente nas classes de menor renda "*por eles estarem mais desprotegidos*", ela está presente em todo o tecido social. Não raro, se vêem adolescentes das classes mais ricas da sociedade cometendo grande número de atos infracionais, embora se perceba que mecanismos sociais de proteção impedem que venham a público. Entendo que a essa altura de sua fala ele estaria falando de algo que nós também percebemos: o tratamento diferenciado dispensado por nossa sociedade quando examina infrações cometidas por ricos e pobres. Estaria falando de injustiça, discriminação, preconceito, como atitudes por ela adotadas.

Como segundo fator apontado como causa da violência juvenil é trazido o tema da "*ausência de educação*" que, segundo ele, estaria intrinsecamente relacionado à questão familiar. Considera a educação como "*a forma mais*

eficiente e econômica de assistência, por ter natureza preventiva". Prova, matematicamente, que "é mais inteligente e econômico investir em educação, pois manter uma criança com as necessidades básicas atendidas custa de R\$ 70,00 a R\$ 150,00, e, manter um infrator institucionalizado custa, no mínimo, R\$ 1.700,00".

Apontado como o terceiro fator, aparece o tema da *"falta de compromisso dos pais"*, embora possamos considerá-lo como um desmembramento do primeiro. A esta altura de seu depoimento, ele passa a relatar uma série de casos que lhe chegam, onde fica evidente o descompromisso dos pais para com os filhos. Diz num dado momento: *"Eles perderam o controle sobre os filhos porque nunca se preocuparam em exercitá-lo"*.

Insiste no tema do descompromisso dos pais ao dizer que eles maltratam, exploram, abandonam seus filhos, são violentos em sua ação e que toda essa violência tecida na família certamente contribuirá para a gestação de um filho violento futuramente. Em tom emocionado comenta sobre a impunidade que se constata, não em relação ao jovem infrator, mas *"em relação aos pais que proporcionaram uma situação de abandono e de violência doméstica e que, muitas vezes, quando vai para a justiça, já está consumada"*. Neste instante de seu depoimento observa-se uma espécie de lamento pelo modo de funcionamento da justiça quando diz que ela é a última a saber: *"Quando chega ao bureau do juiz... a justiça padece dessa crise de ser a última a saber, porque a violência já está irremediavelmente instalada no coração e na mente daquele adolescente. Ai, então, temos que reconstruir"*.

Sua fala continua num tom de desabafo, quando constata as dificuldades em lidar com toda essa realidade dos fatos. Diz com certo constrangimento: *"É muito angustiante para mim ter consciência disso, porque nós*

temos que fazer, agora, um trabalho de reconstrução de uma mentalidade de I quinze anos de violência, por exemplo. Temos que inserir valores novos num menino que só fez apanhar...”.

Insiste na questão da impunidade dos pais e acrescenta uma outra queixa que incide no fato de que, como Juiz da Infância e da Adolescência, não pode agir diretamente sobre a família, numa ação preventiva.

O seu depoimento, que até então teve caráter de identificação dos fatores que geram a violência juvenil, a partir de então se volta para os aspectos que poderiam se mostrar como aliados na luta contra o problema.

Traz como primeiro aliado o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Diz tratar-se de uma lei que responsabiliza, e no máximo em quarenta e cinco dias, julga um processo, não aplicando penas e sim medidas sócio-educativas por acreditar na criança e no adolescente.

Embora tenha no ECA um aliado na luta contra a violência infanto-juvenil, ele fala do seu grande constrangimento ao notar, ultimamente, o aumento no teor do ato infracional: o que antes era furto, hoje é roubo, embora constate que o objetivo do jovem ainda é o mesmo, ou seja, o de satisfazer uma necessidade que para ele é imediata, ligada aos apelos do consumismo, ou mesmo para comprar um remédio, uma bebida e até mesmo a droga.

Refere-se ao Artigo 227 da Constituição Federal de 1988 para mostrar a cadeia de responsabilidades em relação à criança e ao adolescente. Diz textualmente: *"É dever da família, da sociedade e do Estado, assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de*

toda forma de negligência, discriminação, exploração, crueldade e opressão.” E continua dizendo: *"Quando falha na família, a coisa começa a se perder daí; o pai não tem autoridade, a mãe não tem autoridade, o menino não tem respeito, não tem limite”...*

Volta à questão da educação familiar, apontando para a importância da presença forte de um pai, não apenas uma presença física, pois considera de grande importância na educação do filho a força do exemplo.

Ainda na sua busca de parcerias para o bom combate, diz encontrar na sociedade politicamente organizada uma forte aliada. Apesar de no início de sua fala ter se referido a uma certa insensibilidade da sociedade em relação à causa da criança e do adolescente, diz também que identifica nesta mesma sociedade *"uma parcela mais consciente, que está se mobilizando mais, até porque precisa se mobilizar pois está vendo que está perdendo o próprio rumo "*. Chega a dizer que, *"graças à sociedade politicamente organizada é que a gente tem ainda um clima de suportabilidade."* Para ele aí estaria incluído o trabalho das igrejas de todos os matizes, com seus clubes de serviços e associações de ajuda e amparo, a UNICEF e todas as organizações governamentais e não-governamentais. Diz que todas elas mantêm uma estrutura societária básica, e, *"se elas não fazem isso, nós estaríamos perdidos. O caos já estaria instalado irreversivelmente."*

Em sua lista de aliados, traz por último o Estado, ressaltando, porém, que este e o juiz entram no circuito trabalhando com consequência, já que o juiz é provocado através de um processo. Ressalta, entretanto, que a partir do ECA passou a fazer uma leitura diferente, pois se o Estatuto é um projeto de sociedade, ele põe o juiz fora de seu bureau, constituindo-se em mais um elo na

corrente da prevenção, onde estarão também o Conselho do Direito, os Conselhos Tutelares, todos trabalhando na base, com as noções de civilidade e de cidadania.

Sem se afastar da enumeração dos possíveis aliados, discute o controvertido papel da mídia. Para ele a mídia poderia se tomar um forte aliado, não fosse a condução que dá à sua programação. Pergunta-se: *A mídia induz o povo ou o povo induz a mídia?* Diz não ter uma compreensão maior do assunto, mas acha que falta à mídia uma postura mais adequada. Diz: *"como a mídia é formadora de opinião, ...poderia ter um caráter mais pedagógico, e um pouco de ética não lhe faria mal não... e se ela tivesse um compromisso maior com a causa da infância, não nos brindaria com programações tão equivocadas"*...Explica que não se trata de trazer de volta a censura, mas de se melhor planejar o horário em que é exibida a programação. O que se observa hoje é uma erotização infanto-juvenil, que induz o jovem a determinadas condutas, sem se levar em consideração a maturidade dele para lidar com as conseqüências de seus atos. Afirma que é preciso que a mídia tenha um compromisso ético, estético e moral, com *"uma responsabilidade profissional, nos poupando dessas verdades que ela mostra no vídeo"*. Queixa-se aí da ênfase exagerada que dá aos temas relacionados à violência.

Ainda como fator facilitador, fala de sua crença na criança e no adolescente. Diz, entusiasmadamente, que acredita demais na criança e no jovem porque ninguém tem o poder de recuperação que eles têm, e essa recuperação não é só fisiológica, é psicológica também. Fala da superioridade deles em relação ao adulto, já que este *"é muito suscetível o que o deixa mais vulnerável"*.

O nosso depoente insiste na necessidade de compreendermos todos esses fatores que entram na constituição de um adolescente violento, antes de

Apontarmos o dedo para um infrator e dissermos que ele não presta; ao mesmo tempo nos mostra que quem nos diz tudo isso é um juiz que já internou diversos infratores, tendo no momento mais de quatrocentos cumprindo medida de internação, considerando-se exigente com essa questão, por entender que o jovem, *“mesmo sendo vítima de toda essa estrutura, ele a repita”*. É preciso que interrompamos esse ciclo e, que, só compreendendo e explicando não vai resolver.

Conclama o nosso compromisso social não só em relação à criança e ao adolescente, mas em relação à coisa pública também. Segundo ele, *“o Brasil faz uma leitura completamente equivocada da coisa pública, o que não se vê em outros países. Aqui, quebra-se, destrói-se, porque é do povo, é do público.”* Diz que é uma questão de civilidade e convida todos nós que somos formadores de opinião e que tivemos uma estrutura familiar mais generosa, a mudarmos esse hábito a partir de nós mesmos. Nos sugere: *“Precisamos respeitar e ensinar a respeitar.”*

Um outro fator identificado na constituição do jovem violento e infrator é a ausência de auto-estima. O nosso depoente fala do quanto essa constatação o inquieta. Assim nos diz: *“esses jovens não têm nenhuma perspectiva de futuro; eles estão desiludidos... e quando eu falo de desilusão é porque eles estão realmente sem perspectiva, sem rumo, sem roteiro, sem nada...Isso me incomoda muito em relação a esses adolescentes!”*

Acredita que uma das alternativas para enfrentar esse problema é oferecer-lhes uma ferramenta profissionalizante que cultive neles o desejo de transformação. Isso tudo é educação. Diz que educar o outro passa, necessariamente, por educar-se a si mesmo, e segundo ele, *“é fundamental que a gente se reedueque para educar a nova geração.”*

Fala da necessidade de que se cumpra o Estatuto, onde toda a sociedade precisa ajudar nesse cumprimento. É preciso que não se venda revista pornográfica para menores, não se permita que adolescentes se embriaguem, nem que se lhes venda bebida alcoólica, numa prova de que a sociedade como um todo estaria abraçando a causa da reeducação e da inserção de novos valores a serem incorporados.

Partindo da constatação que faz de que *"nós estamos desvalorizando a vida e o ser humano"*, faz um desabafo carregado de emoção quando diz: *"Você permitir que uma criança morra de fome dentro de sua própria cidade?!... Mas,* ao mesmo tempo que diz isso, diz também que é contra essa caridade paternalista e muitas vezes até mesmo cínica. Para ele, dar esmola à criança faz com que a rua se torne um lugar apazível para ela. Até a caridade precisa ser responsável. Não serve dar esmolas a uma criança para ficar em paz com Deus, destruindo a sociedade. Para ele, a verdadeira caridade nós não a praticamos, que seria a de ouvir uma criança, de fazer-lhe um carinho. Diz que hoje está repensando esses seus valores e acredita que até a caridade precisa ser profissional. Para ele qualquer doação que façamos pela causa da criança deve ser através de uma instituição que possibilite à criança o acesso à escola, à alimentação, que estabeleça uma vinculação e o doador possa fazer o monitoramento daquilo que foi doado.

Chama a nossa atenção para o fato de que, quando a criança é pequena, a achamos bonitinha, temos compaixão e damos esmola. Quando ela cresce, torna-se adolescente, não mais queremos dar. Aí então, o jovem vai perceber que não tem oportunidade e, para sobreviver, vai roubar e nós vamos querer prender, maltratar. Aí estará criado um problema que nós mesmos ajudamos a criar; sendo assim, é preciso que façamos uma revisão de nossas posturas, uma verdadeira mudança de paradigma.

Finaliza dizendo que é preciso que façamos uma releitura do problema da violência e que tudo isso é do domínio da reeducação. Novamente fala de sua experiência e do quanto tem sido forte essa aprendizagem. Ele próprio fala de sua reeducação: *Hoje eu vou tendo uma leitura diferente. Por vezes me pego: opa!...assim estou formando menino de rua: não posso...*

Faz uma espécie de desabafo, fruto da solidão experimentada no exercício de sua profissão, ao desempenhar o papel de Juiz numa Vara da Infância e da Adolescência: *"Eu trabalho com isso todos os dias e está nos meus ombros uma carga imensa de responsabilidade para com a solução do problema..."*

Nesta etapa de sua fala faz um novo chamamento a todo membro da sociedade que tem a consciência de que *"a criança precisa de investimento, que não é marginal, não é bandido, e se está marginalizado, precisa ser recuperado..."* Reafirma a sua crença na recuperação da criança e do adolescente e vai buscar em sua experiência fatos que testemunham a sua afirmação: "Eu já vi adolescente aqui, de nível de periculosidade alto, mas se ele identificar uma mãe, um pai, um apoio, ele deixa a marginalidade sim.

Termina reafirmando a importância da reeducação e, ao mesmo tempo em que o faz, pergunta-se pelo como fazer. Responde que ainda está aprendendo, e conclui: *"Vamos caminhando, colhendo informação e ouvindo todo mundo. É assim a nossa caminhada."*

Em síntese, deste depoimento poderíamos tomar como palavras-chave que nos remeterão a uma análise posterior o papel da família, a questão da educação, a responsabilidade da sociedade, como temas centrais, dos quais se derivariam todos os outros abordados, como a mídia, a falta de auto-estima do jovem e a importância de se acreditar na criança.

1.2 -Televisão -Babá das Crianças: Visões de uma jornalista

A Educação Familiar

A questão da violência me chama atenção e uma das coisas que está mais ligada ao comportamento tanto da criança e, sobretudo, do adolescente é a questão da família. Especialmente da educação familiar. Parece que essa questão ficou um pouco relegada...

O fato de a mulher ter saído para trabalhar junto com o marido, e, em termos de educação não haver substituto na família para ela, isso de alguma forma contribuiu para o surgimento de uma violência civil. Primeiro em casa, e essa desobediência depois foi passada para outros espaços sociais entre eles a própria escola.

A escola começou a desenvolver um papel que era antes um papel da família. Se não era a mãe quem o desempenhava, era o pai, o avô, a avó. Existia uma figura familiar em casa, o que é menos presente hoje.. Houve um agravamento em relação a isso, na medida em que essas crianças e esses adolescentes ficaram, em muito, a mercê da própria mídia.

O Papel da Mídia

É como se, em especial, a televisão tivesse virado realmente a babá dessas crianças e jovens, de certa forma assumindo o papel da mãe e do pai, no sentido de dizer o que é certo e o que é errado.

Eu não critico a televisão enquanto veículo... é extremamente poderoso, se bem utilizado. ...mas nós temos que ter alguns critérios. Isso não

quer dizer censura. A família é que deve desempenhar esse papel em casa, de dizer o que a criança pode ver e o que uma criança não pode ver.

A Responsabilidade da Mídia

Recife é apontada como uma das cidades do País onde mais há morte de adolescentes. Eu acho que a mídia tem duas responsabilidades nesse caso, e como professora de um curso de jornalismo, tento trabalhar isso em sala de aula: primeiro quem é esse comunicador? quem é esse jornalista que está dando essas informações, com que responsabilidade as dá e como é que ele trabalha essas informações? Acho que uma das grandes preocupações desse curso de jornalismo é a questão da ética. Como é que o aluno, que em breve estará num jornal impresso, numa emissora de rádio, numa televisão, vai se relacionar com essas informações? Qual é o comprometimento dele com esses dados? Que análise ele vai fazer deles?

Temos percebido, com certa freqüência, que o aluno de jornalismo acha que a função dele é meramente informar, já que a notícia foi gerada por alguém que não foi ele. Ele é um informador, um repassador daquela informação. A nossa discussão é exatamente inversa. Ele não é um informador, ele é um comunicador. Ele forma opinião, ele faz com que a sociedade discuta sobre determinadas questões. A postura dele mais crítica vai contribuir para uma sociedade mais crítica.

Eu não vou muito por essa linha de que é só a mídia que é culpada. Eu diria que existe um clima social que está contribuindo para isso. A violência realmente está na rua. Eu diria que há um conjunto de comportamento que tem contribuído para essa situação. Ela acaba pecando

quando expõe isso com uma certa freqüência e de uma forma muito enfática. Talvez o maior pecado esteja aí, mas, definitivamente, não é a Mídia que está fabricando a violência. As pessoas não estão se matando porque estão vendo na televisão a ficção matar. Elas estão se matando porque de fato elas estão se matando. É uma briga de droga, é briga pelo poder, é a corrupção...

A Responsabilidade do Comunicador

Diante dessa angústia social que a gente vive hoje, esse talvez seja, dentro das escolas de comunicação, o nosso maior papel. É, pelo menos, tentar colocar na rua pessoas que tenham uma visão mais crítica diante da sua própria profissão. Menos passivas e menos complacentes com o que acontece. Muitas vezes eu vou lá e noticio que cinco adolescentes foram chacinados. Sim, e daí? Qual é a minha responsabilidade diante disso?

O que falta ao jornalismo é que ao dar uma notícia de chacina, onde morreram não sei quantos jovens, essa sociedade tem que se sentir também como cúmplice desse delito, porque ela é cúmplice. É como se nós estivéssemos a todo momento pactuando com isso. Acrescentar essa reflexão é tarefa do jornalista, mas me parece que não está sendo feito. Essa é a maior lacuna que o jornalismo passou a enfrentar depois da abertura política e da queda da censura. Enquanto existia censura política, existia uma necessidade do comunicador de estar colocando para a sociedade questões que de fato fossem discutidas criticamente. Hoje... na maioria dos profissionais, há uma certa superficialidade no sentido da cobertura do fato. Vai-se lá e mostra-se o fato e não se mostra o porquê, como começou, qual a consequência, e, o principal mostrar que ele não vai terminar ali. Isso é o mais grave. A respeito

do índio que foi queimado vivo... o fato desencadeou uma série de outros delitos parecidos, e não houve uma reflexão sobre isso.

Se você tem rebelião constante dentro de uma instituição de menores, que é para recuperar menores, alguma coisa está errada ali. É preciso que tenhamos uma postura mais crítica diante dessas instituições... Não dá só para ir lá, e, dizer é mais uma rebelião. É mais uma rebelião, por quê? Eu diria que não há uma preocupação com isso tudo no meio jornalístico. Há, em contra partida, um outro lado muito positivo começando a dar frutos que é a chamada comunicação alternativa, produzida por algumas ONG 's, trabalhando na área de vídeos, de impressos, onde há uma preocupação muito grande de reverem a postura do comunicador.

Quando a gente fala na influência da mídia na relação com a violência, pensa sempre no lado negativo, mas há um lado positivo também. A mídia, desde que bem trabalhada, ela vai influenciar de forma positiva nesse trabalho. Eu não acredito nessa história de que a criança assiste a um filme de superman e vai pular porque assistiu a um filme desse tipo. Ele já vinha pulando há algum tempo, apenas os pais não estavam percebendo. O filme pode ser a gota d'água.

A Banalização da Violência

Parece-me que uma das primeiras conseqüências dessa falta de controle está ligada à questão dos filmes violentos. As crianças e, sobretudo, os pré-adolescentes começam a achar tudo muito natural: dar soco, dar murro, atirar. Com um agravante: ninguém morre no filme. Mesmo que morra naquele filme em particular, numa história seguinte o mesmo ator vai ressurgir.

A idéia da violência pela violência, levando para a questão da mídia, para o cinema e televisão, principalmente no tocante à ficção, parece-me um problema para a criança e o adolescente compreenderem. Falta-lhes a noção do que pode ser definitivo e do que não vai ser definitivo para vida deles e aí a violência acaba sendo realmente banalizada.

(..) a banalização da violência, mas do que um ato violento, é um pecado da mídia, mas o pecado maior é de como ele é recebido com naturalidade pela sociedade. As pessoas nem se importam mais.

Como Chamar a Atenção dos Pais?

Há outra questão que considero grave. Jovens e crianças se perguntam: "Como é que eu chamo atenção?" Infelizmente talvez isso faça parte da cultura brasileira. A criança aprende, desde cedo, que ela não chama atenção do pai, da mãe, do professor, das pessoas que estão próximas a ela e pelas quais ela tem afeição pelo bom comportamento. E/a descobre que ela chama atenção dessas pessoas exatamente pelo processo inverso, o do mau comportamento. Esses traços vão crescendo no dia-a-dia dessas crianças e desses adolescentes até atingirem limites absurdos. É aí que vemos adolescentes da classe média assaltando, puxando carro, queimando índio, como o caso dos rapazes de Brasília que acabaram incentivando outros casos, que apareceram depois. É como se eles pensassem: "talvez pela mídia eu acabe chamando a atenção do meu pai e da minha mãe que eu não consigo chamar a atenção dentro de casa, até porque eles nem estão dentro de casa para eu ter essa atenção."

A questão dos trotes nas Universidades, um momento que deveria ser de alegria e de prazer se toma também um momento de violência. Alguém está querendo chamar a atenção de alguém. No caso da criança e do adolescente eles estão primeiro querendo chamar a atenção de quem está próximo deles em casa, e, não estão conseguindo...

Busca de Limites

Os adolescentes violentos carecem de limites...Eles não sabem quais são os limites e estão desafiando até para descobri-los mesmo...

(...) e por isso estão cada vez mais extrapolando seus próprios limites para descobrirem qual é o limite da sociedade, pois essa sociedade não está dando esses limites para eles, não os encontram na escola, nem na família, e muito menos na rua.

Saídas que Enxergo

Que caminhos eu enxergo, que saídas eu imagino tanto da parte da família quanto da cultura, em especial da mídia? No caso da mídia eu acho que já está começando a haver uma discussão, tanto via Internet quanto nas Universidades e na própria emissora de TV: Como o Brasil viveu um momento de censura e de repressão muito grande, na hora em que liberou, todo mundo achou que liberou geral. Perdeu-se um pouco do bom senso. Não é que você não vá mostrar, mas "o como" você vai mostrar a notícia. Estão faltando critérios. Essa discussão a sociedade tem que cobrar da mídia, tem que cobrar das

emissoras, tem que fazer pressão, mas ela também tem que se fazer presente.

No caso da mídia é a discussão social. São as entidades civis, as pessoas se organizando para enfrentar esse desmando que passou a existir, sobretudo na TV mas que não é só da TV:

No caso da família, a situação é mais complicada: o repensar da família passa pela questão econômica, mas paralelo a isso entraria a responsabilidade governamental de oferecer escolas, creches, que dessem suporte a essas famílias para que elas saíssem para trabalhar e seus filhos estivessem encaminhados a uma instituição às quais pudessem cobrar pelo desenvolvimento que suas crianças estariam tendo. Não dá mais para voltarmos à família de antigamente... Tem que haver uma readaptação da própria família. Enquanto instituição, é um novo conceito de família e da própria sociedade em relação a essa família

(...) ou escola e família começam a caminhar muito juntos, ou, sinceramente, eu não vejo muita solução para gente não.

Horário de Ocupação da Criança

Parece-me que há um outro problema, e que o mais crucial esteja no horário em que essa criança está sendo ocupada. Há um equívoco quando muitas pessoas pensam que colocar seus filhos em dez cursos ao mesmo tempo o está protegendo. Com isso estamos tirando o tempo da criança e do adolescente para ele mesmo... Tem que ser uma coisa prazerosa e isso eu acho que está se perdendo. A criança vai contra a vontade...isso é um jeito violento de educar. Essa criança acaba por se tornar também uma pessoa violenta.

1.2.1 -Aproximando-nos de nossa compreensão

A jornalista inicia a sua fala a respeito da violência juvenil trazendo à baila o tema da Educação Familiar que, segundo ela, "*parece que essa questão ficou um pouco relegado*".

Identifica como consequência do fato de a mulher ter partido para o mercado de trabalho e não ter havido um substituto para ela no lar, o surgimento de uma desobediência civil, inicialmente manifestando-se em casa, e, em seguida, estendendo-se a outros espaços sociais entre eles a escola. Esta, por sua vez, passou a desenvolver, cumulativamente, um papel que era da família.

Aos seus olhos, esta situação se agravou na medida em que a mulher se afastou do dia-a-dia dos filhos e estes, por sua vez, ficaram entregues à própria mídia. A televisão, em especial, passou a atuar como babá destas crianças, assumindo um papel de pai e de mãe na educação delas.

Deva-se ressaltar, entretanto, que para nossa depoente, a televisão enquanto veículo, se bem utilizado, é extremamente poderoso. A sua crítica recai, todavia, sobre as famílias que não fazem um bom uso dela, quando deveriam adotar critérios no sentido de dizerem o que pode e o que não pode ser visto pelos seus filhos.

Falando sobre a responsabilidade da mídia, traz à tona o fato de que Recife é apontada como uma das cidades do Brasil onde há mais morte de adolescentes. Traz para discussão a responsabilidade da mídia quando divulga uma informação deste tipo. Diz que como professora de jornalismo, uma de suas preocupações em sala de aula é exatamente a de refletir com seus alunos sobre

quem é o comunicador que está dando estas informações, com que responsabilidade as dá e como é que ele as trabalha.

Revela a sua grande preocupação com a questão da ética no jornalismo e como repassá-la aos seus alunos já que, em breve, estarão no exercício da profissão. Constitui-se em fonte de preocupação a forma como esses alunos irão se relacionar com essas informações, o comprometimento deles com esses dados, o tipo de análise que ele faz daquilo que comunica.

Tem percebido que o aluno de jornalismo acha que a função dele é apenas informar, já que a notícia foi gerada por outro profissional, sentindo-se apenas um repassador da informação. A discussão que ela promove é exatamente no sentido inverso. Tenta mostrar ao seu aluno que ele *"não é apenas um informador, ele é um comunicador, ele forma opinião, faz com que a sociedade discuta sobre determinadas questões e se ele adota uma postura mais crítica, vai contribuir para uma sociedade mais crítica."*

Em sua análise, nossa depoente não 'culpa' apenas a mídia pela violência que vemos. Para ela, há todo *"um clima social"* contribuindo para o crescimento da violência: *"A violência realmente está na rua"*. Responsabiliza a mídia apenas quando esta expõe enfaticamente atos de violência, mas *"definitivamente, não é a Mídia que está fabricando a violência"*, afirma.

Comenta que as pessoas não estão se matando porque estão vendo a ficção matar e sim porque há, atrás disso tudo, outros fatores que estariam levando à violência, como a droga, a luta pelo poder, a corrupção, entre outros.

Insiste no tema da responsabilidade do comunicador. Diz que diante da angústia social em que vivemos, está convicta de que o seu maior papel como professora de jornalismo é tentar formar pessoas com uma visão mais crítica de sua

própria profissão, menos passivas e menos complacentes com o que acontece. Para ela, falta ao jornalismo fazer a crítica cada vez que é dada uma notícia, especialmente envolvendo violência. É preciso que a sociedade e o jornalista se perguntem que responsabilidade lhe cabe diante do fato noticiado: “*A sociedade tem que se sentir também como cúmplice desse delito, porque ela é cúmplice*”. Acrescentar essa reflexão é tarefa do jornalista, mas, como acredita, isso não está sendo feito. Seria esta a maior lacuna que o jornalismo passou a enfrentar depois da abertura política, quando ocorreu a queda da censura. Como diz, “*naquela ocasião, apesar de toda a dificuldade, existia uma necessidade do comunicador de estar colocando para a sociedade questões que de fato fossem discutidas criticamente.*” Hoje isso não existe, e, em seu lugar, observa-se, na maioria dos profissionais, uma certa superficialidade na cobertura do fato.

A essa altura da narrativa, percebemos uma certa tristeza em sua fala quando faz essa espécie de denúncia da superficialidade profissional que identifica. Diz que “*mostra-se o fato, mas não se mostra o porquê, como começou, quais as conseqüências*” e como afirma, “*o principal é mostrar que ele não vai terminar ali.*” Isso é o mais grave. A título de ilustração, traz como exemplo o caso do índio da tribo dos Pataxós que foi queimado vivo em Brasília. Diz que o fato desencadeou uma série de outros delitos parecidos com ele, e não houve nenhuma reflexão sobre isso.

Ao mesmo tempo em que constata essa falta de preocupação com a crítica, no meio jornalístico, vê surgir um outro movimento começando a dar frutos. Trata-se da comunicação alternativa, produzida por algumas

organizações não-governamentais, especializada na produção de vídeos, impressos, onde se percebe uma grande preocupação em se rever a postura do comunicador.

Ainda analisando a relação mídia-violência, lembra que há um lado positivo a ser considerado, pois se bem trabalhada, a mídia pode exercer uma influência bastante positiva nesse processo de combate à violência. Ilustrando sua fala, diz: *"não acredito nessa história de que a criança assiste a um filme de Superman e vai pular, simplesmente porque assistiu a um filme desse tipo. Ele já vinha pulando há algum tempo, apenas os pais não estavam percebendo. O filme pode ser a gota d'água"*.

Para ela, o risco de exibição de filmes violentos está exatamente no fato de crianças e adolescentes passarem a achar tudo muito natural. Dar soco, dar murro, atirar, passa a ser visto como algo natural, agravado pelo fato de que, no filme, ninguém morre, e mesmo que morra em um filme, no outro aparece vivo novamente. Fantasia e realidade se mesclam com muita facilidade. A mídia aparece banalizando a violência. Esse é um dos seus pecados, e o mais grave é que isso concorre para que a sociedade receba a violência com naturalidade. Para ele, diante da expansão da violência, "as pessoas nem se importam mais..."

Continuando em sua análise da violência juvenil, nossa depoente traz um outro tema que ela considera grave. Diz tratar-se do fato de que, para ela, crianças e adolescentes se utilizam da violência como forma de 'chamar a atenção sobre si, principalmente a atenção dos pais.' A esse respeito, ficamos a nos questionar se não seria isso uma espécie de 'psicologismo'? Não nos faz rememorar a Psicologia dos anos cinquenta que parecia apresentar uma cartilha aos pais, com modelos de como deveriam agir? A depoente faz ainda uma espécie de

denúncia, dizendo também ser este um jeito próprio da Cultura Brasileira. Segundo ela, a criança aprende, desde cedo, que não chama a atenção dos pais pelo bom comportamento. Ela descobre que chama atenção exatamente pelo inverso, pelo mal comportamento. Essa tendência tem crescido, chegando a limites absurdos. Ela tenta fazer uma leitura do comportamento do jovem quando diz: *“Talvez pela Mídia eu acabe chamando a atenção do meu pai e da minha mãe, o que eu não consigo dentro de casa, até porque eles nem estão dentro de casa para eu ter essa atenção.”*

Ainda em sua análise, traz à baila a questão dos limites. Para ela, os adolescentes violentos carecem de limites e *“eles não sabem quais são os limites e estão desafiando até para descobri-los mesmo. Por isso, estão cada vez mais extrapolando seus próprios limites, para descobrirem quais são os limites da sociedade, pois essa sociedade não está dando esses limites para eles. Não os encontram na escola, nem na família e muito menos na rua.”*

Finalmente, fala das saídas que enxerga para o problema, analisando o assunto do ponto de vista da família, da cultura e em especial da mídia.

Em relação à mídia, já se observa o início de uma discussão, que ocorre via Internet, nas Universidades e na própria emissora de TV. Atribui, em parte, esta falta de crítica atual ao longo período de repressão vivido pelo País, o que o levou a perder um pouco do bom senso na hora em que liberou a censura.

Nossa depoente não é contra a divulgação da notícia em si, qualquer que seja ela, mas critica a forma como a notícia é mostrada. Para ela faltam critérios na hora de sua veiculação, e essa postura a sociedade civil organizada precisa cobrar da Mídia, em especial da TV.

Em sua análise vê o caso da família como mais complicado, já que falta uma ação governamental no sentido de oferecer creches e escolas que atendam a necessidade das famílias de saírem para o trabalho tendo a educação de seus filhos assegurada. Constata que não dá para voltar no tempo e ter a mulher novamente em casa, cuidando da educação dos filhos no seu sentido amplo. Precisamos aprender a lidar com esse novo modelo de família que a contemporaneidade impõe, no que tem repercutido sobre a sociedade. Para ela, *“ou escola e família começam a caminhar muito juntas, ou, sinceramente, eu não vejo muita solução pra gente não.”*

E, por último, faz uma crítica à nossa cultura, no sentido de acreditar que a criança precisa estar comprometida, em todos os seus horários, com atividades sistemáticas, pensando que assim a estaríamos protegendo. Comenta que há pais que colocam seus filhos em *“dez cursos ao mesmo tempo”*. Com isso estaríamos tirando o tempo da criança e do adolescente para ele mesmo. *“Tem que ser uma coisa prazerosa, e isso eu acho que está se perdendo. A criança vai contra a vontade...Isso é um jeito violento de educar. Essa criança acaba por se tornar também uma pessoa violenta.”*

Em resumo, a nossa depoente analisa a questão da violência juvenil a partir de um longo percurso envolvendo a atuação da família e da escola, muitas vezes numa ação conjunta, onde aponta para as diversas falhas que aí identifica. Em seguida detém-se na reflexão acerca da mídia, de suas responsabilidades e do papel do comunicador. Por último chama a nossa atenção para a falta de limites que observamos na conduta dos jovens e suas repercussões.

1.3 -Não sei como educar meus Filhos -Depoimento de uma família cujo filho praticou violência²

A Fala do Pai

A Juventude está meio perdida

Acho qualquer tipo de violência abominável e quando ela envolve a Juventude... fica pior ainda. Como você sabe, vivi na pele a experiência com meu próprio filho. Nunca me imaginei nessa situação... foi muito difícil para nós todos. Acho que a nossa juventude está meio perdida mesmo... fico pensando no meu tempo de jovem... éramos tão diferentes... acho que mais felizes. Não me lembro de nenhuma passagem onde um amigo ou qualquer conhecido andasse envolvido em atos de violência. A gente só pensava em festa, nas paqueras, nos filmes novos que ainda não tínhamos visto. Hoje é tudo tão diferente... menos sadio... Às vezes fico me perguntando por que acontece tudo isso.

Não sei como educar meus Filhos

Sou pai e confesso: eu não sei o que fazer, como educar meus filhos. As influências são tantas que fogem ao nosso controle. Deveria se criar escola preparatória para pais. Acho que precisamos aprender como ser pai.

² Família composta de cinco membros: Pai e Mãe, de 42 e 40 anos, respectivamente e mais três filhos, todos do sexo masculino. O nosso depoente tem 16 anos. Há mais duas crianças, um com 9 e o outro com 8 anos

precisamos enfrentar essas situações que nos pegam de surpresa. Nesse sentido me sinto solitário... perdido... é... perdido.

Vivo para o meu trabalho...acho que dedico mais horas ao meu trabalho do que à minha família. Deixo a educação das crianças por conta da mãe, que vive em casa, já que não trabalha fora. Hoje vejo que deixei demais. Acho que errei nisso. Era cômodo para mim, mas não foi bom para a educação dos meninos.

(...) minha mulher é muito nervosa... isso tem dificultado na educação das crianças. Por conta dessa situação, meu sogro dá muita assistência a ela e a meus filhos. Depois desse episódio, vejo que talvez essa ajuda já esteja mais atrapalhando que ajudando. Meu sogro fez demais o gosto desse nosso filho. Deixou ele mal acostumado, pouco preparado para enfrentar as dificuldades da vida... Meu sogro é militar reformado... sempre gostou de armas e sempre deu de presente armas de brinquedo para meus filhos. Sempre brinquedos violentos. Trazia filmes de guerra, de ação, para ver com os meninos. Trazia principalmente para esse filho. Eu não gostava muito desse tipo de brinquedo, mas... fui deixando... era o avô. Sabe como é?!... pra não criar problema... eu também sem tempo... a mãe sempre doente... fui me acomodando... A verdade é que larguei um pouco a educação dos meninos...

Vi o quanto estava distante do meu Filho

Para mim foi muito duro. Sabe aquela situação que você nunca se imagina nela? Foi um choque muito grande. Vi o quanto eu estava distante do meu filho, é como se eu não o reconhecesse mais. Um pesadelo. Nunca

pensei que meu filho pudesse atirar de verdade, numa criança. Sabe aquela coisa que você não quer acreditar, embora esteja vendo?

Já era agressividade que ninguém queria enxergar

Passou na minha mente como num filme e recordei que quando ele era pequeno gostava de pegar animais, maltratava os animais, batia até matar. Isso ele fazia com rã, com sapinho, com lagartixa. Já era uma agressividade que ninguém queria enxergar, ninguém levava a sério. Eu também achava que era coisa de menino mesmo... todos achavam engraçado e ninguém via nisso um mal e que estava crescendo com ele. Eu não fiz nada para impedir esse jeito dele... pra mim foi uma lição... vi que tudo tinha relação... hoje vejo que não acompanhei meu filho e tenho raiva, revolta mesmo...

Minha primeira reação foi pedir desculpas

(...)a minha primeira reação foi conversar com os pais das crianças, pedir desculpas, dizer que pagava todas as despesas, na tentativa de ajudar ou de diminuir a agonia, mas a vergonha e a tristeza que passei, nada apaga. Fiquei humilhado diante daquelas pessoas, querendo matar esse danado, com Muito ódio, sem entender como um jovem de 16 anos, que tem tudo na vida, atira de verdade em alguém, e ainda mais em crianças. Achei que ele tinha perdido o juízo.

Fomos os três para a delegacia, levamos um sermão do delegado chamando a nossa responsabilidade de pais, mas como não houve consequência mais grave, ele nos liberou.

Estou mais atento a ele

Botei ele de castigo, levando todos os dias para trabalhar comigo, na tentativa de ficar mais perto dele, de acompanhar. Mas a vida continua... ele precisava retomar a vida, estudar, freqüentar a escola e um mês depois, ele deixou de ir comigo para o meu trabalho. De qualquer forma, posso dizer que estou mais atento a ele.

A Fala da mãe**Ele exagera, faz muito o gosto dos meninos**

Eu não sei o que seria de mim sem a ajuda do meu pai. Ele me ajuda em todos os sentidos. Quando não posso, ele leva os meninos para o colégio, sai com eles para passear, compra coisas para eles, conversa comigo quando estou na pior... ele é tudo para mim, é meu apoio. Às vezes eu sei que ele exagera, faz muito o gosto dos meninos, mas sabe como é avô coruja... não quer ver os netos tristes, principalmente esse que é o xodó dele.

Não gosto de lembrar aquele dia

Não gosto de lembrar aquele dia. Fiquei vários dias impressionada, pensando se aquelas crianças tivessem morrido. Só me dava vontade de chorar... Tenho pesadelo com a polícia prendendo ele, batendo nele e ele me pedindo socorro. Não desejo a ninguém uma experiência dessa.

Deus operou um milagre e nos deu uma lição

A sorte é que a bala só pegou na perna e no braço das crianças. Sou muito religiosa e acho que Deus operou um milagre: protegeu aquelas crianças e nos deu uma lição.

Tenho que conversar mais com eles

Acho que preciso estar mais atenta com o que se passa com nossos filhos. Tenho que conversar mais com eles, acompanhar os pensamentos deles, saber o que eles estão planejando. Já vi que não basta dar os bens materiais e estar com eles todos os dias. Precisamos ajudar nas idéias, nos desejos. Discutir com eles sobre o certo e sobre o errado.

Acredito que ele estava um pouco largado nesse sentido, inclusive nos estudos. Ele já levou pau no colégio duas vezes. Diz que não gosta de estudar. O negócio dele é fazer festa, tocar guitarra. Isso não dá futuro. Já anda bebendo aqui e ali. Isso não dá certo.

Temos mais filhos pequenos, que estão aí, vendo tudo. Precisamos mudar em relação à educação deles. Sei que nunca é tarde. Esse é o pior jeito de aprender, quando a vida nos dá uma rasteira, mas nunca esquecemos o que aprendemos.

A Fala do Jovem que Praticou Violência

Eu gostava de matar lagartixa

Eu sempre treinei pontaria, acertar no alvo. Quando eu era pequeno, meu avô me levava para aquelas festinhas de rua e o que eu mais gostava era

acertar no alvo, atirando com aquelas espingardas. Eu acertava quase tudo. Era o maior astral. Meu avô me dava a maior força. Ele me dava dinheiro e eu gastava quase tudo naquelas barracas de acertar na pontaria.

Quando e eu era menino bochudo, eu gostava de matar lagartixa com baladeira e sempre curtia isso. Chamava meus amigos e agente ficava apostando pra ver quem matava mais sapo, mais lagartixa. Eu ganhava todas.

Quando acertava no alvo meu coração disparava

Eu sempre tive revólver de espoleta e ninguém nunca reclamou. Meu avô achava legal quando eu acertava no alvo. A gente fazia campeonato de acertar no alvo.

Uma vez a gente atirou na galinha da vizinha e a galinha morreu. Achei que a nossa pontaria estava legal pra caramba. Outra vez quase a gente matou um gato, mas eu fiquei com medo porque os meninos disseram que a gente ia ter sete anos de atraso. O gato ficou doente e a galera cuidou dele, botou remédio e o gato não morreu. Foi um sufoco...

Quando eu contava essas histórias pra meu avô, ele achava o maior barato...me dava a maior força, sacou? Pra mim era um desafio, tu entendes? Quando eu acertava no alvo meu coração disparava de emoção. Voinho curtia tudo. Eu não me lembro se eu contava a painho e a mainha, mas a voinho eu contava sempre. Pra mim era normal, era diversão, eu nunca pensava que eu estava fazendo mal. Eu gostava daquela brincadeira.

Eu só queria assustar e me lasquei

(...)no caso dos meninos eles estavam brigando por causa de um jogo. Ninguém se entendia, chamavam palavrão um com o outro e acabaram se agarrando. Todo mundo falava e os pirralhas não estavam nem aí, continuava tudo se agarrando. Aquilo foi me irritando e pra acabar de vez com aquela briga, tive a idéia de atirar neles pra assustar e parar a briga. Fui buscar uma arma que meu avô deu para painho. Dei vários tiros para o ar e, de repente, tentei uma pontaria mais perto deles e acertei na perna e no braço dos caras. A bala entrou e saiu sangue. Eu só queria assustar e me lasquei...

A briga dos caras acabou e começou a briga comigo

Uma coroa viu e me entregou. Aí sujou geral. A briga dos caras acabou e começou a briga comigo. Foi sujeira total. Os caras do prédio queriam dar umas porradas em mim. Fugi pra casa, me tranquei no quarto e fiquei esperando o pipoco. Mainha e painho estavam fora. Quando eles chegaram foi um stress total. O maior barraco. O delegado chamou a gente e eu tive o maior medo de ficar preso. Chamei meu avô e ele disse que nada de mal ia me acontecer, que eu tivesse calma. Só assim eu fiquei mais calmo um pouco. Nunca mais brinquei de pontaria. O delegado deu muito esporro no meu pai. Foi uma burrada. Eu só queria fazer um susto e me ferrei.

Mudança de Vida

Fiquei com ódio daqueles pirralhas. Meu pai tomou todos os meus brinquedos de armas que meu avô me deu e disse que minha vida ia mudar e que ia tomar conta de mim bem de pertinho. Ele agora me leva ao colégio todos os dias. Foi falar com a Psicóloga do colégio e de vez em quando ela me chama pra conversar aquelas besteiras com ela. Acho isso um saco, mas eles dizem que é para o meu bem. Meu avô não pode mais me dar presentes "militares" como diz meu pai. Ele está até meio por fora, mas eu sou ligado no meu avô e não deixo ele ficar por fora. Ligo pra ele e converso quase todo dia. Só. Não tenho mais nada pra falar. Já lhe falei tudo.

1.3. 1 -Aproximando-nos de nossa compreensão

Sobre a fala do pai

Sob forte carga emocional, o pai inicia a sua fala dizendo que foi muito difícil para todos de sua família viverem com seu próprio filho essa experiência com a violência.

Considera abominável qualquer tipo de violência, principalmente envolvendo a juventude. Relembra seu tempo de jovem e diz que eles eram mais felizes. Não lembra de nenhum episódio envolvendo violência entre seus amigos. Acha que a juventude de hoje "*está meio perdida, é tudo tão diferente...menos sadio...*"

Queixa-se claramente por não saber educar seus filhos. Atribui às tantas influências a que o jovem está exposto hoje, fugindo do controle dos pais

o processo de educação. Pede ajuda, diz que precisa aprender como ser pai. Pede a criação de escola preparatória para pais. Neste sentido, sente-se *"solitário... perdido... é... perdido."*

Recrimina-se por dedicar mais tempo ao trabalho do que à família. Sempre deixou a educação das crianças sob a responsabilidade exclusiva da esposa, que não trabalha fora, mas hoje constata que o fez em excesso. Diz claramente que errou nesse sentido: *"Era cômodo para mim, mas não foi bom para a educação dos meninos."*

Diz que, por ser sua mulher *"muito nervosa"*, a educação das crianças ficou em muito sob a responsabilidade do sogro, militar reformado. Este atendia a todos os desejos dos netos, principalmente do mais velho e presenteava-os com brinquedos violentos. Diz que não gostava muito dessas atitudes do sogro, mas, para não criar problemas, foi se acomodando a essas coisas. Hoje vê que errou, tem consciência do quanto foi omissos na educação das crianças.

Relata que foi um choque enorme para ele ter visto seu filho atirar em duas crianças. Fala do quanto foi difícil para ele essa experiência: *"Sabe aquela situação que você nunca se imagina nela?... vi o quanto estava distante do meu filho...é como se eu não o reconhecesse mais...um pesadelo"*.

Em seguida passou a falar dos sinais de forte agressividade do filho, que se evidenciavam ao longo do tempo e que ninguém queria enxergar. Lembra que o filho maltratava os animais, levando-os até à morte; *"todos achavam engraçado e ninguém via nisso um mal, e que estava crescendo com ele"*.

Penitencia-se por não ter feito nada para interromper essa escalada de violência de seu próprio filho. Diz ter tido uma lição.

Constata que não acompanhou seu filho, sente raiva e revolta por isso.

Confessa que, após o episódio, sua primeira reação foi pedir desculpas aos pais da criança e oferecer-se para pagar todas as despesas que eles tivessem, na tentativa de *"diminuir a agonia"*, mas concluiu que a vergonha e a tristeza sentidas, não havia pagamento para elas: *"nada apaga"*.

Seu desespero estava em não entender como um jovem de 16 anos, *"que tem tudo na vida, atira, de verdade, em alguém"*. Só passando por essa experiência ele pode entender que *"ter tudo na vida"* não significa só ter bens materiais, mas também ter pai, mãe cuidando, orientando, acompanhando. Concluiu que é preciso ficar mais perto do filho, e desabafa: *"estou mais atento a ele"*.

Sobre a fala da mãe

A mãe inicia a sua fala dizendo do quanto é importante para ela poder contar com a ajuda de seu genitor, principalmente no tocante à educação das crianças. Tem consciência de que *"às vezes ele exagera, fazendo muito o gosto das crianças...principalmente desse que é o xodó dele."*

Fala, com muito sofrimento, sobre o episódio com o filho e diz que não deseja a ninguém a experiência que viveu. Diz também que chorou muito e que até hoje tem pesadelos, em que aparece a polícia batendo em seu filho.

Considera-se muito religiosa e acredita que Deus operou o milagre de não permitir que nada de grave acontecesse àquelas crianças. *"Deus protegeu aquelas crianças e nos deu uma lição"*.

Relata que essa experiência com seu filho alertou-a para a necessidade de estar mais atenta ao que se passa com seus filhos. Entendeu que precisa

conversar mais com eles, não só para saber o que estão fazendo como o que estão planejando fazer.

A experiência vivida a levou a uma dura constatação expressa quando diz: *"Já vi que não basta dar os bens materiais e estar com eles todos os dias. Precisamos ajudar nas idéias, nos desejos. Discutir com eles sobre o certo e sobre o errado."*

Constata que o filho estava um pouco largado nos estudos e na vida. Enumera o que vê de errado nele, um jovem de 16 anos. Já foi reprovado duas vezes no colégio, só quer fazer festa, tocar guitarra e já anda fazendo uso de bebida alcoólica. Vê que isso está errado, e que tem mais dois filhos pequenos que estão presenciando a conduta do irmão mais velho.

Sabe que errou em relação à educação do filho, mas conclui que nunca é tarde para mudar. Tem consciência de que essa é a pior forma de aprender, mas também, a mais eficaz. Diz textualmente: *"Esse é o pior jeito de aprender, quando a vida nos dá uma rasteira, mas também, nunca esquecemos o que aprendemos."*

Sobre a fala do jovem que praticou violência

Inicia a sua fala lembrando que desde criança brinca com armas, sempre treinou tiro ao alvo. Aos poucos foi se acostumando com o fato de atirar em animais, matando-os em seguida, em verdadeiros campeonatos com os amigos. Relembra: *"Eu chamava meus amigos e a gente ficava apostando pra ver quem matava mais sapo, mais lagartixa. Eu ganhava todas."*

Revela, até com certa surpresa, que sempre teve revólver de espoleta e ninguém nunca reclamou. *"Meu avô achava legal quando eu acertava o alvo."* É como se ele denunciasse a incoerência de sua educação. Deram-lhe os instrumentos para a ação e hoje o recriminam por tê-los utilizado. É como se lhe tivesse faltado a crítica desta utilização. Ele chega até mesmo a dizer: *"Pra mim era normal, era diversão, eu nunca pensava que eu estava fazendo mal. Eu gostava daquela brincadeira de acertar o alvo."*

Tal era sua familiaridade com a arma que, diante de uma briga de crianças, que não lhe diziam respeito, permite-se sacar a arma e atirar nelas. *"Eles estavam brigando por causa de um jogo...aquilo foi me irritando e, pra acabar de vez com aquela briga, tive a idéia de atirar neles, pra assustar e parar a briga".*

É como se ele estivesse tentado dar um limite à briga das crianças utilizando-se daquilo que lhe parecia mais familiar: uma arma.

Talvez esta tenha sido a primeira oportunidade em que a arma não lhe foi fonte de satisfação e sim de frustração e de medo: *"Eu só queria assustar e me lasquei... A briga dos caras acabou e começou a briga comigo."*

Experimentou o medo e conheceu o limite imposto pelo delegado, que o fez refletir sobre a gravidade de seu ato. Limite este, nunca exercitado por seus pais nem por seu avô, foi-lhe dado pelo delegado. Fala-nos sobre sua experiência: *"Nunca mais brinquei de pontaria. O delegado deu muito esporro no meu pai. Foi uma burrada. Eu só queria fazer um susto e me ferrei."*

Percebe que depois do episódio de violência para com as crianças, o pai ficou mais atento a ele. Sobre isso nos fala: *"Ele agora me leva ao colégio todos os dias e foi falar com a psicóloga do colégio".*

Queixa-se de que o avô não pode mais lhe dar presentes "militares" e tem se mostrado um pouco ausente de sua rotina, mas o jovem reafirma a sua ligação ao avô, não deixando que ele se distancie.

Em resumo, podemos dizer que a fala dos pais se desloca da surpresa absoluta pela conduta do filho, seguida do grande constrangimento sentido, até à revelação do quanto estiveram ausentes no processo de educação do filho.

O filho, por sua vez fala do quanto se ligou ao avô, militar reformado, que lhe serviu de apoio ante o pouco cuidado dos pais em relação a ele. Fala com satisfação desta amizade, principalmente, da solidariedade dele em relação a seus pequenos atos de violência dirigidos aos animais.

De certa forma, cada um de per si, deixa transparecer em suas falas o estado de desamparo vivido nos lugares que ocupam e de como essa experiência mostrou-se como fonte de aprendizagem e de crescimento para todos.

1.4 -Somos Prisioneiros dessa Marginalidade: Depoimentos de uma família cujo filho foi vítima de violência ³

A Fala da Mãe

Relembrar me faz mal

Você não imagina a minha angústia, cada vez que falo sobre este assunto. Tenho uma espécie de medo ao falar, como se isso fizesse rememorar algo que eu gostaria de esquecer. Ainda estou muito apavorada. Só faz três meses do ocorrido. As imagens ainda estão muito claras na minha cabeça.

³ Família composta apenas por Mãe, de 50 anos e filhos, de 20 anos. Pai falecido

Pensei que fosse perder meu único filho, razão da minha vida. Relembrar aquilo tudo me faz um mal enorme... bom, mas como é para colaborar com o seu trabalho, vou tentar.

A sociedade precisa se mobilizar

Vou falar; quem sabe eu contribua de alguma forma para diminuir esse absurdo! Acho que a sociedade em geral precisa se mobilizar. Do jeito que está não dá pra continuar.

Meu filho saiu e não voltou

Meu filho saiu daqui para ir a uma festa no Clube Internacional e não voltou para casa. Ele ia se encontrar com três amigos. Saiu daqui sozinho, dirigindo meu carro. Quando tentava estacionar, foi abordado por dois jovens que lhe disseram que não estacionasse naquele local e sim num outro, mais livre, porque ali era entrada e saída dos automóveis, e podiam arranhar seu carro. Meu filho aceitou estacionar no local sugerido. Os jovens o conduziram a uma área menos iluminada, exatamente onde se encontravam dois rapazes encapuzados que o abordaram, dizendo tratar-se de um assalto. Os dois entraram no carro e ordenaram que meu filho guiasse o carro, calado, para onde eles indicassem. Meu filho saiu sozinho, com esses dois caras, com uma arma apontada em sua nuca, como se fosse um marginal... Pra seqüestrador, prisão perpétua ou pena de morte!

Somos prisioneiros dessa marginalidade

Hoje sinto um misto de sentimentos: medo, revolta, desespero, e também gratidão. Agradeço a Deus por meu filho está vivo. Nós não temos nenhuma segurança neste País. A população vive abandonada, largada na mão desses delinquentes. Não temos segurança nem dentro de nossa própria casa. Como podemos viver assim? Somos prisioneiros dessa marginalidade. Quem dá as ordens são os marginais. Se formos analisar bem, só tem marginal. Desde os altos escalões do governo até o menino de rua. Todos querem tirar vantagem de tudo. Tudo é ladrão e ninguém faz nada. Juiz, governador, senador, prefeito, polícia, tudo desonesto. Como pode?

Somos reféns do marginal que não trabalha

Veja que coisa mais doida: Nós, cidadãos honestos, que trabalhamos e pagamos impostos, estamos impossibilitados de transitar livremente por nossas cidades. De repente nos vemos reféns do marginal que não trabalha, que rouba o que conseguimos como fruto de nosso trabalho e nós ainda agradecemos quando eles nos deixam vivos. É revoltante isso... né?

Hoje me sinto fraca e indefesa. Tenho medo de que meu filho sai de casa para qualquer lugar. Quando ele sai, não relaxo enquanto ele não chega. Faço mil recomendações, rezo o tempo todo. Acho até que já estou prejudicando ele com tanta ansiedade. Sei que ele é jovem e que, infelizmente, o tempo que ele tem para viver a sua juventude é esse, mas não consigo me controlar. Não durmo enquanto ele não chega. Ele quase não tem saído, por

minha causa. Sei que não é certo mas não consigo me controlar. É da faculdade pra casa, da casa da namorada pra casa.

Chego ao absurdo de rezar por esses marginais

Agradeço a Deus todos os dias por meu filho está vivo e com saúde. Chego ao absurdo de rezar por esses marginais. Fico pensando na vida que levam e acho que se não levam outra vida, é por falta de oportunidade. Tantos jovens vagando, sem estudo, sem emprego, o que vão fazer para sobreviver? O que resta é o caminho da droga, do crime...

Um seqüestrador ligou para minha casa

Até o reencontro foram dez dias de desespero. Quando vi amanhecer o dia e meu filho não chegar em casa nem ter dado notícia, fiquei apavorada. Liguei para os amigos que iriam com ele à festa e disseram que ele não tinha ido à festa. Conclui que algo de muito grave deveria ter acontecido. Liguei para meu irmão e juntos começamos a busca em tudo que foi hospital, pronto socorro, e... nada. Viramos a noite sem notícias. No dia seguinte, cedo da manhã, um seqüestrador ligou para a minha casa, dizendo que se tratava de um seqüestro e que estavam com meu filho, que ele estava bem e que nada de ruim iria acontecer a ele se eu pagasse R\$ 80.000,00 pelo resgate. Onde arranjar todo esse dinheiro. Eu não tinha um tostão e era a vida do meu filho que estava em jogo. Não quis envolver a Polícia. Pedi para ela ficar de fora. Era a vida de meu filho e eu mesma ia negociar com os seqüestradores. Mobilizei toda a minha família, meus amigos, os bancos onde tenho conta. Meus amigos foram pra rua, fizeram pedágio e só conseguimos R\$ 15.000,00.

A parte mais difícil

Ao término de uma semana, novo contato. Eles queriam saber se eu tinha o dinheiro do resgate. Foi a parte mais difícil. Eu não saía do pé do telefone. Não comia e nem dormia direito; só chorava. Eu disse a ele que já tinha esgotado todas as possibilidades e só tinha conseguido R\$ 15.000,00 e que pelo amor de Deus eles aceitassem e libertassem o meu filho. Ele bateu o telefone sem nada me responder. No dia seguinte, dessa vez à noite, ligaram novamente para minha casa, dizendo que iam aceitar aquela "ninharia" e que eu estivesse no dia seguinte, às cinco horas da manhã, no trevo da BR 101 que fica na entrada que vai para Ipojuca. Lá eu iria encontrar um carro branco, sem placa, com o vidro aberto e dentro desse carro eu deveria colocar o dinheiro, e se eu avisasse à Polícia, eles matariam meu filho.

No dia seguinte, fui com meu irmão ao local combinado. No caminho me senti mal, quase desmaiei de tanto medo. Pensei que eles poderiam armar uma emboscada e nos matar, mas fomos em frente. Temia entregar o dinheiro à pessoa errada e não ter meu filho de volta. Mas de longe já vimos o carro conforme o combinado. Joguei o dinheiro no piso do carro e sai em pânico. Fiquei olhando para trás e vi que dois homens entraram no carro e partiram em toda velocidade em direção ao Sul. Na madrugada seguinte eles largaram meu filho na BR 101, que chegou são e salvo. O resto ele conta pra você.

A Fala do Jovem que foi Vítima da Violência

Pensei que fossem me matar

Mãe, deixa que eu conto: Eu fui guiando o carro até mais um pouco, no sentido Sul. Mandaram que eu entrasse numa rua bastante escura e parasse o carro. Pensei que fossem me matar naquela hora, mas, na verdade, queriam me levar para o cativeiro. Botaram uma venda em meus olhos e mandaram que eu entrasse na mala do carro. Senti muito medo. Fui rezando, no escuro do carro, todo curvado. Vivi um pesadelo que eu não desejo nem a um inimigo. Rodaram comigo, aproximadamente, uma hora e meia, até chegar ao local do cativeiro. Não sei onde era. Sei apenas que era uma casinha muito apertada e que eu fiquei num quartinho dos fundos, escuro, sujo, com as paredes pretas de fumaça. Não tinha ninguém por perto, só os dois caras. Acho que eram bem jovens. Talvez uns vinte anos. Eles falavam pouco e não bateram em mim. Diziam que nada de mal ia me acontecer, que eles só queriam dinheiro e que minha vida estava valendo dinheiro.

Minha comida era pão, água, e feijão com arroz. Quando eu estava muito cansado, cochilava um pouco no chão. Tinha apenas um colchão e um cobertor de flanela. Eu tinha medo que me matassem enquanto eu estivesse dormindo.

Acho que amadureci dez anos

Emagreci cinco quilos em dez dias e acho que amadureci dez anos com essa experiência. Eu vi a minha vida por um fio naqueles dias. Sentia

medo, ódio, revolta. A gente começa a dar valor a um bocado de coisa que a gente nem sabe que é tão importante... Coisas simples que a gente tem todo dia e que não dá o valor que merece, como a mãe, a família, os amigos, a casa, a comidinha de casa; tudo passa a ter uma importância enorme...

Jovens como eu, metidos naquela vida...

Acho que hoje a minha vida pode ser dividida em dois momentos: um antes e outro depois do seqüestro. Acho que amadureci muito... mas nem precisava tanto, né? Foi um alto preço que paguei. Por incrível que pareça, eu cheguei a pensar na vida daqueles dois caras, jovens como eu, metidos naquela vida...é uma desgraça. Eu sempre tive tudo e às vezes reclamava da vida. Acho que foi uma lição para mim. Hoje não reclamo mais. Agradeço a Deus todos os dias por estar vivo e com saúde.

Minha mãe não contou como cheguei em casa. Depois que os caras me largaram sem dinheiro, na BR 101, pedi carona. Os carros não paravam. Eu estava sujo, assanhado, sem nada na mão, sem dinheiro. Levaram tudo que eu tinha: carteira, celular, relógio. Só me restava esperar pela solidariedade de um motorista de caminhão. Foi exatamente na carroceria de um caminhão que cheguei até Recife e, de lá, liguei de um telefone público para minha mãe que foi me buscar.

O mais importante foi abraçar minha mãe

O mais importante disso tudo foi voltar pra casa, abraçar minha mãe e dizer a ela o quanto eu a amava, coisa que eu nunca tinha feito antes. Vi a minha vida por um fio e por isso hoje estou valorizando tudo, tudo é importante, até a coisa mais simples como tomar um banho, trocar uma roupa limpa e deitar na minha cama cheirosa, num quarto todo arrumado...

Saber valorizar o que realmente tem valor

Depois que pegaram o dinheiro, disseram pra mim que iam me libertar. O carro eles não iam devolver, porque minha mãe não arranhou o dinheiro que eles pediram. Àquelas alturas dos acontecimentos, o carro era o que menos contava para mim. Essa foi a maior lição: saber valorizar o que realmente tem valor. O carro tinha seguro, recuperávamos. Minha vida não. A tranquilidade de minha mãe também não.

Uma coisa positiva... constatar o quanto sou querido

Uma outra coisa positiva dessa experiência desgraçada foi constatar o quanto sou querido, não só pela minha mãe, que eu já sabia que era muito, mas não sabia que era tanto, e também por meus familiares, amigos meus e dela.

Sem perspectiva, vão parar na marginalidade

Foi uma experiência muito difícil mas não acho que ela acabou ali. Tado dia tem seqüestro. Uns que a gente nem sabe e que não tem o final feliz

que tive. Isso precisa acabar. As autoridades, a sociedade precisa cuidar melhor das crianças e dos jovens, pois sem escola e sem perspectiva, só vão parar na marginalidade.

1.4. 1 -Aproximando-nos de nossa compreensão

Sobre a fala da mãe

A mãe inicia a sua fala dizendo da sua angústia ao relembrar o seqüestro de seu filho. Diz ter sido para ela uma experiência muito forte pois temia pela vida de seu filho único. Falar sobre o assunto causa-lhe medo, pois é como se *"isso fizesse rememorar algo que eu gostaria de esquecer."* Apesar disso, concorda em nos falar de sua experiência como forma de colaborar com o nosso trabalho e por acreditar que a sociedade precisa se mobilizar para "acabar com esse absurdo" que é o seqüestro e, talvez, falando contribua nesse sentido também.

Relata que seu filho saiu para se encontrar com três amigos para juntos irem a uma festa e, ao estacionar o carro, foi abordado por dois jovens e seqüestrado em seguida.

Ao relatar cada detalhe, percebe-se em sua fala um misto de dor e revolta: *"Meu filho saiu sozinho, com esses dois caras, com uma arma apontada em sua nuca, como se fosse um marginal... Pra seqüestrador, prisão perpétua ou pena de morte!"*

Diz em tom de revolta, que somos prisioneiros dessa marginalidade. Fala do misto de sentimentos que experimenta em relação ao fato: medo, revolta, desespero e gratidão a Deus por seu filho estar vivo.

Queixa-se da falta de segurança em que se vive no Brasil. Denuncia o estado de abandono em que vive a população, largada na mão dos delinquentes, sem segurança, até mesmo em nossas próprias casas.

Com muita revolta diz que estamos nas mãos de marginais e aproveita a oportunidade para denunciar que entre estes marginais de que fala estariam pessoas dos mais altos escalões do governo até o menino de rua: *"Todos querem tirar vantagem de tudo. Tudo é ladrão e ninguém faz nada. Juiz, governador, senador, prefeito, polícia, tudo desonesto. Como pode?"*

Expõe, revoltada, o contra-senso da sociedade em que vivemos. Nós, cidadãos honestos e trabalhadores, que pagamos impostos, estamos impossibilitados de transitar livremente pelas ruas de nossas cidades, pois, de repente, poderemos nos tomar reféns do marginal que não trabalha, que rouba o que conseguimos e ainda ficamos agradecidos quando não nos matam. Isso lhe causa muita revolta.

Fala ainda dos seus medos e de sua fragilidade cada vez que seu filho precisa sair de casa. Acredita, inclusive, que já o está prejudicando com sua ansiedade sobre ele.

Sempre num tom muito emocionado, diz que chega ao absurdo de rezar por "esses marginais", pois, imagina que, se eles não levam outra vida, é por falta de oportunidade: "Tantos jovens vagando, sem estudo, sem emprego, o que vão fazer para sobreviver? O que resta é o caminho da droga, do crime..."

Relata minuciosamente toda a negociação com os seqüestradores, a quantia de R\$ 80.000,00 pedida por eles e seu desespero em só ter conseguido R\$ 15.000,00. Fala do momento angustiante em que foi entregar a quantia do resgate, e da violência em que tudo isso se constituiu para ela.

Sobre a fala do jovem, vítima da violência

Inicia a sua fala contando todos os passos da experiência e do medo que tinha de que o matassem. Diz que o botaram na mala do carro e que foi rezando, no escuro do carro, todo curvado. Bastante emocionado revela: *"Vivi um pesadelo que eu não desejo nem a um inimigo"*... Mais adiante fala da idade dos seqüestradores, tinham aproximadamente a sua idade. Diz sobre isso: *"não tinha ninguém por perto, só os dois caras. Acho que eram bem jovens. Talvez uns Vinte anos"*.

A experiência foi extremamente forte para nosso depoente. Todo o seu relato foi carregado de muita tensão. Ele fala muito francamente sobre os sentimentos que experimentou e apesar de toda dor é capaz de fazer algumas reflexões positivas e tirar lições para sua vida dali para a frente. Diz textualmente: *"Emagreci cinco quilos em dez dias e acho que amadureci 10 anos com essa experiência. Eu vi a minha vida por um fio naqueles dias. Sentia medo, ódio, revolta. A gente começa a dar valor a um bocado de coisa que a gente nem sabe que é tão importante...a mãe, a família, os amigos, a casa, a comidinha de casa; tudo passa a ter uma importância enorme."*

Certamente que essa experiência constituiu-se num marco de referência de sua vida, dando-lhe o sentido nítido do antes e do depois. Comenta que: amadureceu muito que pagou um alto preço por isso. Entre as suas reflexões, chegou a pensar na vida que levam os seqüestradores, jovens como ele e com destinos tão diferentes... Tomou tudo isso como lição de vida e diz que, hoje, não mais se queixa; agradece a Deus pela vida e pela saúde. Aprendeu a valorizar o que realmente tem valor: as coisas simples do dia-a-dia. Diz que passado o

seqüestro, o mais importante foi voltar para casa, abraçar a mãe e dizer-lhe o quanto a amava, coisa que não havia feito antes.

Foram muitas as aprendizagens. Relata como uma coisa positiva, constatar o quanto é querido, não apenas por sua mãe, mas por familiares e amigos.

Termina dizendo que essa sua experiência foi muito difícil e acredita que não terminou ali, já que seqüestro tem todo dia e nem sempre com o final feliz que teve. Faz um apelo às autoridades, à sociedade, para *"cuidarem melhor das crianças e dos jovens, pois sem escolas e sem perspectiva, só vão parar na marginalidade."*

Em resumo, mãe e filho falaram do grande sofrimento vivido por ambos no episódio do seqüestro.

Um misto de revolta e de compaixão marcou a fala de ambos. Unanimidade, certamente, no fato de serem gratos a Deus por nada de mais grave ter lhes acontecido além do sofrimento e das perdas materiais.

Ambos, de certa forma, se penalizam pelo estado de desamparo em que vivem aqueles jovens que se lançam no mundo da delinqüência.

Vale ressaltar, ainda, a ênfase que o jovem dá ao seu processo de amadurecimento forçado, constatado em si, o que o fez atentar para aspectos de sua vida, nunca antes valorizados por ele.

2 -COMPREENDENDO O FENÔMENO

De posse do conjunto dos depoimentos, uma questão nos demandou Como compreendê-los? Não tínhamos certeza ainda do nosso percurso neste sentido. Por esta razão, resolvemos dialogar com as falas de nossos participantes como que a pedir-lhes sugestão do caminho que melhor nos conduzisse a uma compreensão ampliada do fenômeno que optamos por estudar.

Como primeiro passo, nos propusemos a uma leitura minuciosa de todas as narrativas. Iniciada a leitura, outra questão se nos apresentou: como dar conta dessa tarefa, sem comprometer o sentido daquilo que nos estava sendo revelado?

Inicia-se, pois, o relato desse segundo passo.

Continuamos nossa caminhada e de pronto nos ocorreu o fato de que estávamos fazendo uma pesquisa qualitativa, na perspectiva fenomenológica. Segundo SCHMIDT (1990), *"os relatos não precisam fundamentar hipóteses explicativas, atestar regularidades ou autorizar generalizações por parte do pesquisado (p.78)."* O que estávamos buscando na verdade eram os elementos reveladores da experiência dos nossos depoentes com a violência juvenil.

Um outro elemento nos ocorreu à memória: neste tipo de trabalho, o pesquisador é parte integrante do processo. Novamente, recorremos a SCHMIDT(1990) que acena para a duplicidade de papéis vividos pelo pesquisador ao tomar, por objeto de estudo, a experiência do pesquisado. Ela nos diz que, na posição de ouvinte, o pesquisador acolhe e possibilita o trabalho de elaboração do depoimento. Atuando como sujeito, procura compreender o depoimento limitando-se a comentar o que foi expresso, relacionando-o com os construtos teóricos referendados

nele. Diz-nos, ainda, que sendo recolhedor da experiência do participante como ouvinte, no encontro com ele, é também um narrador que intercambia experiência. A tarefa de interpretar e de comentar sobre a experiência do Participante viabilizará, também, a comunicação de sua própria experiência no processo estudado.

Desse modo, ficava assegurada a nossa participação no diálogo com nossos interlocutores e as interpretações que fizéssemos do material que nos estava sendo revelado, servir-nos-iam como via de acesso ao fenômeno que, em conjunto, tentávamos desvelar. Neste sentido, encontramos, também em SOUZA (2001), o suporte teórico de que necessitávamos para legitimar a nossa conduta. Dizia-nos ele em seu texto: *"toda tentativa de compreensão já é uma interpretação. E, para interpretar, faz-se necessário, uma visão mais ampliada, que possa trazer o entrelaçamento entre as várias questões que são levantadas. Uma interpretação é uma, entre outras possibilidades de compreensão (p.112) "*.

Ao iniciarmos a leitura dos depoimentos, voltamos no tempo e nos pusemos a rememorar o momento exato em que cada participante nos falava de sua experiência. Paralelamente, em nossa mente, foi-se construindo uma espécie de cenário hipotético, onde pesquisadora e depoentes, conversando a um só tempo, todos juntos, discutiam o problema da violência juvenil no Brasil. Foi com esta cena que nos pusemos a conversar com os dados, que conversavam entre si e vimos que alguns temas se revelavam recorrentes às falas dos vários depoentes. Buscamos um entrelaçamento entre eles e percebemos como se uma grande rede estivesse sendo tecida, às várias mãos, como que a mapear uma região que em breve se revelaria em sua magnitude. Aos poucos, fomos nos

dando conta de que o fenômeno da violência juvenil ia-nos sendo revelado. É como se as bases, que dão sustentação ao seu nascimento, lentamente fossem trazidas por cada um e por todos os nossos depoentes ao mesmo tempo. Restava-nos fazer as articulações possíveis e procedermos às interpretações necessárias ao seu desvelamento.

Dos temas que emergiram, vimos que algumas composições se fizeram possíveis, constituindo-se numa espécie de grandes títulos em torno dos quais giraram outros mais, que também contribuem, embora em menor escala, para a constituição do fenômeno da violência juvenil. Assim, eles atuam semelhante ao afluente que, ao ligar-se ao rio principal, o faz avolumar-se na estação das chuvas; entretanto, sem o rio principal, as águas turvas do afluente se dispersariam em seu trajeto e por fim não atingiriam o mar.

Impunha-se, assim, uma metodologia e a compreensão da questão por uma metáfora. No conjunto das narrativas apresentadas, visualizamos uma espécie de bacia hidrográfica, alimentada por quatro grandes rios e pequenos afluentes, embora insignificantes em sua ação particular, mas que podem se transformar na gota d'água necessária ao tempo das enchentes.

Assim, Família, Educação, Mídia e Sociedade, nessa escala de prioridade, constituíram-se, aos olhos dos nossos depoentes, como os grandes rios capazes de levar as águas revoltas da existência de nossos adolescentes ao brávio oceano da violência.

A seguir, deter-nos-emos na discussão de cada um dos temas que emergiram a partir do diálogo que estabelecemos com o conjunto dos pesquisados.

A Família Contemporânea

A família e suas dificuldades se mostraram como um ponto crítico e mais significativo de todas as narrativas. É como se elas se constituíssem num tema central e ao redor do qual gravitassem vários subtemas, como numa espécie de seus desdobramentos. Neste sentido, foi trazida a questão tanto da ‘desestruturação da família’ como a de sua ‘desintegração’, citadas nominalmente pelo juiz e sendo consideradas como causas primeiras da violência juvenil. Vale ressaltar, inclusive, que essa temática, de alguma forma, foi trazida por todos os nossos entrevistados, sendo apontada por eles como presente nas várias famílias, independentemente da classe social a que pertençam. A esse respeito, impõe-se a seguinte reflexão: trata-se de uma questão complexa e seria simplismo de nossa parte associarmos, diretamente, violência juvenil à "desestruturação" ou "desintegração" da família. Sabemos que já não podemos falar num modelo ideal de família, e, muito menos buscarmos nele uma referência para todas as novas configurações que aí estão. O que há, na verdade, é todo um complexo de relações, uma verdadeira teia que se tece em torno dela, em que a falta de vínculos que estimulem e potencializem seus membros mostra-se como o que de mais grave se apresenta, ficando a merecer a nossa reflexão. É como se todos eles estivessem denunciando a um só tempo, a falta de vínculo afetivo entre homens.

Quantos são os lares onde há tantos problemas com a adolescência, devido a esse primeiro fator que eu chamo de desintegração da família. Não é apenas uma desestruturação, é uma falta de forma;

não é uma forma papai, mamãe e filhos não...é uma forma de sentimentos..

Noventa por cento dos casos que eu vejo navegarem pela minha mesa, e não são poucos... são atos infracionais. São tantos que passam de mil facilmente...Em todos podemos perceber a questão da desestruturação, e, em alguns casos, da desintegração da família... Isso observamos em todas as classes sociais...

Dentre as fragilidades apontadas como vividas pela família contemporânea, ressalta-se a falta de compromisso dos pais para com os filhos, sendo apontada como um dos fatores geradores da violência do jovem.

Quantos pais de classe média e classe alta sabem que os filhos estão praticando erros por ai, e, literalmente se omitem...Falta compromisso dos pais...

(...)muitos pais abandonam esses jovens, exploram, manipulam, maltratam, enfim, todo esse tecido da violência vai ter que estourar no menino um dia... e ele vai se tomando cada vez mais violento.

Quando eu falo da impunidade, não falo da impunidade em relação ao infrator, eu falo da impunidade em relação aos pais que proporcionam uma situação de abandono e de violência e, que, muitas vezes, quando vai para a justiça, já está consumada...

Foi dito também que a emancipação da mulher e sua inserção no mercado de trabalho provocaram um remanejamento em seu papel no seio da família, o que repercutiu diretamente sobre a educação dos filhos. Este foi apontado, por nossos depoentes, como um dos fatores a contribuírem para o aumento da violência juvenil, na medida em que gerou uma menor participação da mãe na tarefa de cuidar e de educar seus filhos. Estes, por sua vez, segundo nossos entrevistados, utilizam-se das mais diversas estratégias para terem de volta a atenção e o cuidado dos pais de que necessitam. Assim, neste contexto, a violência apresentar-se-ia como uma dessas possibilidades, e seria preciso chamar a atenção dos pais, que, por estarem permanentemente ausentes, quase que se desincumbiram da arte de cuidar de seus próprios filhos. A violência também se mostraria como uma possibilidade através da qual o jovem busca, do lado de fora, os limites que não foram introjetados em seu processo de subjetivação.

A questão da violência me chama atenção e uma das coisas que eu acho que está mais ligada ao comportamento tanto da criança e, sobretudo, do adolescente é a questão da família. Especialmente da educação familiar. Parece que essa questão ficou um pouco relegada. O fato de a mulher ter saído para trabalhar junto com o marido, e não haver um substituto na família para ela, em termos de educação, isso de alguma forma contribuiu para o surgimento de uma violência civil. Primeiro em casa, e no meu entender, essa desobediência depois foi passada para outros espaços sociais, entre eles a própria escola.

Como um desdobramento da emancipação da mulher, a violência do jovem é apontada como uma forma que o filho encontrou para ter de volta a atenção dos pais, em especial da mãe, percebida pelo filho como roubada pelo mercado de trabalho.

Há uma questão que eu considero grave: jovens e crianças se perguntam: como é que eu chamo atenção?

(..) No caso da criança e do adolescente eles estão querendo chamar a atenção de quem está próximo deles em casa, e não estão conseguindo...

Se os pais estão cada vez mais ausentes, faltam figuras de autoridade que criem as leis e estabeleçam limites.

Os adolescentes violentos carecem de limites. Eles não sabem quais são os limites e estão desafiando até para descobri-los mesmo...

(..) e por isso estão cada vez mais extrapolando seus próprios limites para descobrirem qual é o limite da sociedade, pois essa sociedade não está dando esses limites para eles, não os encontram na família, nem na escola, e muito menos na rua.

Esses traços vão crescendo no dia-a-dia dessas crianças e desses adolescentes até atingirem limites absurdos. É aí que vemos adolescentes da classe média assaltando, puxando carro, queimando Índio, como o caso dos rapazes de Brasília que acabaram incentivando outros casos que apareceram depois. (...) o que esse caso

provocou em outros adolescentes foi também chamar atenção. É como se eles pensassem: "talvez pela mídia eu acabe chamando a atenção do meu pai e da minha mãe, o que eu não consigo dentro de casa, até porque eles nem estão dentro de casa para eu ter essa atenção."

Como pudemos ver, a questão pode nos levar a explicações mesquinhas e maniqueístas, que empobrecem a nossa compreensão e isolam a família em 'indivíduos' passando a culpabilizá-los em seguida.

O tema **Família** possibilitou ainda outras articulações aos nossos depoentes, desta feita com o estado de desamparo do homem contemporâneo. Tendo perdido as antigas referências, próprias do modelo patriarcal de educar, o pai de família se vê diante de uma multiplicidade de novos valores, que por vezes o desnorteiam e desalojam, quando a meta é a educação dos filhos. Este pai da pós-modernidade também pede ajuda. Semelhante a seu filho, também clama por limites para essa busca desordenada por consumir, imposta por uma mentalidade capitalística, que o induz a trabalhar cada vez mais, em troca de uma menor qualidade de vida afetiva e familiar. Tal mentalidade, ao mesmo tempo em que o explora em todos os sentidos, o culpabiliza por seu desempenho, já que as metas propostas são por demais ambiciosas e inatingíveis. Neste sentido, também se ouve o eco dessa inquietação na fala de nossos depoentes. Ali também estão pais analisando-se em seu desempenho.

Sou pai e confesso: não sei o que fazer, como educar meus filhos. As influências são tantas que fogem ao nosso controle. Dever-se-ia criar escola preparatória para pais. Acho que precisamos aprender

como ser pai. Precisamos enfrentar essas situações que nos pegam de surpresa. Nesse sentido me sinto solitário... perdido... é... perdido.

Vivo para o meu trabalho... acho que dedico mais horas ao meu trabalho do que à minha família. Deixo a educação dos filhos por conta de minha mulher... Hoje vejo que deixei demais. Acho que errei nisso. Era cômodo para mim, mas não foi bom para a educação dos meninos.

(...}A verdade é que larguei um pouco a educação dos meninos...

Para mim foi muito duro. Sabe aquela situação que você nunca se imagina nela? Eu não esperava. Foi um choque muito grande. Vi o quanto eu estava distante do meu filho, é como se eu não o reconhecesse mais. Um pesadelo. Nunca pensei que meu filho pudesse atirar de verdade numa criança. ...Eu não fiz nada para impedir esse jeito dele ...para mim foi uma lição... vi que tudo tinha relação... hoje vejo que não acompanhei meu filho e tenho raiva, revolta mesmo... hoje posso dizer que estou mais atento a ele.

Acho que preciso estar mais atenta com o que se passa com nossos filhos. Tenho que conversar mais com eles, acompanhar os pensamentos deles, saber o que eles estão planejando. Já vi que não basta dar os bens materiais e estar com eles todos os dias. Precisamos ajudar nas idéias, nos desejos. Discutir com eles sobre o certo e sobre o errado.

A Educação

Na rede de elementos que vimos ser tecida acerca da violência juvenil a *Educação* aparece como um outro tema significativo. Aparece como se, em articulação com a família, ambas tecessem os fios que dão sustentação ao psiquismo do indivíduo. Se tivesse aparecido em primeiro lugar na fala de nossos depoentes, não causaria nenhum demérito à família, pois é a educação que provê uma sociedade dos valores essenciais, inclusive, para os adultos -e aí estariam os pais -de amanhã. Semelhante à família, a educação, com suas deficiências, é apontada também como vivendo uma enorme crise. Assim nos dizem eles:

A ausência de Educação está intimamente ligada à questão familiar. Para mim, a educação é o segundo fator a ser considerado quando da análise da violência. É a forma mais eficiente e econômica de assistência, porque tem natureza preventiva. Educação não remedeia mal nenhum, ela evita que o mal aconteça e é barato.

Manter uma criança com as necessidades básicas atendidas custa entre R\$ 70,00 e R\$ 150, 00 por mês; manter um infrator institucionalizado custa no mínimo R\$ 1.700,00.

(...) minha mulher é muito nervosa...isso tem dificultado na educação das crianças. Por causa dessa situação, meu sogro dá muita

assistência... Depois desse episódio, vejo que talvez essa ajuda já esteja mais atrapalhando que ajudando... Meu sogro fez demais o gosto desse nosso filho. Deixou-o mal acostumado, pouco preparado para enfrentar as dificuldades da vida.

A verdade é que larguei um pouco a educação dos meninos...

Ao longo das narrativas, a Educação é também discutida enquanto solução para o problema em questão.

(...) com a criança e com o adolescente você tem condições, com certeza, de reeducá-los, tenho convicção plena. Eu já vi adolescente aqui, de nível de periculosidade alto, mas se ele identificar uma mãe, um pai, um apoio, ele deixa a marginalidade sim.

Nós temos o Programa 'Liberdade Assistida' aqui no Recife, que é um programa de medida sócio-educativa em meio aberto, onde 88% dos adolescentes não voltam a praticar ato infracional quando aderem ao programa. .

Chego ao absurdo de rezar por esses marginais. Fico pensando na vida que levam e acho que se não levam outra vida, é por falta de oportunidade. Tantos jovens vagando, sem estudo, sem emprego, o que vão fazer para sobreviver? O que resta é o caminho da droga, do crime...

A escola começou a desenvolver um papel que era antes um papel da família. Se não era a mãe quem o desenvolvia, era o

pai, o avô, a avó. Existia uma figura familiar a qual hoje é menos presente em casa. Houve um agravamento em relação a isso, na medida em que essas crianças e esses adolescentes ficaram, em muito, a mercê da própria mídia.

Enfim, reeducação é a solução. Agora como fazer? Nós estamos aprendendo ainda. Vamos caminhando, colhendo informação e ouvindo todo mundo. É assim a nossa caminhada.

A influência da Mídia

Podemos dizer que outro tema relevante diz respeito à *Mídia*, apontada como possibilitadora de um contexto favorável à expressão da violência juvenil. Ela é vista exatamente como preenchendo as lacunas deixadas pela família e pela educação. A mídia, em especial, a televisão presta-se a exercer as funções de babá, e, muitas vezes, de pai e de mãe na educação das crianças. Atua como repassadora de costumes e de valores. É fonte de lazer. Encontra-se comprometida com uma mentalidade capitalista, deixando-se guiar, na sua quase totalidade, por interesses consumistas e lucrativos. Vejamos o que nos dizem os nossos depoentes:

(...)como a mídia é formadora de opinião, e como tal poderia ter um caráter mais pedagógico, e um pouco de ética, não lhe faria mal, não. Ela ganha dinheiro com isso? Ganha. Ela explora temas da realidade humana? Explora

É como se, em especial, a televisão tivesse virado realmente a babá dessas crianças e jovens, de certa forma, assumindo o papel da mãe e

do pai no sentido de dizer o que é certo e o que é errado. Eu não critico a televisão enquanto veículo...é extremamente poderoso, se bem utilizado. ...mas nós temos que ter alguns critérios no sentido do que pode e do que não pode ser visto. Isto não quer dizer censura. A família é que deve desempenhar esse papel em casa: o que a criança pode e o que não pode ver.

(...) Meu sogro é militar reformado... sempre gostou de armas e sempre deu de presente armas de brinquedo para meus filhos. Sempre brinquedos violentos. Trazia filmes de guerra, de ação, para ver com os meninos. Trazia principalmente para esse filho.

Dentre os desdobramentos a que a reflexão sobre a Mídia remeteu os nossos pesquisados, destacou-se a falta de um compromisso ético, estético e moral a guiá-la na condução da programação que nos oferece.

Ela se defende aqui..quem é que é nocivo aqui, a mídia que mostra o que o povo quer? Ou, ela induz o povo ou o povo induz a mídia?

Se ela tivesse um compromisso maior com a causa da infância, não nos brindaria com programações tão equivocadas.

Eu não estou querendo fazer censura, não sou censor, odeio censura,. acho que tudo parte dos horários apropriados para se exibir a programação.

É preciso se ter um compromisso ético, estético, moral. Eu não sou falso moralista...mas acho que a mídia deveria ter uma responsabilidade profissional de nos poupar 'dessas verdades': ela mostra no vídeo uma criança sendo espancada, torturada, para adultos e crianças assistirem em horário nobre da TV: Aquilo causa comoção...São cenas de uma rudeza nem atribuível a um primata. É cena da rudeza humana, infelizmente da barbárie humana.

A responsabilidade da mídia, em geral, e do comunicador, em particular, no tocante à criação de um clima favorável à expansão da violência, também foi objeto de reflexão de nossos depoentes.

Recife é apontada como uma das cidades do País onde há mais morte de adolescentes. Eu acho que a mídia tem duas responsabilidades neste caso: primeiro, quem é esse jornalista que está dando essas informações? Segundo, com que responsabilidade as dá e como ele trabalha essas informações? ...Qual é o compromisso dele com esses dados? Que análise vai fazer deles? Temos percebido que o aluno de jornalismo acha que a função dele é meramente informar, no sentido de que a notícia foi gerada por alguém que não foi ele. Ele é um repassador daquela informação. A nossa discussão é exatamente inversa. Ele não é um informador, ele é um comunicador. Ele forma opinião. Ele faz com que a sociedade discuta sobre determinadas questões. A postura dele mais crítica vai contribuir para uma sociedade mais crítica.

As pessoas não estão se matando porque estão vendo na televisão a ficção matar. Elas estão se matando porque de fato elas estão se matando. É uma briga de droga, é briga pelo poder, é a corrupção...

Diante dessa angústia social que a gente vive hoje, ... dentro das escolas de comunicação o nosso maior papel é tentar colocar na rua pessoas que tenham uma visão mais crítica diante da sua própria profissão. Menos passivas e menos complacentes com o que acontece. Muitas vezes eu vou lá e noticio que cinco adolescentes foram chacinados. Sim, e daí? Qual é a minha responsabilidade diante disso? Quando é dada uma notícia de chacina onde morreram não sei quantos jovens, essa sociedade tem que se sentir também como cúmplice desse delito, porque ela é cúmplice. É como se estivéssemos a todo momento pactuando com isso. Acrescentar essa reflexão é tarefa do jornalista, mas me parece que não está sendo feito. Essa é a maior lacuna que o jornalismo passou a enfrentar depois da abertura política e da queda da censura.

Hoje, na maioria dos profissionais, há uma certa superficialidade no sentido da cobertura do fato. Vai-se lá e mostra-se o fato e não se mostra o porquê, como começou, qual a consequência e, o principal mostrar que ele não vai terminar ali. Isso é o mais grave. A respeito do índio que foi queimado vivo... o fato desencadeou uma série de outros delitos parecidos, e não houve uma reflexão sobre isso.

A banalização da violência poderia ser entendida como consequência da falta de responsabilidade da mídia para com a notícia, dada a frequência com que se apresenta a temática e do descompromisso do comunicador ao repassá-la à população.

Eu não acho que é só a mídia que é culpada. Existe todo um clima social que está contribuindo para isso. A violência realmente está na rua. Eu diria que há um conjunto de comportamentos que tem contribuído para essa situação, e eu não vejo como sendo uma coisa só da mídia. Ela acaba pecando quando expõe isso com uma certa frequência e de uma forma muito enfática, ...mas, definitivamente, não é a mídia que está fabricando a violência.

Quando a gente fala na influência da mídia na relação com a violência, pensa sempre no lado negativo, mas há um lado positivo também. A mídia, desde que bem trabalhada, ela visa a influenciar de forma positiva nesse trabalho. Eu não acredito nessa história de que a criança assiste a um filme de 'Superman' e vai pular porque assistiu a um filme desse tipo. Ele 'já vinha pulando' há algum tempo, apenas os pais não estavam percebendo. O filme pode ser a gota d'água.

A banalização da violência, mais do que um ato violento, é um pecado da mídia, mas o pecado maior é de como ele é recebido com naturalidade pela sociedade.

O papel da Sociedade

A discussão a respeito do papel da *Sociedade* aparece com sentidos opostos. Ao mesmo tempo em que é mencionada a sua indiferença em relação à causa da infância, até certo ponto entendida como atitude defensiva em face da angústia que demanda a todos nós, vê-se, em seu engajamento, a alternativa de minimização do abandono de crianças e adolescentes, entendido como uma das sementes da violência juvenil. Enfoca-se aí, o descompromisso social. Dentre as várias alternativas positivas adotadas pela sociedade, destaca-se, por outro lado, a criação do ECA-Estatuto da Criança e do Adolescente, o trabalho das organizações governamentais e não governamentais, das associações religiosas e dos grupos de profissionais que, voluntariamente, dedicam parte de seu tempo a esta causa. Foi dito que sem este trabalho, o caos já estaria definitivamente instalado entre nós.

Estamos criando uma 'casca' à guisa de defesa, necessária também, e essa casca está fazendo com que repilamos essa massa de adolescentes, de crianças. Essa massa está sem oportunidade, está sem oportunidade nenhuma.

A sociedade, que antes era mais anestesiada, hoje está mais consciente, está se mobilizando mais, até porque precisa se mobilizar, pois está vendo que está perdendo o próprio rumo.

Graças à sociedade politicamente organizada é que a gente tem ainda um clima de suportabilidade. Se a gente tirasse do contexto de quem trabalha com crianças e adolescentes, as igrejas..., que fazem um trabalho maravilhoso, a UNICEF, as ONG's e as OG 's, todas essas que trabalham mantendo uma estrutura societária básica para a criança, se elas não fazem isso, nós estaríamos perdidos...o caos já estaria, assim, irreversivelmente instalado.

A Casa da Criança, que foi inaugurada recentemente, aqui no Recife, é fruto de um trabalho da sociedade mesmo...profissionais se reuniram e disseram: "Vamos fazer algo pela causa da criança."

(...) por último vem o Estado... o Estado e o Juiz trabalham com consequência. O Estatuto, como projeto de sociedade, coloca o juiz fora do seu bureau. Ele faz com que o juiz seja mais um elo na corrente da prevenção.

Se houvesse um compromisso social de cada um de nós... compromisso não só em relação à criança e ao adolescente, mas em relação à coisa pública também...

É preciso que a sociedade abrace essa questão da reeducação e insira valores novos...

Foi uma experiência muito difícil mas não acho que ela acabou ali. Todo dia há seqüestro. Isso precisa acabar. As autoridades e a

sociedade precisam cuidar melhor das crianças e dos jovens, pois sem escola e sem perspectiva, só vão parar na marginalidade.

Discute-se aqui a noção de sociedade e, ao mesmo tempo, revela-se a implicação de que por Sociedade se quer dizer *'todos e cada um de nós'*, e não somente uma instituição desencarnada a quem se delega a responsabilidade social. Fala-se na necessidade de termos uma Sociedade mais crítica, que verdadeiramente pressione a Mídia no sentido de que esta passe a oferecer um produto de melhor qualidade à população, dada a sua envergadura no seio social como formadora de opinião e de formas de ser. Vale salientar que toda essa reflexão se faz através da educação.

Ouvimos muito que 'o problema é do governo', 'que não é para dar o peixe, é para ensinar a pescar', mas, primeiro levante o indivíduo que está morrendo. Ao mesmo passo, você não pode ser simplesmente caridoso. Eu sou contra essa caridade paternalista e às vezes até cínica dar uma esmolinha no sinal está fazendo com que a rua seja um lugar apazível para essa criança ..às vezes tem todo um esquema de exploração atrás dessa criança.

Nós precisamos de cada um dos membros da sociedade que tem essa consciência de que a criança precisa de investimento, não é marginal, não é bandido, e se está marginalizado, precisa ser recuperado...

Vou falar, pois, quem sabe, eu contribua de alguma forma para diminuir esse absurdo! Acho que a sociedade em geral precisa se

mobilizar. Do jeito que está não dá pra continuar. Meu filho saiu para ir a uma festa e não voltou para casa.

No caso da Mídia, eu acho que já está havendo uma discussão, tanto via Internet, quanto nas Universidades e na própria emissora de Tv. Como o Brasil viveu um período de censura muito grande, na hora em que liberou, todo mundo achou que liberou geral. Perdeu-se um pouco do bom senso. Não é que você não vá mostrar, mas "0 como " você vai mostrar a notícia. Faltam critérios e essa discussão a sociedade tem que cobrar da Mídia, das emissoras, tem que fazer pressão...

2.1 - À guisa de pré - (in) conclusão

Percorremos um longo caminho em busca de melhor compreender o fenômeno que nos demanda. Afinal, como entendemos a violência juvenil hoje? Em que condições ela se manifesta?

Na tentativa de nos respondermos essas questões, buscamos teorias, colhemos depoimentos, dialogamos com os temas que neles emergiram, arriscamos interpretá-los e o que vimos desvelar-se diante de nós? Uma Família fragilizada que não cuida adequadamente de seus filhos? Uma Mídia descomprometida com princípios da Ética e da Moral, interessada apenas nos índices de audiência e na propaganda do produto que mais vende? Uma Sociedade indiferente ao grave problema da exclusão social? Políticos preocupados apenas com seus próprios interesses? Uma Política Educacional que não atende às camadas mais necessitadas da população?

Certamente que todas essas questões foram trazidas, de alguma forma, não apenas por nossos depoentes, como também por vários dos teóricos por nós consultados; todavia, sabemos que o fenômeno da violência juvenil não se explicaria a partir de um mero "sim" que respondêssemos a cada uma dessas questões. Deparamo-nos com uma complexa realidade, em que uma temática se liga à outra, numa tal interdependência a revelar o verdadeiro entrelaçamento de circunstâncias que funcionam como cenário propício à manifestação do fenômeno.

Vimos que não seria o caso de buscarmos culpados diretos. De nada adiantaria, por exemplo, culpabilizar os pais pela violência de seus filhos. Eles

também se encontram situados numa sociedade que não se responsabiliza por seus filhos, todos nós, seus cidadãos.

O tema é complexo e pede novas reflexões. Será que não deveríamos refletir um pouco mais acerca de nossa desresponsabilidade social, em que ficamos a atribuir ao outro a autoria ou a culpa por certos atos, isentando-nos sempre de uma responsabilidade coletiva? Não estaria esta conduta sendo reforçada por uma educação que não faz críticas, e que vem sendo consolidada por uma cultura que tende a encarar tudo como *'natural'*? Achar que a violência que explode nas ruas não nos diz respeito, aponta para a necessidade de um repensar urgente de nossa educação, já que lhe cabe a missão de preservar e de formular novos valores sociais e humanitários. A família, por sua vez, já não estaria a sofrer as marcas da educação e da cultura vigentes, por ser ela fruto de toda essa produção?

Essa angústia coletiva experimentada por todos já não seria uma espécie de sintoma sócio-econômico, alimentado por uma mentalidade capitalística, e cultivado pela cultura do narcisismo e do interesse individual? Reduzindo ao indivíduo e à forma individualista de lidar consigo e com os outros, não estaríamos esquecendo a condição humana que é exatamente a da interpenetrabilidade e, por conseguinte, a do singular no coletivo e a do coletivo no singular?

Tentar compreender a violência juvenil é também tratarmos do desamparo do homem contemporâneo, que, desrespeitado em sua humanidade, tem sido submetido a esse grande mal-estar. Poderíamos dizer que por vivenciar esse mal-estar e por lhe faltar uma forma de reconhecimento outra, a violência se oferece ao adolescente como uma possibilidade? Se boa ou

má, não é o caso de julgarmos aqui. Interessa-nos, no entanto, entendê-la, enquanto a saída que se mostrou possível, oferecendo ao jovem um sentido para o seu desamparo.

Falar no desamparo do homem contemporâneo é ter certeza de interlocução garantida. Muito se tem escrito a esse respeito. Vejamos o que nos diz **PERES** (1999), acerca do assunto:

Não é difícil pensarmos que o homem neste final de milênio e século pode ser considerado como vítima de um grande desamparo. As crises da economia global, o alto nível de desemprego, as mudanças no conceito de trabalho, as crescentes diferenças sociais, as guerras, a fragilização da figura paterna e figuras de autoridade, as alterações nas relações e estruturas familiares, uma desorganização entre o público e o privado, a exploração do universo virtual, confinando o homem a uma vida cada vez mais confinada e segregada, onde até o sexo vem intermediado pelo computador e, sobretudo, a explosão da violência, das drogas e dos atos perversos. Entretanto, se o homem é vítima, ele também é o responsável, o agressor (p.OI).

Finalmente, poderíamos acrescentar a tudo isso que o adolescente violento, objeto de nossas inquietações, é mais vítima que agressor, dado o grau de desamparo que a própria idade lhe confere. Seria essa fragilidade etária uma (in)conclusão satisfatória? Poderíamos compreender a magnitude e complexidade da violência juvenil apenas considerando que o agressor também é uma vítima da organização social contemporânea? Ou, poderíamos encaminhar algumas outras considerações, partindo dessa perspectiva inclusiva de trânsito das posições da subjetividade na fragmentação do social desestabilizante que se evidencia na contemporaneidade? Ousamos tentar...

V - VIOLÊNCIA E DESAMPARO -Uma Articulação Possível?

"A pedra não tem necessidade nem do sol nem da água para viver; as plantas têm necessidade da água, da terra, do sol e das pedras para existir; os animais têm necessidade das plantas, das pedras, da água, do sol e da terra para subsistir; os homens têm necessidade dos animais, das plantas, das pedras, da terra, da água e do sol para sobreviver; o homem é, portanto, o mais dependente de todos os seres."

Guy Comeau,
parafraçando Poeta Ameríndio

Antes de pensarmos o desamparo do homem contemporâneo, objeto de estudo dos vários teóricos e abordagens, faz-se necessário tecermos algumas considerações acerca do desamparo ontológico, condição primeira de ser no mundo. Por ontológico se quer dizer a preocupação com o modo de ser das coisas. Amparados em HEIDEGGER(1993), poderíamos dizer que a condição de desamparo do homem é a sua própria condição humana. É a condição de lançar-se, de estar lançado. O homem nunca "É", e o que descreve o seu modo de ser, é um eterno vir 'A SER'. Modo de ser no mundo, aberto a possibilidades, e, nessa medida, o homem é constituído por constituir sua historicidade. Ele é que se faz frente às afetações e compreensões nessa sua condição de lançado no mundo. Ele não tem um lugar específico; ele é um peregrino da existência. Neste sentido, o homem será sempre entendido como possibilidade: o ofício de ser. Reconhecer esta condição é a maneira de encontrar a forma de bem viver e de produzir, sem, para tanto, precisar negá-la. Assim, seria a possibilidade dos 'desamparados' - condição ontológica da qual não poderíamos escapar - de reconhecê-la e nela encontrar saídas criativas para a nossa existência. Encará-la é a possibilidade que temos de dar-lhe destino; caso contrário, cair na situação de desamparo consistiria, para o homem, ser lançado subitamente a

um estado de desmoronamento de sua organização psíquica, construída em torno das ilusões de garantias e certezas. Na visão heideggeriana, o desamparo não seria despotencializador nem gerador de violência. Seria sim, pura possibilidade.

Por outro lado, para a Psicanálise, amparados em LAPLANCHE e PONTALIS (1970), o sentido de desamparo reflete o estado de impotência do bebê, que fica inteiramente a depender de outra pessoa para a satisfação de suas necessidades. Diz da condição daquele que demanda algum outro para por fim à tensão interna por ele experimentada nessa espera.

Tomando por um lado uma visão filosófica e por outro uma visão psicológica, ambas parecem apontar para o desamparo como expressão da condição de fragilidade humana. E se a tudo isso se somar a situação de desamparo do homem contemporâneo, que vive a experiência de submissão a uma cultura utilitária e mercantilista? Nessa medida, como a cultura entraria a servir de lastro ao solo em que pisa o homem de nossos dias? Não estaria ele lançado a uma condição de precariedade, largado à deriva do '*destino*', privado de quaisquer garantias? Nessa perspectiva, o abandono concreto em que vivem muitos de nossos adolescentes, não escancararia o desamparo existencial no qual estamos todos mergulhados como condição humana?

Contudo, não vivemos com essa condição o tempo todo. Em alguns momentos ela se agudiza e se apresenta como uma força muito grande que chamamos 'crise' e aí ocorrendo uma reconfiguração da subjetividade. O que dizer, no entanto, dos inúmeros adolescentes brasileiros, que teriam de enfrentar situações de confronto com o desamparo que nossa própria cultura lhes impõe? O que de particular estaríamos produzindo em nossa organização social a ponto de levar muitos de nossos adolescentes a lançarem mão de atos tão estranhos e violentos,

e de forma tão recorrente quanto o da morte do índio Pataxó e de tantos outros igualmente chocantes e hediondos?

O Brasil sempre chamou a atenção de organismos internacionais por suas grandes desigualdades sociais. Este fato tem marcado a nossa história de nação e representa um dos grandes problemas de nossa sociedade contemporânea. O mais grave de tudo isso é que esta desigualdade social a que nos referimos, não tem sido suavizada, apesar do progresso e dos avanços alcançados pelo país, ao longo dos anos e nos mais diversos setores. Todos sabemos que o Brasil é um dos países com pior distribuição de renda do mundo.

Ressalte-se, ainda, em nossa cultura, a existência de uma espécie de política do extermínio percorrendo os diversos segmentos sociais, para além das condições sócio-econômicas. Ao invés de se olhar essa política, chega-se a dizer que violência e pobreza andam juntas. A esse respeito, ARPINT (1999) nos diz que, historicamente, no Brasil, as diferenças sócio-econômicas acabam por associar violência à pobreza, vadiagem à marginalidade, num processo acusatório e preconceituoso das elites, onde se estabelece uma relação superficial de causa e efeito, que leva a obscurecer o entendimento do que verdadeiramente se passa com a pobreza e sobretudo com os adolescentes. Diz-nos ainda a autora:

Não podemos deixar de considerar como nossa sociedade de consumo valoriza os que têm e os que se dão bem economicamente, não se importando muito com os meios para se chegar a ter e possuir o que se tem. Esse fato pode muitas vezes, ser interpretado como estímulo à malandragem, isto é, não é mais moderno ser 'certinho' numa sociedade que não estima esse valor, tomando como ingenuidade respeitar as regras, ser responsável. A lógica social é esta: quem é malandro, obtém sucesso, pois sai na frente, esse é o modelo para os adolescentes, é o modelo que a sociedade oferece (p. J 09).

Toda a desigualdade social que vivenciamos, tem tido inúmeras repercussões sobre a sociedade em geral, e sobre os jovens da classe menos

favorecida, em particular. Estes se deparam com a falta de recursos, o que os obriga, desde muito cedo, a abandonarem os estudos para trabalhar. Muitos, não encontrando emprego, buscam nas igrejas e nas seitas as respostas para suas inquietações; outros tantos, procuram nas drogas um alento para suas angústias, e, alguns outros, vêem no crime sua grande perspectiva de futuro. Tal situação aponta para um descompromisso do poder público para com a juventude em especial, e para a desresponsabilidade da sociedade em geral.

Compreendemos que não é apenas a exclusão social que produz violência. Entendemos também que, por si só, a exclusão social não é ruim, nem negativa. Neste sentido, ela apenas guarda consigo a idéia de pertencimento a um grupo, e de não pertencimento a outro. Todavia, ela se toma ameaçadora na medida em que representa a negação do outro e o não reconhecimento do sujeito em sua alteridade. Aliás, este tem se revelado um traço característico do homem contemporâneo. Assim, ganha lugar o esvaziamento do público - espaço das trocas e das discussões - e exacerba-se o privado, com ênfase no individual, empobrecendo as relações e restringindo cada vez mais a participação do sujeito nos movimentos coletivos. Na esteira desta exclusão, há espaço não apenas para a violência, mas, também, para muitas outras formas de condutas divergentes.

A violência também pode se revelar como a manifestação de desespero do homem contemporâneo, que, fragilizado e impotente, desumaniza o homem de sua condição e de suas potencialidades, fazendo dele um mero produto a serviço de uma mentalidade capitalística e utilitária, que transcende o homem, embora se dizendo em benefício da humanidade. Neste sentido, PERES (1999) nos diz que o homem de nossos dias tem vivido a passagem de um século acentuadamente marcado pela violência, no sentido amplo das grandes guerras e revoluções, e

no sentido particular da turbulência vivida nas relações interpessoais. Diz, ainda, tratar-se de um homem que perdeu a estabilidade que a sociedade tradicional lhe oferecia através da limitação da liberdade individual e de um assujeitamento a padrões preestabelecidos, e, em seu lugar, ganhou uma promessa de conquistas ilimitadas, pelas quais, em princípio, tudo é possível, e as únicas barreiras enfrentadas são as impostas pela própria responsabilidade. Diz, mais adiante, que essa liberdade representa a própria discordância entre o que é oferecido e o que acaba por se tornar possível *"Uma discordância entre um ideal do eu e um eu-ideal (p. 7)."* Caracterizar-se-ia, assim, como uma patologia do narcisismo. Por patologia aqui queremos dizer sofrimento e dor através de 'páthos'.

O tema do desamparo nos conduz à questão do narcisismo. Neste sentido, BIRMAN (2000, p. 24-25) nos diz que, na atualidade, presenciamos a *"uma auto-exaltação desmensurada da individualidade no mundo do espetacular fosforescente"*, o que implica na crescente *"volatilização da solidariedade"*. Para o autor, a solidariedade seria o correlato de relações humanas fundamentadas na alteridade; mas, para que isso ocorresse, seria necessário o reconhecimento do *"outro na diferença e na singularidade, atributos da alteridade."* E não é isso o que presenciamos. As relações interpessoais têm sido marcadas pelo crivo do interesse econômico e da possibilidade de ascensão que elas possam oferecer. Para BIRMAN (2000),

O que justamente caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesma. (...) o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto. (...) o outro lhe serve apenas como um instrumento para o incremento da auto-imagem, podendo ser eliminado como um dejetivo quando não mais servir para essa junção abjeta (idem).

Ainda, segundo BIRMAN (2000), a cultura do narcisismo e a sociedade do espetáculo se configuram como um dos cenários propícios à explosão da violência que presenciamos, inclusive facilitando o surgimento das configurações inéditas e de formas diversas assumidas na constituição de subjetividade. A esse respeito, refere-se às práticas neonazistas que tentam ressurgir em lugares e momentos diversos de nossa existência cotidiana, reafirmando o desrespeito ao outro e o desconhecimento de sua diferença. Diz-nos ainda o autor:

(...) saquear o outro naquilo que este tem de essencial e inalienável, se transforma quase no credo nosso de cada dia. A eliminação do outro, se este resiste e faz obstáculo ao gozo do sujeito, nos dias atuais se impõe como uma banalidade. A morte e o assassinato, assim, se impuseram na cena cotidiana como trivialidades. Neste contexto, surge até mesmo uma nova categoria de desviantes, as crianças, cujos crimes estão aumentando nos Estados Unidos e na Inglaterra (p.25-26).

Dada a sua complexidade e ao entrelaçamento da teia que se constrói ao seu redor, a análise da violência juvenil tem nos levado às mais variadas reflexões. Entendida enquanto figura de subjetivação, não pretendemos colocá-la em julgamento e, sim buscarmos as articulações que se façam necessárias à sua maior compreensão. Neste sentido, devemos puxar os fios da teia que estamos tecendo desde o início deste trabalho. Invocando nossos depoentes, vimos que na fala de todos eles, em maior ou menor proporção, ao pensar sobre violência juvenil, de pronto apontaram para questões que envolvem a *Família* contemporânea, suas dificuldades e descompromissos; para a *Mídia* e seus escusos interesses econômicos; para uma *Sociedade* indiferente e egoísta, que já se acostumou com a injustiça social, até mesmo como defesa contra a angústia que tudo isso gera no cidadão; e, finalmente, para a questão da *Educação* que, apesar de sua importância e necessidade de permear todos os segmentos, mostra-se limitada em seu alcance e inoperante em sua ação.

Prosseguimos tecendo a nossa teia. Desta feita é com a Ética que precisamos dialogar. Ela nos demanda um pouco de nossa atenção. Se não o fizermos, corremos o risco de nos tomarmos simplistas e superficiais em nossa reflexão, deixando de considerar o mais importante princípio ordenador da vida social. Digamos, pois, como ROLNIK (1997), num dado momento de suas reflexões:

Ufa, aqui a paisagem escureceu sensivelmente; o ar ficou tão carregado que mal se consegue respirar. É como se a vida estivesse definhando. Coloca-se então uma questão ética: a potência criadora da vida encontra-se em perigo. (...) nos defrontamos com uma região onde as paisagens da subjetividade e da ética se encontram. Mas que território identifiquei como sendo o da ética? O território formado pela relação que cada indivíduo estabelece com a irremediável inconciliabilidade entre o ilimitado movimento de forças que formam diagramas e a finitude dos mundos ditados por cada um deles (p.3i).

Será que poderíamos dizer que é com a 'morte' da Ética - esta aqui compreendida enquanto acolhimento do outro - que a cultura da violência encontraria espaço para sua proliferação? Seriam ambas necessariamente excludentes em seu nascedouro, em que, existindo uma, decididamente não haveria lugar para a outra? Uma cultura que alimenta e estimula todo um sistema planejado de violência, cujas instâncias sociais responsáveis pela ordem pública, em especial o Estado, transgridem em suas ações, não estaria denunciando a falência fundamental de seus pressupostos éticos? Perguntemo-nos, pois, semelhante a BIRMAN (1994, p.183), se respeita a Ética ou, se pelo menos, preocupa-se em adotar postura ética uma sociedade *"quando passa a assassinar cruelmente crianças em massa, a estuprar brutalmente crianças e adolescentes em proporções assustadoras, a matar velhos indefesos para roubar uma ninharia, a difundir a criminalidade na infância de maneira quase infinita e desorganizada?"* Certamente que a resposta será 'não'.

Em que consistiria exatamente a Ética? O que é ser ético? Neste instante, algumas definições se fazem necessárias à nossa compreensão. Recorramos, pois, a CHAUI (1999). Para esta autora, numa visão geral,

(...) "Ética" é aquela parte da filosofia que se dedica à análise dos próprios valores e das condutas humanas, indagando sobre seu sentido, sua origem, seus fundamentos e finalidades (p.OI).

Ainda no mesmo texto, intitulado "Uma ideologia perversa", a autora analisando a ação ética, diz que ela só acontece *"se realizar a natureza racional, livre e responsável do sujeito e se este respeitar a racional idade, liberdade e responsabilidade dos outros agentes, de sorte que a subjetividade ética é uma intersubjetividade socialmente determinada."* (*idem*) Neste sentido, não fica difícil concluir que ética e violência caminham em sentidos opostos. Uma ação da violência se concretiza, na medida em que impede a realização da natureza racional do homem, não o respeita em sua liberdade e em sua responsabilidade, desconhecendo a noção de intersubjetividade. A ética é antes de tudo uma maneira de agir, no que caracteriza um jeito de ser. Vista desta forma, a Ética não é algo a que se possa *"retomar"*, como nos diz a autora, quando as ameaças da violência parecem nos intimidar. Sem uma Ética estimuladora da humanidade do ser, baseada na justiça e no respeito ao outro, a violência ganhará espaço entre os povos, comprometendo a vida política das sociedades, cuja conseqüência poderá nos conduzir de volta à barbárie, coisa que imaginávamos pertencer apenas aos livros de história.

Em face de todo este cenário, não é difícil tentarmos articular violência e desamparo. São dificuldades de toda ordem, que, ao incidirem sobre o homem de nossos dias, transformam-se num fardo insuportavelmente pesado. São problemas vividos na família que, quando somados às condições do social e do político,

criam profundos mal-estares, capazes de gerar carências de diferentes graus e, conseqüentemente, problemáticas cujas fissuras são perfeitamente articuláveis com patologias e condutas divergentes as mais diversas. Tais condutas, parecem guardar estreita relação com o desamparo com que o homem contemporâneo parece custear sua ânsia de liberdade e enfrentar os imperativos de nossa atualidade. Assim, violência poderia ser vista como a negação do outro, e, desamparo, enquanto condição que advém da possibilidade de ser negado e de não ser reconhecido enquanto sujeito ético.

E a violência juvenil? Seria ela a própria expressão desse mesmo mal-estar vivido pela juventude? Seria o seu clamor por uma família em que os vínculos estabelecidos por ela melhor expressassem a arte de cuidar de seus próprios filhos? Representaria também um grito de revolta desse jovem contra governantes que o excluem das estatísticas assistenciais, que desviam os recursos destinados à sua educação e saúde, que lhe negam o direito à segurança e o respeito à sua integridade física e moral? Seria ela, ainda, a expressão de revolta desse jovem contra um tempo que transforma o outro em objeto descartável, vendido a qualquer preço pela publicidade?

Por tudo isso que vimos, poderíamos dizer que vivemos a experiência do caos. MORAIS (1995) nos diz que, o tamanho do possível não é o do imediatamente dado, e é exatamente por esta razão que temos que arregaçar as mangas e insistirmos na reconstrução de um mundo melhor e mais humano. Que ao homem contemporâneo não só lhe reste experimentar a negatividade do caos, mas que lhe seja possibilitada a oportunidade de vivenciá-lo em sua positividade. Se assim o fizermos, estaremos contribuindo para o nascimento de um novo modo

de subjetivação, na base da abertura para o outro, e, portanto, para o caos em toda a sua processualidade.

Neste sentido, também nos fala CORNEAU (1997), ao nos dizer que é cada vez mais urgente rompermos o nosso silêncio em relação a todos os desacertos que presenciamos, digam eles respeito à desintegração da família - por desintegração da família queremos dizer o espaçamento dos vínculos afetivos - à opressão sofrida pelo Terceiro Mundo dos países ricos do Ocidente, ou relacionem-se à corrida armamentista levada a cabo pelas grandes potências mundiais ou ainda digam respeito à poluição física e da mídia, que está nos intoxicando e destruindo nossa humanidade. Precisamos falar dos nossos medos e exigir dos governantes que escutem a nossa voz. Ainda nos diz ele:

Se não encontrarmos um sentimento de dependência profunda e de Solidariedade com a humanidade e com o universo inteiro, seja ele mineral, vegetal ou animal, não sobreviveremos. Temos o dever de cuidar dos males que pedem o nosso cuidado. As belas teorias nada farão. Chegou o tempo de nos olharmos de frente e de decidirmos se queremos continuar. A decisão está em nossas mãos. Se não falarmos, não sobreviveremos (p.189).

Estamos chegando ao final de uma dura caminhada. Buscar compreender a violência juvenil, em sua complexa manifestação, revelou-se para nós como uma experiência marcada por tristezas e duras constatações. Em nossa reflexão, demo-nos conta de que não poderíamos separar a violência estrutural, própria de uma nação marcada por uma história de desrespeito e submissão, de outras que chamaríamos de conjunturais, enquanto resultantes de relações interpessoais, e como tal, dependente da estrutura social e da cultura.

Realizar este trabalho constituiu-se para nós um grande desafio. Sentimo-nos como se uma enorme montanha se interpusesse entre o nosso olhar e a paisagem que nos levaria a um novo horizonte. A injustiça, a exclusão social, a

concentração de renda, a corrupção, fazem do Brasil um País doente. No entanto, se nos debruçarmos na espreita de seu povo, vamos encontrar uma gente extraordinariamente corajosa, criativa e versátil, cuja capacidade de superação das dificuldades provoca inveja em qualquer cidadão do mundo. É como se, enquanto nação, encarnássemos a dupla face do caos. Somos perigo, mas ao mesmo tempo possibilidade.

Por todo esse cenário até então apresentado, sabemos o quanto é difícil *'adolescer'* no Brasil. Isto muito nos inquieta. O cansaço da escalada insiste em nos abater. Perseverantes e buscando alternativas, encontramos em FIGUEIREDO (1997) um parceiro com quem dividir as nossas inquietações neste instante. A possibilidade de partilharmos o tema nos revigora. Assim como nós o fazemos, ele também se pergunta a si mesmo:

(..) não se tomará o adolescente brasileiro um verdadeiro pára-raio das nossas impropriedades, com uma sensibilidade apurada para as inconsistências do meio em que vive? Não se transformará assim, em um elo importante para a transmissão e potencialização da violência social? Em contrapartida, poderíamos imaginar quanto é difícil para o mundo adulto marcado pelas impropriedades responder de forma continente, estável e segura aos desafios que o adolescente lhe endereça. O enfrentamento da imaturidade adolescente é sempre problemático em qualquer sociedade. Como as dificuldades devem crescer quando toda a cultura, quando o regime de sociabilidade dominante está ele mesmo às voltas com suas próprias impropriedades, dilacerado pelas múltiplas violências a que estive aludindo ao longo deste trabalho! Poderíamos daí extrair a hipótese de que há um sofrimento adolescente no Brasil, maior do que seria o esperado em culturas menos cindidas e constitutivas de subjetividades menos dissociadas. Assim, caberia talvez perguntar, antes até de nos indagarmos sobre o que podemos fazer pelos adolescentes brasileiros: o que estamos fazendo por nós mesmos (p. 64)?

Por tudo que vimos, não seria difícil associarmos violência a desamparo, na atualidade, e muito menos na realidade brasileira. Se ao adolescente é negada a oportunidade de sustentação de uma subjetividade bem constituída, a violência se apresenta como uma possibilidade. Poderíamos dizer, ainda, que, ao longo do

nosso trajeto, estivemos frente a frente não apenas com o desamparo do adolescente, mas, também, com a condição humana de desamparo.

Desamparo, exclusão social, desrespeito, corrupção, cultura do narcisismo, sociedade do espetáculo. E a *Violência*? Por acaso destoaria desse cenário de desrespeito à humanidade do homem se aí a colocássemos como uma decorrência desses tantos fenômenos em articulação, colocados como condição imposta ao adolescente brasileiro? Pouco importa. É preciso que acreditemos no caráter intrinsecamente processual de constituição de sua subjetividade. Faz-se necessário entendê-lo em sua luta interna e nas diversas formas de expressão que ele tem escolhido para falar de seu mal-estar de homem contemporâneo, inquieto e desamparado. Novamente, recorremos a **ROLNIK** (1996), desta feita quando nos fala dessa surpreendente relação do homem com o caos:

O homem contemporâneo vive uma intensificação da experiência de ruptura, ao mesmo tempo em que se encontra em plena transformação o modo como esta experiência o afeta. (...) é a relação do homem com o caos o que está em jogo nesta transição. De negativo da ordem, o caos passa a ser considerado como tendência a uma evolução contínua e irreversível, na qual vão se produzindo uma diferenciação e uma complexificação cada vez maiores. Esta delicada transição que o homem vem efetuando na contemporaneidade não se dá apenas no plano do próprio modo de subjetivação. O caos, ao deixar de ser vivido como negativo da ordem e, portanto, como fatal, toma-se menos aterrador. (...) E o que vai nascendo é um modo de subjetivação constituído na base da abertura para o outro e, portanto, para o caos. Uma subjetividade intrinsecamente processual (p. 13-14).

Estamos certos de que, por piores que sejam as circunstâncias, a vida pede passagem. Ignorarmos o seu apelo significa deixarmo-nos abater pela destrutividade do caos, considerando-o apenas em sua negatividade. No jogo de forças que constituem a vida, o caos é perigo ao mesmo tempo que possibilidade. Em sua trajetória, não poderíamos dizer que o nosso adolescente, semelhante ao fênix, estaria, através da violência, procurando ressurgir das cinzas? Não estaria ele encarnando o caos em suas múltiplas possibilidades?

Acreditamos que é difícil e lento se mudar comportamento. Sabemos o quanto custa à sociedade contemporânea mexer nos interesses econômicos que movem as relações; entretanto, é preciso começar. Muitas vezes, temos que lançar mão de vários instrumentos ao mesmo tempo, e, tudo isso exige paciência e perseverança de quem o faz. Todavia, uma vez deflagrado o processo, acreditamos que ele se autodeterminará.

Finalmente, encontramos em ROLNIK (1996) as palavras que neste momento, exprimem o nosso pensamento:

Realizar esta travessia, no entanto, não é tão simples assim: libertar a subjetividade da tutela do terror em relação ao outro e ao caos, passa, necessariamente, pela conquista da possibilidade de experimentá-los. Ora, muito em nós e ao nosso redor funciona ainda como força que se opõe a isso. Mas também, sem dúvida alguma, algo em nós e ao nosso redor funciona como força a favor (p.14).

Se enxergarmos essa verdade, conseguiremos ver que esse movimento que nos arrebatava em nossa existência, é a própria vida pulsando em nós. Ela se utiliza de diferentes formas e linguagens; algumas vezes, é forte e impiedosa; outras, criativa e surpreendente, mas, sempre a vida nos pedir passagem. Se algumas vezes ela precisa de nós para completar o seu percurso junto a outros, sejamos *ponte*. Amanhã, quem sabe, seremos novamente *destino*. É a permanente manifestação do caos em sua intrínseca processualidade. É a própria expressão da vida, nos seus ciclos de vida e de morte.

Desrespeito, narcisismo, corrupção, individualismo, descompromisso, indiferença, falta de Ética: VIOLÊNCIA e DESAMPARO.

Família, caos, antropofagia, processualidade, mídia, malandragem, jeitinho brasileiro, arte, cultura, educação, negatividade, sociedade, ciclos da vida: VIDA e MORTE.

Ciclos que se sucedem. Caos, processualidade, VIDA. Para cada época, uma linguagem. Mais ou menos complexa, a depender dos elementos de que dispõe para se expressar, mas, sempre a vida em sua expressão. Seus ciclos. Processos de vida intrinsecamente ligados aos processos de morte. Indissociáveis sempre. Energia pulsante. Ora refinada e trabalhada, ora primitiva e brutal, mas a energia da vida pedindo passagem. Se em nossa época a vida precisou utilizar-se de formas tão duras e cruéis, é porque, para se impor, ela necessita enfrentar e remover obstáculos igualmente duros e contundentes.

Caos, processualidade, *vida* e *morte*. É a mesma polaridade. São pólos como o são, *violência* e *desamparo*. Talvez a violência seja um outro modo de ser, malgrado, por vezes, dado o grau de sofrimento que ela impinge, mas, certamente, como o que se mostrou possível.

Por tudo que vimos ao longo de nosso trajeto, permitimo-nos ousar: tudo isso que discutimos até então, faz parte dessa condição de desamparo, condição essa também refletida na sociedade, como criação humana que é.

Criador e criatura, violentos e desamparados, à mercê do caos de si mesmos e de sua produção de sentido.

VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

AMAZONAS, M. C. L. A. **Uma Redescção da Família e a Função Paterna.** Texto apresentado em uma mesa-redonda sobre “família Contemporânea: Aspectos Psicossociais e Jurídicos” durante a 2ª Mostra de Pesquisa-Pós-Graduação e Extensão - Departamento de Psicologia-UNICAP -Recife-2001, Mimeo

ANDRADE, O. A **Utopia Antropofágica.** São Paulo: Editora Globo S. A, 1990.

ARPINT, D. M. **Adolescência e Violência: Reflexões a partir da História.** Revista Psicologia Argumento – Departamento de Psicologia – PUC - PR, Ano XVII, No. XXIV, abril/ 1999.

BOFF, L. **Depois de 500 anos - Que Brasil Queremos?** - Petrópolis: Editora Vozes, 2000

BENJAMIN, W. **O Narrador**, in: Textos Escolhidos, Walter Benjamin e Outros, tradução de GRÜNNEWALD, J. L., São Paulo: Abril Cultural, 1980 -Os Pensadores

_____. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985 -Obras Escolhidas, V.1

BIRMAN, J. **Mal-Estar na Atualidade - A psicanálise e as novas formas de subjetivação.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

CALLIGARIS, C. **Helio Brasil! Notas de um Psicanalista Europeu Viajando ao Brasil.** São Paulo: Escuta, 1996.

CALLIGARIS, C. Entrevista - concedida à **Rede Record de Televisão**, ao Jornalista Bóris Casóí, em 16.09.2001, às 23 horas, São Paulo.

CARELLI, G. - O Sexo Começa Cedo e Com Ousadia, **Revista VEJA**, no.1738, de 13.02.2002, Editora ABRIL, SP

CARNEIRO, T. F. **Casal e Família - Entre a Tradição e a Transformação**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

CARVALHO, A., RODRIGUES, M. e SIMAS FILHO, M. - Somos Todos Refêns - **Revista ISTOÉ**, no. 1666, de 05.09.2001, Editora Três Ltda, SP .

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

_____ **Uma Ideologia Perversa**. Artigo publicado na Folha de São Paulo, Especial para a Folha Editora: MAIS! Edição no. 25.547, de 14.03.1999

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

COLONNESSE, F. As Interferências da Mídia no Processo de Identificação do Adolescente. in: LEVISK, D.L. (org.). **Adolescência: pelos Caminhos da Violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

CORNEAU, G. **Pai Ausente Filho Carente - O que aconteceu com os Homens?** São Paulo: Ed. Brasiliense S/A, 1997.

COSTA, J. F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999

_____ **Violência e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Graal Ltda, 1986.

DAMATTA, R. **O que faz o brasil Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986

DEBORD, G. **La Societé du Spectable.** Paris: Gallimard, 1992

DIMENSTEIN, G. Entrevista. in: **Oficina**, Ano 1, no. 1, Belo Horizonte: FUMEC-Faculdade de Ciências Humanas, 1993

ENRIQUEZ, E. **O Papel do Sujeito Humano na Dinâmica Social**, in: MACHADO, M. N. da M. E Outros (org.) **Psicossociologia - Análise Social e Intervenção.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001

FERRARI, M. e KALOUSTIAN, S. M. Introdução. in: KALOUSTIAN, S.M. (org.) - **Família Brasileira - a base de tudo.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF, 1994

FIGUEIREDO, L.C. Adolescência e Violência - Considerações sobre o caso brasileiro. **Boletim de Novidades Pulsional.** Adolescência e Outros Trabalhos. Centro de Psicanálise. Livraria Pulsional. São Paulo, Março, 1997

GOLDEMBERG, G. W. O Pai Simbólico está Ausente. in: LEVISKY, D.L. (org.) **Adolescência -Pelos Caminhos da Violência- O Pai Simbólico está Ausente na Criança e nos Adolescentes Infratores.** São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda, 1998.

GUATTARI, F. **Caosmose - Um Novo Paradigma Estético.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

GRANATO, A., DE MARI, J. Unidos pelo divórcio: os meus, os seus, os nossos. **Revista Veja**, v. 32, n. 11, p. 108-115, março, 1996.

HEIDEGGER, M. - **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti, Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

JAVOSKI, V. As Lilis Carabinas - **Revista Época**, No. 184, de 26.11.2001, Editora Editora Globo, RJ

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1970

LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1988

LEVISKY, D. L. **Adolescência e Violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997

_____ (org.) **Adolescência e Violência, pelos Caminhos da Violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998

LIMA, A .O. **Efeitos Postraumáticos en la Organización Psíquica de Una Niña que há visto que su padre asesinó a su madre: un estudio de caso**. Tese de Doutorado. Universidad de Deusto, Bilbao, 1998

MAFFESOLI, M. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998

MEZAN, R. O Mal-Estar, Freud e a Modernidade -**Revista VEJA**, 27.12.2000, Editora ABRIL, São Paulo.

MINAYO, M.C. S. **O Desafio do Conhecimento -Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC -ABRASCO, 1999

MORAIS, R. **Violência e Educação.** Campinas: São Paulo, 1995

MORATO, H. T. P. e SCHMIDT, M. L. S. Aprendizagem Significativa e Experiência: Um Grupo de Encontro em Instituição Acadêmica, in: MORATO, H. T. P. (org.), **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa. Novos Desafios.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999

OLIVEIRA, J.G. **Adolescente: Percepção da Adolescência e da Relação com a Família Contemporânea** - Dissertação de Mestrado, Recife: UNICAP, 2000

OLIVEIRA, I.D. e DIAS, C.M.S.B. Família pós-moderna, construção da subjetividade e escolha profissional. **Revista Symposium**, Ano 4. Número Especial, Recife: UNICAP, Dezembro, 2000

OSÓRIO, L. C. **Família Hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PERES, U.T. **O Desamparo do Homem Contemporâneo** - Palestra proferida no V Fórum Brasileiro de Psicanálise e Desamparo. Recife: coord. CPP, 09.09.1999.

RIBEIRO, D. **Os Brasileiros.** Livro I - Teoria do Brasil. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985

ROCHA, Z. A questão da diferença e do sujeito no horizonte filosófico da crítica da racionalidade moderna. **Síntese - Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v.21.p.439-477, 1994

ROJAS, M.C. Realidad psíquica, vincular y social. Funciones del lazo familiar. in: **Malestar en los Vínculos - Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculares.** Buenos Aires: Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo, marzo, 1998

ROJAS, M. C. e STERNBACH, S. **Entre Dos Siglos - Una Lectura Psicoanalítica de la Posmodernidad**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1994

ROLNIK, S. **Subjetividade e História**. Mesa Redonda no Curso de Psicanálise. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1992, Mimeo

_____ **Guattari e o Brasil Antropofágico**. Texto Apresentado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC, São Paulo, 1998

ROLNIK, S. e GUATTARI, F. **Micropolítica - Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993.

_____ ROLNIK, S. - Uma Insólita Viagem à Subjetividade - Fronteiras com a Ética e com a Cultura, in: LINS, D. (org.) **Cultura e Subjetividade, Saberes Nômades**. Campinas: Papyrus, 1997.

_____ Apresentação da Obra. in: FIGUEIREDO, L.C. **A Invenção do Psicológico - Quatro Séculos de Subjetivação (1500-1900)**. São Paulo: Ed. Escuta, 1996

SANTOS, B. S. - **Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós - Modernidade**. São Paulo: Cortez, 1999.

SCHMIDT, M.L.S. **A Experiência de Psicólogas na Comunicação de Massa**. Tese de Doutorado. São Paulo: Instituto de Psicologia, USP, 1990

SCHNITMAN, D. F. (org.). **Novos Paradigmas - Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SILVA, N. P. **Avôs e Avós: Percepção do Papel**. Dissertação de Mestrado, UFPB, João Pessoa, 1999

SODRÉ, M. **A Máquina de Narciso - Televisão, Indivíduo e Poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Achiamé Ltda, 1984.

SOUZA, A. M. N. **A Família e Seu Espaço: uma proposta de terapia familiar**. Rio de Janeiro: Agir, 1997

SOUZA, S. R. L. **A Experiência de Adolescentes Abandonados e Institucionalizados Frente ao Desligamento Institucional**. Dissertação de Mestrado, Recife: UNICAP, 2001

SUAREZ, E.M. e QUESADA, C. A Comunicação como Instrumento de Mudança Social in: **A Família Ameaçada -Violência Doméstica nas Américas**, Rio de Janeiro: FGV, 2000.

THIOLENT, M. **Metodologia da Pesquisa - Ação**. São Paulo: Cortez, 1986

ZALUAR, A. Pra Não Dizer Que Não Falei de Samba: Os Enigmas da Violência no Brasil. in: SCHWARCZ,L.M. (org.). **História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, volume 4.